

OLINDA TEREZINHA FERNANDES SCHAUFFERT

**A FESTA DO DIVINO ESPIRÍTO SANTO EM PENHA – SC: ANÁLISE TURÍSTICA
E ANTROPOLÓGICA DOS RITUAIS DE PREPARAÇÃO DA FESTA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ – UNIVALI
Centro de Educação Balneário Camboriú
Balneário Camboriú (SC)
Novembro de 2003

OLINDA TEREZINHA FERNANDES SCHAUFFERT

**A FESTA DO DIVINO ESPIRÍTO SANTO EM PENHA – SC: ANÁLISE TURÍSTICA
E ANTROPOLÓGICA DOS RITUAIS DE PREPARAÇÃO DA FESTA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção de título de mestre em Turismo e Hotelaria, Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Turismo e Hotelaria – Mestrado Acadêmico, da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI.

Orientadora: Prof^ª Dra Yolanda Flores e Silva

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ – UNIVALI
Centro de Educação Balneário Camboriú
Balneário Camboriú (SC)
Novembro de 2003

OLINDA TEREZINHA FERNANDES SCHAUFFERT

**A FESTA DO DIVINO ESPIRÍTO SANTO EM PENHA – SC: ANÁLISE TURÍSTICA
E ANTROPOLÓGICA DOS RITUAIS DE PREPARAÇÃO DA FESTA**

Dissertação apresentada e julgada no Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Turismo e Hotelaria – Mestrado acadêmico, da Universidade do Vale do Itajaí, Campus de Balneário Camboriú, para obtenção do título de mestre em Turismo e Hotelaria pela seguinte banca examinadora:

Orientadora: Prof^ª Dra Yolanda Flores e Silva (UNIVALI)

Examinadora: Prof^ª Dra Elizabete Tamanini (IELUSC)

Examinadora: Prof^ª Dra Roselys Isabel Correa dos Santos (UNIVALI)

Prof. Dr. Aldo Litaiff (UFSC)

Prof^ª Dra Célia Maria Dias (Suplente)

Aos meus filhos Thomaz e Sophia.

*Aos Foliões, Imperadores e Comunidade de Penha envolvidos nos preparativos da Festa do
Divino Espírito Santo meu carinho especial.*

SCHAUFFERT, O. T. F. **A Festa do Divino Espírito Santo em Penha – SC: Análise Turística e Antropológica dos Rituais de Preparação da Festa.** Dissertação de Mestrado em Turismo e Hotelaria, UNIVALI.

RESUMO

A pesquisa “A Festa do Divino Espírito Santo em Penha – SC: Análise Turística e Antropológica dos Rituais de Preparação da Festa”, discorre sobre a organização de uma Festa religiosa, observando-se as motivações e interesses para realização da mesma há pelo menos cento e sessenta e sete anos na região. O estudo foi elaborado numa perspectiva qualitativa, com abordagem antropológica, utilizando-se dados documentais e de campo. As informações documentais foram obtidas em bibliotecas, arquivos históricos e paróquias da região de Penha e Florianópolis. As informações atuais foram coletadas com grupos familiares e não familiares que atuam na Festa, moradores não envolvidos com a organização da Festa, representante do poder público, empresários e comerciantes num total de vinte pessoas contatadas e treze entrevistadas. Também se fez observação livre e participante antes e durante a Festa de 2000 – 2002. Para análise dos dados documentais e de observação optou-se pelo método descritivo – narrativo. Para análise das entrevistas o método de Lefèvre e colaboradores, que é o Discurso do Sujeito Coletivo. Ao final apresentamos uma série de dados sobre a Festa enquanto ritual e potencial turístico, unindo tradição cultural, culto religioso e confraternização entre os municípios de Penha, Navegantes e Piçarras.

Palavras Chaves:

Turismo; Turismo Cultural; Cultura; Rituais; Festas Religiosas.

ABSTRACT

The research “The Feast of the Holy Ghost in Penha – SC: Tourist and Anthropological Analysis of the Rituals of Preparation for the Feast”, discourses about the organization of a religious Feast, observing the motivations and interests for its accomplishment for at least one hundred and sixty-seven years in the region. The study was elaborated from a quality perspective, with anthropological approaches, upon the use of documental and field data. The documental information was obtained in libraries, historical files and parishes of the region of Penha; The current information was collected from family and non-family groups that act in the Feast, inhabitants not involved in the organization of the Feast, representatives of the government, managers and business people making a total of twenty persons contacted and thirteen interviewed. Free observation and participation were also made before and during the Feast of 200 – 2002. For the analysis of the documentary data and of the observation it was chosen the descriptive – narrative method. For the analysis of the interview the Lefèvre and collaborator method, which is the Discourse of the Collective Subject. At the end we present a series of data about the Feast while ritual and tourist potential, uniting cultural tradition, religious cult and celebration among the cities of Penha, Navegantes and Piçarras.

Key Words:

Tourism; Cultural Tourism; Culture; Ritual; Religious Feasts.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de Santa Catarina focalizando o Município de Penha.....	33
Figura 2 – Mapa do Município de Penha	34
Figura 3 – Vista da Igreja Matriz Nossa Senhora da Penha, e entorno onde realizam-se as comemorações.	48
Figura 4 – Procissão com o cortejo imperial, varas, velas e bandeiras.	49
Figura 5 – Foliões do Divino, cantadores e tocadores, com seus instrumentos.	50
Figura 6 – Trinchantes do Imperador com coroa e cetro.....	51
Figura 7 – Procissão no Domingo de Pentecostes com as meninas dos Sete Dons, carregando nas mãos os sete dons do Divino Espírito Santo	52
Figura 8 – Imperador coroado na missa de Domingo de Pentecostes, acompanhado pela corte	53
Figura 9 – Empregados de bandeira, de vara e de vela em procissão	54
Figura 10 – Ritual do encontro da Família Imperial. Imperador coroando seu neto.....	54
Figura 11 – A Pomba do Divino.....	56
Figura 12 – Bandeiras do Divino.....	57
Figura 13 – Coroa do Imperador do Divino	58
Figura 14 – Cetro do Imperador do Divino	58
Figura 15 – Salva.....	59
Figura 16 – Fitas coloridas	60
Figura 17 – Imperador e Imperatriz 2001.....	61
Figura 18 – A Corte.....	62
Figura 19 – Peditório	63
Figura 20 – Foliões.....	63
Figura 21 – Varas e empregados de vara.....	64
Figura 22 – Apostolados da Paróquia Nossa Senhora da Penha.	65
Figura 23 – Empregados de Bandeira e de Vela acompanhando os rituais no interior da Igreja Nossa Senhora da Penha.....	66
Figura 24 – Meninas dos Sete Dons, acompanhadas pelo Mestre Folião.	66
Figura 25 – Dama e Espadim	67

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Modelo Temático dos Discursos com Relação à Organização da Festa do Divino e sua importância para o grupo	76
Quadro 2 – Modelo Temático dos Discursos com Relação à Organização da Festa do Divino e sua importância para o grupo	77
Quadro 3 – Discurso do Sujeito Coletivo com Relação à Organização da Festa do Divino Espírito Santo em Penha.....	78
Quadro 4 – Modelo Temático dos Discursos com Relação à Festa do Divino e à Socialização.....	84
Quadro 5 – Modelo Temático dos Discursos com Relação à Festa do Divino e à Socialização.....	87
Quadro 6 – Discurso do Sujeito Coletivo com Relação à Socialização da Festa do Divino....	88
Quadro 7– Modelo Temático dos Discursos com Relação a Motivações e Interesses para a Festa.....	94
Quadro 8 – Modelo Temático dos Discursos com Relação a Motivações e Interesses para a Festa.....	95
Quadro 9 – Discurso do Sujeito Coletivo com Relação a Motivações e Interesses na Festa do Divino.....	96
Quadro 10– Modelo Temático dos Discursos com Relação à Festa do Divino como Produto Turístico.....	104
Quadro 11– Modelo Temático dos Discursos com Relação à Festa do Divino como Produto Turístico.....	106
Quadro 12 – Discurso do Sujeito Coletivo com Relação à Festa do Divino como produto turístico	107

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	i
LISTA DE QUADROS.....	ii
RESUMO.....	iii
ABSTRACT	iv
INTRODUÇÃO	11
1 O TURISMO NA VISÃO DOS TURISMÓLOGOS.....	15
2 O TURISMO NUMA VISÃO ANTROPOLÓGICA.....	22
3 RITUAIS, IMPORTÂNCIA PARA O TURISMO E ANTROPOLOGIA.....	26
4 A PESQUISA: PERCURSO METODOLÓGICO	31
4.1 O Município de Penha.....	33
4.2 Comunidade e População Estudada	37
4.3 Técnica de Coleta de Dados	38
4.4 Análise dos Dados Coletados	40
5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	43
5.1 A Festa do Divino: Descrição Histórica.....	43
5.2 A Festa do Divino em Penha: Relato Descritivo	47
5.2.1 O Ritual da Festa	48
5.2.2 Simbologia do Divino.....	56
5.3 Os Discursos da População Estudada.....	68
5.3.1 Organização da Festa do Divino e sua importância para o grupo	68
5.3.2 A Festa do Divino e a Socialização	79
5.3.3 Motivações e Interesses para a Festa.....	89
5.3.4 A Festa do Divino como Produto Turístico.....	97
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
7 REFERÊNCIAS	112
7.1 Bibliográficas	112
7.2 Eletrônicas.....	114
7.3 Orais.....	115

8 APÊNDICES	117
9 ANEXOS	120

INTRODUÇÃO

A razão pela qual escolhemos como objeto de estudo a Festa do Divino Espírito Santo do município de Penha SC, foi determinada por vários fatores, os quais tentaremos explicitar a seguir. De saída, pode-se considerar um vínculo pessoal com o assunto, que teve início na Pós-Graduação, *Lato Sensu* em Turismo, Planejamento Gestão e Marketing, realizada em 1998, quando nosso grupo de trabalho na disciplina Planejamento em Turismo resolveu pesquisar o Município de Penha, Santa Catarina. Nos deslocamentos em busca de subsídios, fizemos contato com representantes da comunidade que nos auxiliaram, e nos incentivaram a conhecer a Festa do Divino Espírito Santo, festa popular, tradicionalmente realizada no município há quase duzentos anos.

Já conhecíamos as comemorações do Divino em outras localidades, porém, ficamos fascinados com a preservação dos rituais e o envolvimento da comunidade local no planejamento e organização da festa. A partir destas constatações, nos sentimos motivados a pesquisar a história da festa, como se mantém a tradição e a importância da mesma na vida social da localidade e, em decorrência, o potencial turístico e cultural deste evento.

Na apresentação da monografia de Pós-Graduação, *Lato Sensu*, levamos a cabo um estudo comparativo entre as festas do Divino do município de Penha e do município de Tijucas, Santa Catarina. Fato que nos levou a conhecer os rituais (peregrinação em busca de donativos, novenas, procissão em louvor, coroação do Imperador) e o desenvolvimento da festa propriamente dita, Tríduo festivo, composto por três dias no fim de semana do domingo de Pentecostes, quando acontece a coroação do Imperador e os festejos populares.

O vínculo com o assunto tem sido mantido também em outro nível, pela atividade docente, desde 1999, ministrando as disciplinas Interesses Artísticos no Lazer e Cultura como Instrumento de Lazer no curso de Gestão do Lazer e Eventos da Universidade do Vale do Itajaí, UNIVALI.

Esta atividade leva, necessariamente, à busca contínua de informações sobre a cultura e as artes em Santa Catarina e, principalmente, na região norte do Estado, onde está localizada a universidade e o município de Penha.

Nos anos subseqüentes, temos participado das Festas do Divino Espírito Santo em Penha como observadores, registrando o desenvolvimento e a participação maciça da comunidade nos rituais de preparação e organização da festa, acreditando cada vez mais no potencial turístico-cultural deste evento. Ao mesmo tempo, nos empenhamos em pesquisar a história da localidade, as origens da Festa do Divino e como se processam os rituais. O próximo passo foi saber da comunidade, através de entrevistas, quais os interesses e motivações que mantêm viva a tradição da festa, como se processam as ações de socialização intergeracional e se existe interesse por parte da mesma na transformação da festa em produto turístico.

Três foram os motivos que contribuíram para a escolha do tema:

Em primeiro lugar, a história da festa, que remonta à Idade Média, foi levada da Europa para os Açores e de lá trazida para Santa Catarina por ocasião da colonização de nosso litoral por estes imigrantes.

Em segundo lugar, a maneira como a festa é encarada pela comunidade de Penha, a união das pessoas em torno da mesma, na produção e organização dos festejos, a devoção ao Divino e o pensamento de que a preservação da festa é parte da união entre as famílias e gerações, preservando a identidade e a memória da comunidade.

Em terceiro, o apelo turístico inerente à festa, com seu colorido, bandeiras e estandartes de beleza plástica, a cantoria intrigante dos foliões, as vestimentas, a seqüência dos rituais carregados de simbologia e a própria alegria da festa que movimenta a cidade nos três dias de sua realização.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa é analisar os rituais de planejamento e organização da Festa do Divino Espírito Santo em Penha, Santa Catarina, observando os aspectos relacionados a sua importância turística e antropológica. Para isso, foram definidos os seguintes objetivos específicos: analisar a importância da Festa do Divino Espírito Santo, observando a mesma como produto turístico; caracterizar e descrever os rituais de planejamento e organização da Festa do Divino Espírito Santo; identificar as ações de socialização intergeracionais, observando as motivações e os interesses da comunidade local a partir de um referencial antropológico

A presente dissertação: A Festa do Divino Espírito Santo em Penha-SC: Análise Turística e Antropológica dos Rituais de Preparação da Festa é um estudo que analisa a Festa do Divino Espírito Santo como produto cultural, social e turístico. Ao mesmo tempo, pretendeu-se, a partir de um referencial antropológico, verificar a importância dos rituais de planejamento e organização da festa, identificando as ações de socialização intergeracionais na comunidade local.

A relevância do tema se configura em seu aspecto turístico, na medida que o turismo cultural parece estar avançando em nosso país, se fortalecendo com a valorização da cultura de localidades e seu patrimônio, apoiado em manifestações da cultura popular e revitalização do patrimônio histórico. Neste sentido, notamos que a produção cultural destas localidades agrega-lhes um valor importante, quando associados os roteiros culturais aos roteiros turísticos convencionais de sol e mar, tão apreciados por estrangeiros e também pelo turismo interno.

Nosso estudo também é relevante para as ciências sociais, no caso a antropologia, pois acreditamos que ao focar e analisar uma manifestação da cultura popular tão importante para um grupo social como o de Penha, poderemos contribuir com idéias para estudos e projetos de resgate cultural que sirvam para valorizar outras comunidades e que também possam auxiliar na compreensão de grupos sociais pertencentes às mais variadas culturas. O momento presente é também de valorização da cultura como caminho para enfrentar os desafios da modernidade. Sabemos que a democratização da cultura é um meio através do qual podemos integrar as pessoas em torno de atividades educativas e formativas, valorizando o ser humano e transformando a sociedade. O turismo cultural pode ser considerado um fator de democratização da cultura, porém só será desenvolvido com o auxílio da antropologia e de outras ciências, que convergem seus conhecimentos segundo os anseios das comunidades em relação à sustentabilidade, através da comunicação educativa e do respeito às necessidades sociais de turistas e população residente nos entornos turísticos.

Esta foi a temática abordada na presente dissertação. O que pretendíamos verificar, ou seja, as questões que nortearam nosso trabalho foram:

- Como se efetuam o planejamento e a organização dos rituais da Festa do Divino Espírito Santo no município de Penha-SC?

- Quais são as motivações e interesses da comunidade de Penha –SC, em relação ao turismo cultural vinculado à Festa do Divino Espírito Santo?
- Quais ações desenvolvidas durante a organização da Festa do Divino Espírito Santo caracterizam a socialização intergeracional entre os participantes da comunidade de Penha-SC?

1 O TURISMO NA VISÃO DOS TURISMOLÓGOS

O turismo é definido por muitos autores como o deslocamento de pessoas de uma localização geográfica para outra em caráter temporário. Os motivos são: saúde, lazer, negócios, estudos, participação em eventos ou outras necessidades que justifiquem este deslocamento.

Segundo De La Torre,

O turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural (*apud* BARRETTO, 1999, p.19).

Este conceito aparentemente simples movimenta uma máquina gigantesca e complexa chamada de indústria do turismo. Gigantesca porque envolve atividades como transportes, (aéreo, rodoviário, marítimo) hospedagem, alimentação, entretenimento; e complexa, pois implica pessoas, consumidores e fornecedores, cultura, meio ambiente e qualidade de vida.

Tudo isto permeado por imensas somas de dinheiro, impostos, milhões em investimentos, e geração de empregos. Segundo Naisbitt, (*apud* TRIGO, 1995) O turismo emprega 204 milhões de pessoas no mundo, totalizando 10,6% da força de trabalho global. O turismo é o setor que mais contribui para a economia, produzindo 10,2% do produto nacional bruto mundial. O turismo é o maior gerador de receita de impostos, no valor de 655 bilhões de dólares, é a maior indústria do mundo em termos de produção bruta, que se aproxima dos 3,4 trilhões de dólares, corresponde a 10,9% de todos os dispêndios dos consumidores, 10,7% de todos os investimentos de capital e 6,9% de todos os gastos governamentais.

No Brasil não é diferente. Segundo dados da EMBRATUR (2002), o turismo impulsiona:

- US\$ 31,9 bilhões de renda (direta e indireta)
- 38,2 milhões de turistas domésticos
- US\$ 13, 2 bilhões de receitas diretas com o turismo interno

- 4,8 milhões de turistas estrangeiros
- US\$ 3,6 bilhões em ingressos de divisas

A EMBRATUR (2001) tem como metas para 2003:

- Aumentar para 6,5 milhões o fluxo de turistas estrangeiros
- Aumentar para 57 milhões o fluxo de turistas nacionais
- Elevar para US\$ 5,5 bilhões a receita cambial turística
- Gerar 500 mil novos empregos
- 38,2 milhões de turistas domésticos
- US\$13,2 bilhões de receitas diretas com o turismo interno
- 4,8 milhões de turistas estrangeiros
- US\$3,6 bilhões em ingressos de divisas

Os números sobem a cada ano, indicando o crescimento do fenômeno “turismo” no mundo globalizado. Os caminhos abertos pelo turismo levam à globalização ou será ao contrário? Sabemos apenas que a aproximação das distâncias pelas novas tecnologias pode ser considerada dentre outros, um dos fatores que levaram o turismo a este nível de desenvolvimento.

Globalização, termo sujeito a diferentes conceituações, mas que se assenta numa base consensual: um aparato da tecnologia da comunicação que enlaça as atividades econômicas do mundo industrializado e propicia uma nova interação simbólica das pessoas (...) Além disto dissemina informações acerca da utilização da utensilagem padronizada das viagens, a simplificação dos transportes, da estadia e assim por diante. Há uma gama considerável de informações (...) de turismo provenientes do mundo todo (AVIGHI, 2000, p. 103).

A contribuição do turismo para as economias dos países é tão significativa que todos, independente do grau de desenvolvimento, investem cada vez mais neste segmento lucrativo.

Depois de 1945, com o final da Segunda Guerra, a atividade turística expandiu-se pelo planeta. As companhias aéreas, agências de viagem, e empresas hoteleiras, crescem em todo o mundo, formando uma grande rede de serviços de transporte e hospedagem e propiciando o deslocamento de um número significativo de pessoas (TRIGO,1995). Hoje, se desejarmos, podemos, sem sair de casa, comprar um pacote de viagem completo com transporte até o

destino escolhido, receptivo local, hotel e até ingressos para parques e museus, escolhendo com detalhes os serviços do hotel, a classe na companhia aérea e o que mais preferirmos.

A oferta de hospedagem se estendeu a remotas regiões do planeta, juntamente com o acesso confortável a estes pontos. É o turismo pós –moderno, ao gosto deste novo homem que surge no final do século XX, início do XXI. “A pós-modernidade insere-se nas sociedades capitalistas pós-industriais . Sua economia caracteriza-se pela predominância do setor de serviços , por um parque industrial amplamente robotizado e automatizado e por processos burocráticos informatizados” (TRIGO,1995,p.50).

Como o turismo está fundamentado no lazer, sendo uma parte dele, o que as pessoas buscam quando se deslocam é o prazer, e mesmo no turismo de eventos e de negócios a busca por conforto e diversão (prazer) é legitimada.

De acordo com Arrillaga (*apud* BARRETTO, 1999). As motivações para viajar podem ser várias:

- Desejo de viajar por viajar;
- Desejo de fazer coisas que implicam viagem;
- Desejo de viver novas experiências para quebrar a monotonia;
- Busca da felicidade.

Um dos aspectos interessantes da atividade turística pós-moderna são os tipos de turismo que surgiram nos últimos anos, apontando novas opções para diferentes grupos de turistas. O ecoturismo, agroturismo, o turismo de aventura, turismo de eventos e o turismo cultural abrem um leque de opções variadas para este público.

É crescente o número de turistas que mantém viva a eterna chama interior do viajante, que não se contenta com a paisagem de sempre (...) pelas pessoas e seus estilos. Deixam de lado o manual de viagem, trocam a curiosidade pelas inquietações pessoais e formam um fundo de experiência. Não devem ser poucos os profissionais de turismo que estão alertas para estas mudanças e nelas percebem uma oportunidade competitiva (AVIGHI, 2000, p. 102).

O turismo cultural é aquele que busca conhecer o patrimônio cultural das localidades, traduzido não só pela arquitetura, monumentos e museus, como também pela gastronomia,

costumes, artesanato, festas populares, música, lendas, maneiras de vestir e hábitos do comportamento humano. No sentido mais amplo seria aquele que não tem como atrativo principal um recurso natural. As coisas feitas pelo homem constituem a oferta cultural, portanto turismo cultural seria aquele que tem como objetivo conhecer os bens tanto materiais como imateriais produzidos pelo homem (BARRETTO, 1999).

A prática de preservação do patrimônio como forma de conservação de nossa herança cultural, estabeleceu-se no Brasil a partir da década de 1930, mediante criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional pela lei federal 378, de 13 de janeiro de 1937 (PELLEGRINI FILHO, 2001).

Segundo Rodrigues (2003), nos anos 70 esta prática foi intensificada verificando-se a valorização do patrimônio cultural como um fator de memória das sociedades, servindo como um registro do conhecimento do passado, como remanescente material da cultura, sendo testemunho de experiências vividas, coletiva ou individualmente, permitindo aos homens lembrar e ampliar o sentimento de pertencer a um mesmo espaço, de partilhar uma mesma cultura e desenvolver a percepção de um conjunto de elementos comuns que fornecem o sentido de grupo, compondo assim a identidade coletiva.

O turista pós-moderno é aquele que busca caminhos alternativos para obter prazer através do turismo. O contato com uma cultura diferente da sua é uma maneira de enriquecer sua visão de mundo e aumentar a bagagem de conhecimento. A mudança irreversível do sujeito conhecedor para o consumidor de conhecimento é a pedra básica da pós-modernidade. Esta é a real mudança histórica que legitima o pós-modernismo (APPIGNANESI, *apud* TRIGO, 1995).

Este tipo de turista respira mundos diferentes dos seus, é curioso e alia novas experiências até mesmo educativas com prazer. Estas pessoas procuram um contato autêntico com as populações locais, respeitam o modo de vida das comunidades visitadas e estão interessadas somente em observar e fotografar; no máximo buscam provar os sabores da culinária local e assistir a rituais, danças e música. Estão interessadas em consumir um estado de espírito e não coisas materiais. O viajante de vanguarda busca realização interior e dá ênfase ao meio-ambiente e à compreensão da cultura e da história de outros lugares, quer conhecer povos e enriquecer culturalmente (AVIGHI, 2000, p.102).

A cultura popular é a expressão do povo, é o que o povo produz no trabalho, na vida, formas específicas de representação, reprodução e reelaboração simbólica de suas relações sociais.

As manifestações da cultura popular podem ser consumidas pelo turismo cultural. Constituem um belo atrativo pelo qual o turista poderá adquirir conhecimentos através da história, tradições, tendo, ao mesmo tempo, divertimento com as representações, rituais típicos, danças, música, gastronomia e artesanato.

Atualmente, há consenso de que a noção de patrimônio cultural é muito mais ampla, que inclui não apenas os bens tangíveis, não só as manifestações artísticas, mas todo o fazer humano, e não só aquilo que representa a cultura das classes mais abastadas, mas também o que representa a cultura dos menos favorecidos (BARRETTO, 2000, p.11).

Vejamos o carnaval, este evento movimenta o turismo internacional no Brasil com números espetaculares, porém, não podemos esquecer que o turismo interno nesta data também movimenta um fluxo representativo.

O Nordeste brasileiro, nessa época, é o cenário desejado por dez entre dez brasileiros, não só para brincar o carnaval, mas também pelas praias de águas mornas, frevo, blocos e trios elétricos.

O carnaval do Rio de Janeiro alia os mesmos predicados para o turista estrangeiro; sol, calor e mar são tão importantes quanto os desfiles das escolas de samba. Na realidade, o que funciona é exatamente a mistura destes ingredientes a partir dos quais o Brasil tem se beneficiado e em decorrência disto está inserido no cenário do turismo internacional.

No Estado de Santa Catarina não é diferente, as festas tradicionais de outubro, as Oktoberfests, Fenachopp, Fenarreco, atraem turistas de todo o Brasil, por oferecerem as festividades aliadas a cenários arquitetônicos, clima diferenciado, tipos físicos europeus, gastronomia regada a muita música e chope.

Segundo Carvalho (2001)

Só conseguiremos atingir 6,5 milhões de turistas estrangeiros, ao final de 2003, se agregarmos novos produtos turísticos aos que hoje ofertamos nas prateleiras dos mercados internacionais, com o aumento da qualidade e diversidade. E para tanto, nosso patrimônio histórico, cultural e ambiental será um diferencial inigualável.

Carvalho se refere ao turismo internacional, porém, o mesmo mandamento pode ser aplicado ao turismo interno. Se a tendência para o desenvolvimento é agregar novos produtos turísticos aos já existentes, as festas populares, como a Festa do Divino Espírito Santo, podem ser consideradas para o Estado de Santa Catarina, em termos de turismo, um produto diferenciado que agregará valor aos roteiros turísticos tradicionais. No caso do município de Penha, roteiros que focalizem a Festa do Divino, por exemplo, podem ser valorizados e ao mesmo tempo servirem como mais um atrativo que amenize o fenômeno da sazonalidade.

Hoje, o maior atrativo turístico de Penha é o parque temático *Beto Carrero World*, considerado o maior centro de lazer do Sul do Brasil e um dos maiores da América do Sul. O parque ocupa 1.400 hectares com reservas de mata nativa, quarenta e nove brinquedos, cenários, circos, animais e shows variados. Fundado no ano de 1991, completou dez anos de existência tendo como principais atrações as linhas radicais (montanha russa e elevador) para jovens, linha contemplativa para crianças e adultos, um zoológico com mais de quinhentos animais e espetáculos realizados com cerca de trezentos artistas (FRANZINI & BRUNO, 2001).

O parque temático representa, sem dúvida, o centro das atrações para o turismo de Penha, porém, existem outros atrativos que, agregados, poderiam diversificar e incrementar o turismo na localidade. Os atrativos naturais, compostos por quase vinte praias, algumas ainda pouco conhecidas, cobertas por Mata Atlântica e boas para mergulho submarino, outras para pesca de arremesso, surf ou banhos de mar, representam um atrativo a ser trabalhado pelo eco-turismo.

A história do município de Penha, cujo povoamento tem como elemento predominante o açoriano, cujos descendentes carregam a tradição, a religiosidade, os hábitos e costumes desta etnia moldados a um novo colorido adquirido com os anos de adaptação em solo

catarinense, representam um atrativo excepcional para o desenvolvimento do turismo cultural na região.

A Festa do Divino Espírito Santo, que acontece anualmente entre os meses de maio e junho no município, possui um apelo turístico forte, baseado nas seqüências de seus rituais, simbologia das bandeiras, insígnias do Divino, roupas tradicionais, cantorias e a própria organização já estabelecida do evento, que acontece sempre em um final de semana e agrega um aparato de atrações e divertimentos característicos das festas populares.

De acordo com a antropologia, os rituais consistem em característica de todas as sociedades, grandes ou pequenas. São uma parte importante na maneira como qualquer grupo social celebra, mantém e renova o mundo em que vive. “Estes incluem certos objetos padronizados, roupas, movimentos, gestos, palavras, sons, canções, melodias e aromas usados bem como o estabelecimento da ordem em que devem aparecer” (HELMAN, 1994, p.196).

Nesta perspectiva, as festividades e rituais correspondentes ao Divino Espírito Santo em Penha, poderão ser trabalhados pelo turismo, respeitando-se a vontade da comunidade e a sustentabilidade do local e da festa; agregando-se valor aos roteiros já estabelecidos, como o *Beto Carrero World* e as praias, no verão.

2 O TURISMO NUMA VISÃO ANTROPOLÓGICA

Iniciamos este capítulo com algumas definições de antropologia, para que possamos compreender no que consiste a disciplina, e melhor relacioná-la ao turismo.

Antropologia não é apenas o estudo de tudo que compõe uma sociedade. Ela é o estudo de todas as sociedades humanas (a nossa inclusive), ou seja, das culturas da humanidade como um todo em suas diversidades históricas e geográficas.(...) O projeto antropológico consiste, portanto, no reconhecimento, conhecimento, juntamente com a compreensão de uma humanidade plural (LAPLANTINE, 1998,p.20).

Para Nadel (1987), a antropologia procura compreender uma cultura em seus próprios termos, captando as crenças, desejos, sentimentos e pontos de vista que estão em vigor na sociedade à qual estas pessoas pertencem.

Uma das primeiras abordagens antropológicas do turismo data dos anos 60. Ainda hoje, são poucas as pesquisas que tomam a antropologia aplicada ao turismo como objeto de estudo. Recentemente, alguns turismólogos vêm se utilizando da antropologia para embasar seus estudos e melhor compreender as relações entre o turista e as comunidades receptoras, os impactos e as repercussões culturais ocasionados pelo turismo.

Segundo Banducci (2001, p.24): Apesar da magnitude e importância no mercado mundial, apenas recentemente o turismo tornou-se tema das ciências sociais . Foi na década de 1960 que surgiram os primeiros trabalhos sobre essa atividade na sociologia e na antropologia , sendo que nesta última o artigo pioneiro , tratando do turismo de fim de semana em uma vila mexicana foi escrito por Nunez em 1963.

O que a antropologia estuda, que são as trocas culturais advindas do contato vivenciado entre pessoas com referenciais culturais distintos, é a nosso ver um dos fenômenos propiciados pelo turismo, ou seja, a possibilidade de o turista e de o não turista viverem a alteridade e o que conhecemos como cultura, que segundo Geertz é:

Um complexo de padrões concretos de comportamento, costumes, usos, tradições, feixes de hábitos, mas como um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções para governar o comportamento. (...) A cultura, a totalidade acumulada de tais padrões não é apenas um

ornamento da existência humana, mas uma condição essencial para ela (GEERTZ, 1989,p.56).

Esta interação pode ser benéfica ou não em relação à comunidade receptora e turistas. Para o primeiro grupo, pode significar melhoria da economia local, gerando empregos, tendo a cultura da região valorizada. Em relação aos turistas, os benefícios seriam o contato com uma nova cultura, a história do local visitado, que em médio prazo podem trazer uma nova visão de mundo a estes indivíduos.

No pensamento pós-moderno, a identidade é vista como algo móvel, sempre em construção, que vai sendo moldado no contato com o outro e na releitura permanente do universo circundante. O contato entre turistas e residentes, entre a cultura do turista e a cultura do residente, desencadeia um processo pleno de contradições, tensões e questionamentos, mas que sincrônica ou diacronicamente, provoca o fortalecimento da identidade e cultura dos indivíduos e da sociedade receptora e, muitas vezes, o fortalecimento do próprio turista que, na alteridade, se redescobre (BANDUCCI, 2001, p.19).

A união de estudos antropológicos com o turismo fornece dados importantes para as duas áreas. A sustentabilidade, paradigma maior buscado pelo turismo na atualidade, se dará, se equilibrados os aspectos sociais, econômicos, culturais e ambientais. A aplicação dos conhecimentos da antropologia ao turismo propiciará os meios para o estudo sobre esta sustentabilidade. Ao mesmo tempo, o deslocamento de pessoas em busca de novas experiências e lazer, caracterizado como um fenômeno da modernidade, pertence às esferas do comportamento humano e do social, objetos de estudo da antropologia.

Existe ainda alguma resistência por parte dos antropólogos na questão da aceitação de estudos cujo objeto principal é o turismo. A explicação se deve à forma como empresários do setor vêm tratando o meio ambiente cultural de localidades, explorando a comunidade local sem o devido respeito pelos respectivos referenciais e pela identidade cultural dos habitantes. Os estudiosos do turismo preferiam até pouco tempo atrás dedicar seu trabalho aos aspectos econômicos e ambientais, deixando em segundo plano os aspectos culturais. Outra razão, segundo Banducci (2001), estaria relacionada à pouca importância dada a temas como ócio e lazer, considerados aspectos pouco sérios da sociedade, ou seja, o turismo como uma ocupação frívola.

Um outro aspecto conflitante entre a antropologia e o turismo é a questão da autenticidade de rituais e festas inventadas para turistas. Neste campo, o que se discute é a

descaracterização destes rituais, encenados sem a legitimidade do lugar sagrado ou do momento apropriado no tempo, até mesmo por conta de tradições inventadas, ou apropriações de outras culturas.

Na mesma linha de discussão acerca dos impactos culturais causados pelo turismo está a questão da transformação dos bens culturais em bens de consumo, entretenimento e lazer, fenômeno que explica a antipatia dos antropólogos em relação ao tema. Barretto (2001) cita diversos autores que descrevem esta situação e pergunta se há alguma manifestação humana atualmente que não se transforme em bem de consumo, e se esta transformação não é preferível, à destruição dos bens pela passagem do tempo, especulação imobiliária e globalização. Pondera a respeito do que teria sido das cidades históricas no Brasil se não tivessem se transformado em atrativo turístico, caso de Ouro Preto, Parati e Olinda, as quais assistiram à valorização e revitalização do seu patrimônio histórico em decorrência do turismo e vice – versa. Um outro exemplo acontece em Florianópolis, com as rendas de bilro, que têm na pessoa do turista seu maior consumidor e incentivador. Assim também todo o artesanato produzido no Nordeste brasileiro, vivificado e mantendo comunidades inteiras que subsistem de sua comercialização.

Existe, hoje, uma forte tendência no sentido de valorização do patrimônio cultural brasileiro, principalmente dos bens culturais de natureza imaterial (IPHAN, decreto lei n 3.551, de 4 de agosto de 2000) como saberes, conhecimentos e modos de fazer, as celebrações com seus rituais e festas, e as formas de expressão como as musicais, literárias, plásticas, cênicas e lúdicas, fundamentais para agregar valor aos roteiros turísticos, promovendo o desenvolvimento das regiões. Esta valorização registrada nos meios de comunicação, em campanhas como da EMBRATUR e da Fundação Roberto Marinho, por exemplo, tem contribuído para a tomada de consciência do público em geral e da própria indústria do turismo em relação à riqueza cultural do Brasil e sua conservação.

Tamanho potencial cultural e turístico deve ser explorado e transformado em benefício das comunidades detentoras; pois que a sustentabilidade destes eventos somente será garantida, em nossa opinião, através de uma parceria constante entre a antropologia e o turismo. A antropologia dando suporte aos estudos turísticos no sentido de compreender a realidade sociocultural e os anseio das comunidades residentes nas localidades turísticas,

observando as possibilidades e limites de se explorar de modo sustentável estes bens culturais, sem que isto represente perdas sociais ou danos ao meio ambiente cultural.

Estudos relacionando as disciplinas turismo e antropologia nos parecem fundamentais para a compreensão, tanto da sociedade produtora deste patrimônio, bem como do turista, ser humano que busca lazer e entretenimento vivenciando estes bens e acontecimentos culturais

3 RITUAIS, IMPORTÂNCIA PARA O TURISMO E ANTROPOLOGIA.

Iniciamos este tópico com Ribeiro, apresentando um dos rituais da Festa do Divino nos Açores:

Todas as folias levam uma bandeira do Espírito Santo, nas Flores e Corvo, brancos, nas outras ilhas, vermelhos (...) Tomam parte em todas as cerimônias da festa (foliões) que dirigem por meio de cantigas, quase sempre improvisadas pelo mestre ou cabeça da folia, e repetidas em coro pelos outros foliões. São assim por dizer, os mestres de cerimônias do estranho culto popular do Espírito Santo (RIBEIRO, 1982, p. 261).

A descrição dos rituais conduzidos pelos foliões nas ilhas Açorianas é muito semelhante à de Penha. A que se deve a manutenção “destes” e a conservação da forma como se conduzem? Com certeza, parte da vontade popular. São pessoas apegadas à tradição, que mantêm estes passos rituais há séculos, passando-os de geração em geração. Pode-se dizer que um dos principais objetivos do ritual é transmitir e perpetuar o conhecimento socialmente adquirido (PEIRANO, 2000). Crenças, maneiras de fazer, hábitos e costumes figuram como estes conhecimentos.

Os rituais, na concepção de muitos antropólogos, são acontecimentos distintos do cotidiano, tratam de performances coletivas para atingir determinados fins e que possuem uma ordenação que os estrutura. A Festa do Divino é composta por vários rituais, sendo a coroação do Imperador o mais importante deles. Este ritual é composto de partes estruturadas, que seguem uma seqüência para atingir um objetivo final: o Imperador coroado. Estes rituais, quando analisados, revelam feições antecipadas, programadas, duração determinada, traços e faces recorrentes. Estas são suas características básicas, segundo Tambiah:

“Rituais são sistemas simbólicos de comunicação construídos culturalmente. São constituídos de padrões e seqüências ordenadas de palavras e atos, cuja disposição e combinação são caracterizados por vários graus de formalidade, estereotipados, condensados, redundantes (repetitivos)” (TAMBIAH *apud* PEIRANO, 2000, p.39).

Mircéia Eliade (s.d) ensina que, para o homem religioso, há o tempo sagrado das festas (Festas periódicas) e por outro lado há o tempo profano. Por meio dos ritos o homem

pode passar da duração temporal ordinária para o tempo sagrado. O tempo sagrado é um tempo circular, sempre reversível, uma espécie de eterno presente mítico que o homem reintegra periodicamente pela linguagem dos ritos.

Os rituais das festas religiosas como a Festa do Divino funcionam como um reencontro do tempo mítico, original, por isso os rituais são acontecimentos sagrados que religam o homem ao tempo de origem, sempre eterno. As festas religiosas são reatualizações dos acontecimentos míticos. No caso da Festa do Divino, seria a reatualização da primeira Festa do Divino criada pela rainha Santa Isabel nos anos de 1300.

A continuidade dos rituais das festas religiosas, nos mostra a necessidade humana de religação periódica ao sagrado como forma de não esquecer sua origem e sua concepção divina.

Os rituais da cultura popular abrem espaço e tempo, ora para o sagrado, ora para o profano, a exemplo da Festa do Divino, que é formada por uma mescla de rituais sagrados como: as procissões, a coroação do Imperador, as missas, as novenas e momentos de oração na casa dos fiéis; aos rituais profanos, como bailes, jogos e refeições conjuntas.

Van Gennep, segundo Segalen (2002), trabalha os rituais como manifestações que se referem à passagem do tempo, ao ciclo das estações, aos trabalhos e aos dias. Mostra como os rituais calendários foram cristianizados, como o ciclo da primavera se integrou ao ciclo da Quaresma e da Páscoa, o ciclo do verão ao de São João e o ciclo do inverno, aos doze dias que vão do Natal ao Dia de Reis. (Como podemos observar, esta explicação vale para o hemisfério norte, no caso, a Europa. Para nós, as estações estão invertidas, contudo, comemoramos as mesmas datas, por questões culturais).

O caráter de espetáculo também está presente nos rituais das festas populares, as questões estéticas apelam para a sensibilidade do devoto e demais pessoas que participam da festa. Investe-se na preparação de estandartes, insígnias do Divino, bandeiras, roupas especiais, decoração da igreja e salão paroquial, instrumentos musicais e cantorias, que funcionam cativando o olhar e a sensibilidade dos espectadores e envolvidos.

Segundo Durkheim, (*apud* SEGALLEN, 2002,p.21).

Os ritos são antes de tudo momentos de efervescência coletiva: as representações religiosas são representações coletivas que expressam realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que só nascem dentro de grupos reunidos e que estão destinados a suscitar, manter ou fazer renascer certos estados mentais desses grupos.

Durkheim afirma que os ritos possuem antes de tudo uma essência social, as cerimônias religiosas movimentam a coletividade e as pessoas se unem em torno de objetivos comuns. O grupo social se reafirma nos rituais das festas, o presente se une ao passado e o indivíduo, à comunidade.

Segalen (2002), comenta que o ritual se reconhece como fruto de uma aprendizagem, implicando por conseguinte a continuidade das gerações, dos grupos etários ou dos grupos sociais dentro dos quais ele se produz. Na Festa do Divino podemos confirmar este raciocínio: os rituais comandados pelos mais velhos são aprendidos pelos mais jovens. Os pais e avós ensinam os filhos e netos, incluem seus nomes na lista de Imperadores que serão sorteados, convidam seus familiares para empregados e ensinam como se confeccionam adereços, como se tocam os instrumentos, como se comportar durante os rituais e como proceder às cantorias.

A interação da comunidade de Penha com os rituais da Festa do Divino reforça no grupo a solidariedade entre os membros, reafirma os laços familiares e as relações intergeracionais. Os ritos continuam a desempenhar a mesma função de integração da sociedade no todo cósmico (LABURTHE-TOLRA e WARNIER, 1997).

Em todas as cerimônias a família imperial é destacada e reverenciada. A esposa, Imperatriz, está sempre ao lado do Imperador, tendo o direito a manifestações em público como, por exemplo, na Festa 2002, em que, durante o encerramento, a Imperatriz discursou, agradecendo às pessoas da comunidade que se destacaram na organização da festa. Os filhos do casal imperial estão sempre presentes ao lado do pai e da mãe, carregando o cetro e a salva, dentro do quadro nas procissões, ou em discursos homenageando os pais ou relembrando momentos marcantes da vida do casal imperial.

Os pais do Imperador e Imperatriz também participam de todos os eventos, das peregrinações com a bandeira aos rituais de coroação, entre os quais destaca-se o encontro com a família, quando o Imperador tira a coroa da cabeça e passa a coroar a esposa, os filhos, em seguida a mãe, o pai, sogro e sogra, irmãos e amigos íntimos da família.

Depois do ritual da coroação, quando um membro da comunidade passa a ser o Imperador, sentimos como se esta pessoa se revestisse de poderes especiais que lhe são conferidos a partir da coroação. Os ex-Imperadores são sempre reverenciados como pertencentes a uma casta social diferenciada: a dos “imperadores”, seres abençoados pelo Divino Espírito Santo, que detêm o respeito da comunidade.

Até o momento, exploramos os rituais vistos sob a perspectiva antropológica, dos significados atribuídos pela comunidade.

Já o turista que assiste a estes rituais, poderá (dependendo de seu aporte e interesse cultural) vivenciar uma experiência estética, no sentido do colorido típico da Festa, em relação às bandeiras, decoração dos espaços, ordenação dos passos rituais e música tocada pelos foliões. Estará também em contato com a história do município e da Festa, de costumes ancestrais, crença e devoção ao Divino Espírito Santo. Este tipo de turista, segundo Cohen *apud* Barretto, 2001, é denominado peregrino moderno e têm em comum o fato de procurar modos de vida alternativos, autenticidade e contato com as culturas visitadas.

“De acordo com a OMT, o turismo cultural seria caracterizado pela procura por estudos, cultura, artes cênicas, festivais, monumentos, sítios históricos ou arqueológicos, manifestações folclóricas ou peregrinações” (BARRETTO, 2001, p.20).

Huizinga (1993), em parte de sua obra *Homo Ludens*, pensa o “ritual” como jogo e trabalha sua definição em termos lúdicos, concluindo que o ato de culto possui todas as características formais e essenciais do jogo, sobretudo na medida que transfere os participantes para um mundo diferente. Em nosso caso, tal argumento é válido para os turistas que assistem aos rituais da festa e principalmente para os integrantes da comunidade envolvidos diretamente nestes rituais. Dois outros aspectos nos mostram a ludicidade da festa: as roupas especiais e adereços utilizados pelos participantes dos rituais, e a comida, muitas vezes especial para cada momento da festa ou partilhada de forma coletiva.

A visão de figuras com trajes de outra época, no caso da Festa do Divino, por exemplo, o Imperador coroado e seu cortejo com roupas típicas e adereços, pode ser considerada uma experiência estética que nos transporta para além da vida cotidiana, para um mundo poético e lúdico que poderá ser aproveitado pelo turismo.

As festas populares, como as do Divino, podem significar para o turista moderno que aprecia a aventura em forma de contato com estilos de vida diferentes dos seus (muitas vezes radicalmente distintos), momentos de lazer únicos que não só contribuem para arrebatá-lo da realidade de seu mundo, como também auxiliam-no com novas perspectivas, novos horizontes e conhecimentos (BARRETTO, 2001).

4 A PESQUISA: PERCURSO METODOLÓGICO

O Turismo é objeto de estudo das ciências sociais. No campo do conhecimento o produto da pesquisa social deve ser traduzido em benefícios para a sociedade. A pesquisa nesta área lida com seres humanos, com visão de mundo, saberes, valores e desejos de pessoas em relação a outras pessoas, e no caso do turismo, com a inter-relação destas pessoas com a natureza e cultura das localidades visitadas.

Segundo Minayo (1999, p.13), o objeto das ciências sociais é histórico,

Isto significa que as sociedades humanas existem em determinado espaço cuja formação social e configuração são específicas. Vivem o presente marcado pelo passado e projetado para o futuro, num embate constante entre o que está dado e o que está sendo construído. Portanto a provisoriedade, o dinamismo e a especificidade são características fundamentais de qualquer questão social.

Em nosso estudo trabalhamos com pessoas, com os atores sociais de uma festa popular, no caso a Festa do Divino, criação de um grupo social do século XIV. Esta festa tem por base alguns rituais e costumes, cultuados até hoje.

Levando-se em conta o fenômeno a ser estudado, acreditamos ser esta uma pesquisa qualitativa, uma vez que observamos um fenômeno social, suas características, o envolvimento das pessoas da comunidade com a festa, e a importância desta enquanto produto turístico e antropológico.

Como salienta Minayo (*apud* Lefèvre, 2000), a pesquisa qualitativa pode ser importante para se compreender os valores culturais, as representações de determinado grupo sobre temas específicos e as relações que se dão entre atores sociais. Ainda segundo a autora o nível mais profundo como o dos significados, das crenças, dos motivos, das aspirações, dos valores e das atitudes se expressa pela linguagem comum e é objeto de pesquisa qualitativa.

O pesquisador que trabalha com uma abordagem qualitativa, interpreta determinados eventos observando a partir das falas, das pessoas entrevistadas, os sentidos e significados do

fenômeno estudado. A partir de uma interação entre pesquisador e informantes se alcançam as percepções ou o olhar dos sujeitos pesquisados em seu contexto sociocultural.

Conforme Simoni (*apud* Lèfevre, 2000,P.34),

O significado e a intencionalidade ocupam posições centrais na pesquisa qualitativa; nesta, o significado é no mais das vezes, resgatado através da análise dos discursos de indivíduos enquanto depoentes e enquanto sujeitos sociais, isto é , enquanto indivíduos situados num dado campo social . Os ditos sujeitos fornecem, através da mediação discursiva, as representações sociais.

Considerando o exposto anteriormente, adotamos na pesquisa uma abordagem antropológica para nossas observações e registros sobre as ações e os rituais da Festa do Divino. Atuamos sob um universo distinto do nosso, observando o comportamento desta comunidade na preparação anterior e durante a festa, observando a seqüência dos rituais e a participação dos envolvidos no evento. Nos envolvemos profundamente nos rituais da festa, recebemos a bandeira em nossa casa, participamos dos preparativos anteriores ao Tríduo Festivo, formamos um vínculo pessoal de amizade com os foliões, imperadores e grupo organizador da Festa do Divino em Penha.

Segundo Laville & Dionne (1999), a pesquisa de abordagem antropológica busca compreender a sociedade do ponto de vista de seus membros, apreender as particularidades da cultura destes grupos, aprender seus mecanismos e regras de convivência social.

De acordo com os objetivos fixados em nossa pesquisa, também podemos classificá-la como exploratória, uma vez que a idéia é buscar informações não ditas no dia-a-dia, tentando captar o que não aparece como fato, mas que enquanto ação torna a festa o fenômeno ritual mais importante no município escolhido para o estudo em questão.

A coleta de dados, bibliográfica e documental, foi realizada na biblioteca da UNIVALI , na Prefeitura de Penha, na sede da paróquia Nossa Senhora da Penha, Arquivo Histórico de Florianópolis e de Itajaí, ainda no Instituto Histórico e Geográfico, também de Florianópolis.

Essa coleta foi de fundamental importância em nosso caso, pois a Festa do Divino, historicamente, possui setecentos anos de existência desde sua criação, portanto se fez necessário um resgate histórico para melhor compreensão dos acontecimentos, suas origens, desenvolvimento, quando chegou ao município de Penha e como é comemorada nesta localidade. Ao mesmo tempo, necessitávamos conhecer o local onde a Festa se realiza, isto quer dizer, levantamos dados geográficos e históricos que nos proporcionaram um panorama geral sobre as pessoas, a região e o objeto de estudo.

4.1 O Município de Penha

Situado na região centro-norte de Santa Catarina e na bacia do rio Itajaí-Açu, o município de Penha possui 60,3 km quadrados de extensão territorial, limitando-se ao norte com Piçarras, ao sul com Navegantes, a leste com o Oceano Atlântico e a oeste com Piçarras. Está a 116 km da capital do estado, Florianópolis. O clima pode ser classificado como mesotérmico com uma temperatura máxima de 35 graus C e mínima de 8 graus C. (SERPA e SOUZA, 1995).

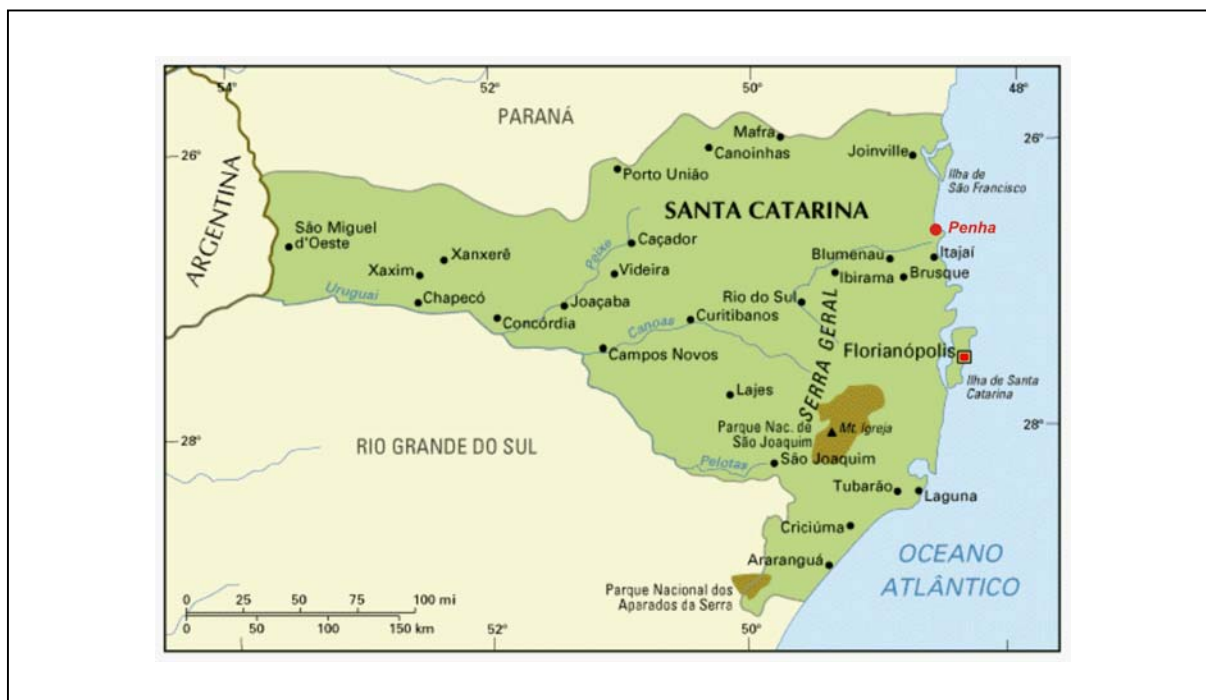


Figura 1 – Mapa de Santa Catarina focalizando o Município de Penha.

Fonte: <http://www.silstravel.com.ar>

Estudos mostram que a ocupação humana no litoral de Santa Catarina data de aproximadamente 5.000 anos (homem do sambaqui). A população indígena que habitava a área litorânea na época do descobrimento, foi chamada pelos europeus de Carijós, eram tribos Tupis- Guaranis que já conheciam a agricultura , eram sedentários e viviam da pesca (SANTOS, 1995).

Em Penha, por volta de 1759, já havia muitos moradores ao longo das praias de Itapocoroi (Penha) e de Piçarras. Ferreira da Silva (1971), baseado em depoimentos de estudiosos, acredita que o povoamento da região de Penha tenha tido início com a vinda de colonos paulistas (Vicentistas) descendentes dos fundadores do povoado da ilha de N^a S^a das Graças (São Francisco do Sul).

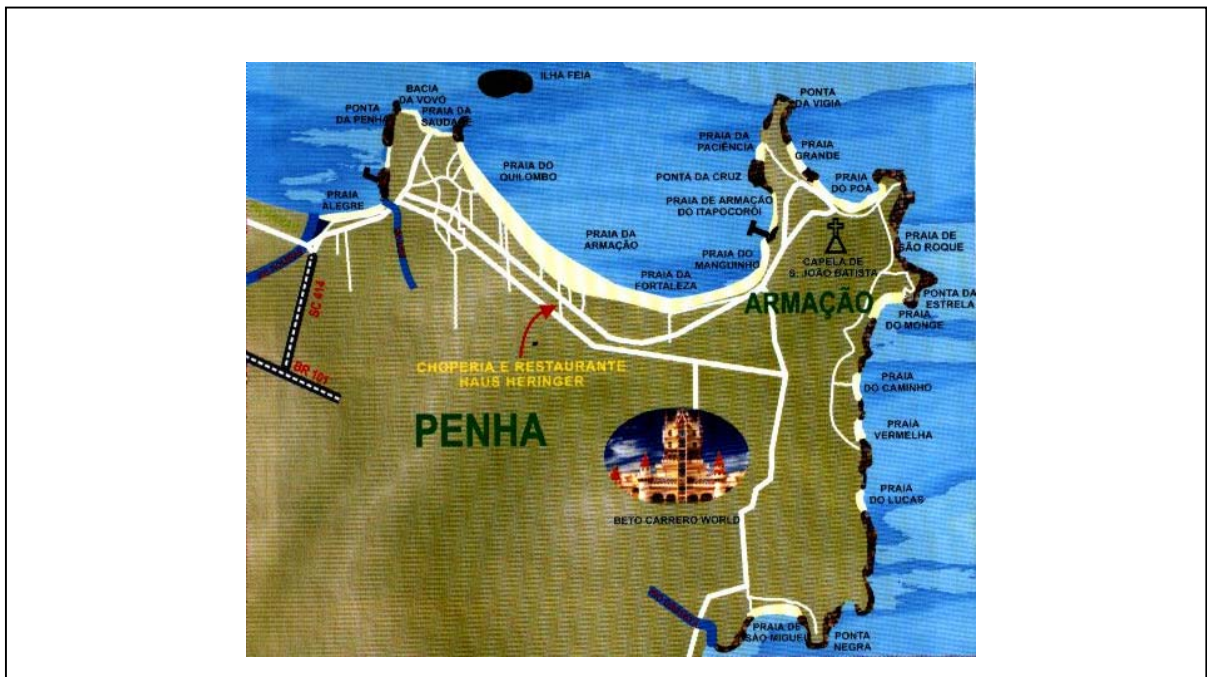


Figura 2 – Mapa do Município de Penha
 Fonte: <http://www.hotelconexao.com.br/>

O marco inicial do povoado foi à construção da capela de São João Batista, graças a Bento da Silva Veloso e Tomé da Silva, que em 1759 dirigiram ao bispo do Rio de Janeiro uma petição, solicitando permissão para levantar a dita capela, localizada na Armação do Itapocoroi (SERPA, 1995).

A partir do final do século XVIII, o povoado recebeu um novo contingente populacional, composto por açorianos provenientes da Ilha de Santa Catarina que fugiam das

invasões espanholas. Estas pessoas trabalhavam em armações baleeiras da Ilha, e ao transferirem-se para o Arraial do Itapocoroi, também banhado pelo mar e com incidência de baleias, construíram lá novas armações.

O arraial, tornou-se então, sede de uma armação baleeira, complexo para captura e beneficiamento de baleias. Cerca de cem baleias eram capturadas na safra de três meses a cada ano, de julho a setembro. Por conta disto, vários galpões foram construídos para o beneficiamento das baleias, contando com fornalhas e caldeiras onde era processado o azeite do cetáceo, muito utilizado na época para iluminação e outros fins (SILVA 1971).

Por volta de 1825, segundo Ferreira da Silva, iniciou-se a construção da capela de Nossa Senhora da Penha, situada ao norte da armação do Itapocoroi, próxima à foz do rio Iri. Forma-se então um novo arraial, cujos habitantes subsistem da agricultura, em contraposição aos residentes no Itapocoroi, que sobrevivem da pesca.

A fase da exploração das baleias durou até o século XIX, segundo Souza e Serpa (1995), quando o mamífero começou a escassear na região e novas ordens regimentais da coroa portuguesa resolveram passar as armações baleeiras para arrendatários. Nesta época, com a decadência da Armação, muitas famílias se deslocaram para São Francisco do Sul, Ilha de Santa Catarina e Vila de Itajaí.

A partir de 1815, o Arraial do Itapocoroi (Penha) é elevado a Curato, sendo depois, em 1834, elevado a distrito de São Francisco do Sul, em 1839 à Freguesia de Nossa Senhora da Penha de Itapocoroi e só em 1860 foi designado Penha, distrito de Itajaí. Conquistou autonomia política em 1958 quando se tornou município independente (FERREIRA da SILVA, 1971).

No século XX, durante as décadas de trinta e quarenta, houve a fase da pesca do cação e, nos anos cinquenta, a exploração do camarão, que mobilizou sessenta por cento da produção de pescado na região, segundo Souza e Serpa (1995).

Penha traz em sua composição étnica o índio, o negro e o luso-açoriano, de onde provêm às manifestações da cultura popular local como: Festas de Nossa Senhora do Rosário, Moçambique ou Natal dos Pretos (25 e 26 de dezembro), Festa de São João e São Pedro (24 e

29 de junho), Corpus Christi, Folia de Reis e a Festa do Divino, realizada no domingo de Pentecostes (50 dias depois da Páscoa).

Nos anos 70, Penha foi descoberta pelo turismo, e a partir de então se inicia a implantação de casas de veraneio na orla marítima, principalmente na praia de Armação.

As belezas naturais do município têm em suas praias um grande atrativo para o público em busca de sol, mar e tranquilidade.

A população, de acordo com o censo do IBGE de 2000, é de 17.678 habitantes, 15.993 na área urbana e 1685 habitantes na área rural. Durante o período de verão, meados de dezembro a fevereiro, esses números aumentam para cerca de 100.000 habitantes (Prefeitura Municipal de Penha, 2001).

Com a implantação do parque temático *Beto Carrero World*, no início de 1991, o turismo local obteve uma nova alavancagem; hotéis, pousadas e restaurantes vêm sendo construídos e o crescimento da cidade foi retomado.

Foram gerados mais de 1.600 empregos diretos, um fortalecimento da economia local, uma revitalização do turismo, e a cidade retomou o crescimento, além de ter fixado todos os seus habitantes e trazido outros de fora. (FRANZINI & BRUNO, 2001,p.101).

Em termos econômicos, além do turismo, Penha tem a pesca como atividade principal, empresas que beneficiam o pescado como a Costa Sul, citada como colaboradora da Festa do Divino na localidade, vem atendendo ao mercado nacional com camarões, lulas, mariscos, cação, pescada e linguado.

A maricultura é uma atividade recente no município, que vem se desenvolvendo rapidamente e chega a produzir 1.500 toneladas/ano (Prefeitura Municipal de Penha, 2001).

A atividade se mostrou tão produtiva que foi criada uma festa anual: a “Festa do Marisco” ou “Mariscada”, festa inventada para atrair e entreter os turistas, realizada no mês de fevereiro, com estrutura à beira mar, e oferta de pratos à base de frutos do mar, concursos e shows.

A Festa do Divino, considerada a maior celebração religiosa do calendário de Penha, tem atraído nos últimos anos um público crescente. No ano de 2001, mobilizou cerca de vinte mil pessoas que assistiram aos rituais de coroação, procissão e cantorias dos foliões, como também aproveitaram os festejos para dançar, jogar bingo, e degustar pratos típicos nas barraquinhas (PINHEIRO, 2001).

4.2 Comunidade e População Estudada ¹

Com relação ao universo da pesquisa, foram entrevistados grupos familiares e não familiares de pessoas que atuam na festa. O primeiro foi dividido em moradores de Penha que participam diretamente da festa, como os foliões, que atuam em todos os rituais, representados por seu mestre, família imperial do ano 2002; pessoa que confecciona as bandeiras e pároco do município. O segundo é composto por moradores que não estão envolvidos diretamente na organização da festa, como representantes do poder público, empresários e comerciantes.

O primeiro grupo foi constituído por sete representantes da comunidade de Penha, envolvidos diretamente com a organização da festa e participantes dos rituais: Imperador e Imperatriz do ano 2002, mestre folião (que comanda os cantores e tocadores); o trinchante (que carrega a coroa para o Imperador), neste caso, o filho do Imperador e sua esposa, pessoa que confecciona as bandeiras e o pároco de Penha. Este grupo de pessoas entrevistadas foi escolhido por sua importância no desenvolvimento e participação constante nos rituais da festa.

O segundo grupo foi formado por seis representantes da comunidade, três comerciantes com estabelecimento no entorno da igreja matriz, uma funcionária da prefeitura, uma funcionária da secretaria de educação e cultura e a Secretária da Educação e Cultura do município. A escolha dos três primeiros entrevistados foi aleatória, foram escolhidos, respectivamente, pelo local em que se situa o estabelecimento comercial; a funcionária, por ser jovem e ter um vínculo com o poder público; a funcionária da Secretaria da Educação, por ser filha de um ex-Imperador e professora atuante na comunidade; a secretária da

¹ Todos os dados sobre o Município de Penha estão no capítulo com os resultados do estudo.

Educação e Cultura, por estar diretamente envolvida com a educação e a cultura do município pesquisado.

4.3 Técnica de Coleta de Dados

Nossas técnicas e instrumentos para contato com informantes foram: entrevistas semi-estruturadas, observação livre e observação participante.

A entrevista semi-estruturada (roteiro no Apêndice 1) consiste em uma série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistado pode acrescentar perguntas de esclarecimento (LAVILLE & DIONNE, 1999, p.188).

Com relação às entrevistas, foram realizadas doze entrevistas semi-estruturadas com perguntas abertas. As mesmas foram aplicadas pelo pesquisador em local escolhido pelos entrevistados. No caso da família imperial, as entrevistas foram realizadas nas residências do Imperador e de seu filho, o mesmo acontecendo com a pessoa que confecciona as bandeiras e o mestre folião. O pároco do município resolveu, depois de uma conversa, que seria melhor responder as perguntas por escrito e me enviar depois.

As entrevistas foram longas, aproximadamente três horas com o Imperador e Imperatriz, duas horas com o filho do Imperador e esposa, o mesmo com a pessoa que confecciona as bandeiras. No caso do mestre folião, também participaram sua esposa e mais um folião, tocador de viola. Os entrevistados optaram por alongar o tempo das entrevistas que seria de no máximo uma hora, por concordarem que o tempo era muito pequeno para assunto tão interessante. O contato entre o pesquisador e os entrevistados foi direto e muito prazeroso, com direito a café com bolo e muitas histórias. Aos entrevistados foram apresentadas perguntas e estes as responderam pessoal e livremente conforme sua competência.

As entrevistas do segundo grupo foram bem mais rápidas, por terem sido realizadas nos estabelecimentos comerciais, Prefeitura e Secretaria da Educação e Cultura, a mais longa foi a entrevista da professora, que também é filha de um antigo Imperador. Esta pessoa, na realidade, pertence aos dois grupos de entrevistados, como professora e formadora de opinião,

e conhecedora profunda dos rituais da Festa do Divino, por ter participado diretamente deles quando seu pai foi Imperador.

A flexibilidade proporcionada pela entrevista semi-estruturada e o contato direto entre o pesquisador e os entrevistados favoreceu a obtenção de respostas profundas, bem como a representação das crenças e valores dos entrevistados. Os depoimentos foram colhidos por meio de gravação magnética, com posterior transcrição literal das fitas.

Mirian Goldenberg (2000, p. 88), aponta uma série de vantagens apresentadas pela técnica de entrevista que, no caso de nossa pesquisa, parece importante ressaltar:

1. Pode coletar informações de pessoas que não sabem escrever;
2. As pessoas têm maior paciência e motivação para falar do que para escrever;
3. Maior flexibilidade para garantir a resposta desejada;
4. Pode-se observar o que diz o entrevistado e como diz, verificando as possíveis contradições;
5. Instrumento mais adequado para revelação de informações sobre assuntos complexos como as emoções;
6. Permite uma maior profundidade;
7. Estabelece uma relação de confiança entre pesquisador-pesquisado, o que propicia o surgimento de outros dados.

No que se refere à observação, livre e sistemática participante, objetivamos neste estudo conhecer em profundidade as pessoas em seu *habitat*, cumprindo suas obrigações diárias e em relação à festa, a convivência social entre elas, e suas ações na preparação, organização e desenvolvimento dos rituais em honra ao Divino.

Segundo Bogden (*apud* KIDDER, 1987), a observação participante tem sido definida como um período de intensa interação social entre pesquisador e sujeitos, no meio desses últimos, durante o qual coletam-se dados, na forma de notas de campo, de uma maneira sistemática e não reativa.

Com referência à observação participante, assistimos aos preparativos anteriores e rituais que antecipam a festa, como visita da bandeira nas casas, novenas, decoração do salão

paroquial, preparação das comidas, assistimos também a todos os rituais durante a festa, incluindo a coroação do Imperador, encontro da família, procissões, missa do sorteio e missa do novo Imperador na segunda feira, durante os anos de 2000, 2001 e 2002. Fotografamos, anotamos procedimentos em caderno de campo e gravamos as cantorias dos foliões.

4.4 Análise dos Dados Coletados

Nossos dados foram analisados utilizando a metodologia e os instrumentos que permitem a construção de discursos de vários sujeitos que vivem, neste caso em particular, em uma comunidade tradicional, município de Penha. De acordo com Lefèvre (2000), que trabalha com um modelo de análise denominado Discurso do Sujeito Coletivo (DSC):

Nos depoimentos, ao mesmo tempo em que o sujeito enquanto ator social revela dados que são modelos interiorizados, este mesmo ator experimenta conhecer o fato social de forma peculiar. É, portanto necessária à seleção de diversas e variadas entrevistas, a fim de que possamos compor o quadro global, para que seja atingida a compreensão do campo pretendido (LEFÈVRE, 2000, p. 20).

O método de Lefèvre, cuja sistemática adotamos em nosso trabalho, tem quatro figuras metodológicas que funcionam como organizadores dos depoimentos tomados nas entrevistas, resultando em um só discurso final representativo do grupo entrevistado, permitindo resgatar a expressão do pensamento de toda a comunidade. Estas figuras são as “expressões chaves”, a “ancoragem”, a “idéia central” e o “discurso do sujeito coletivo”.

- Expressões chaves são transcrições literais de partes do discurso imprescindíveis para a compreensão do mesmo. São elas que nos trazem a verdade, ou seja, a prova discursivo-empírica das idéias centrais;
- A ancoragem é onde está alicerçado o discurso, seja em teorias, hipóteses, conceitos ou ideologias existentes na cultura local ou na sociedade da qual provém o sujeito;
- As idéias centrais são afirmações que permitem traduzir o essencial do discurso do sujeito;
- O DSC é a expressão dos pensamentos dos sujeitos entrevistados, traduzidos em uma só fala. É a expressão do pensamento coletivo, ou seja, a síntese de como e o que pensa a comunidade sobre o assunto pesquisado. É uma montagem artificial das partes significativas das falas dos sujeitos entrevistados, que juntas expressam o pensamento

coletivo. Neste caso, as partes unidas pelas mãos do pesquisador, configuram um discurso síntese que expressou uma “figura” ou representação social sobre o fenômeno, Festa do Divino Espírito Santo.

A partir dos discursos em estado bruto, registrados pelas entrevistas gravadas, foram produzidas análises teóricas, com referencial diverso que utilizamos para discutir a ancoragem, as idéias centrais e o DSC. Com esta análise agrupamos tantos discursos sínteses quantos foram possíveis para expressar os sentidos e os significados do fenômeno estudado.

Na construção do Discurso do sujeito coletivo DSC, produzimos quatro discursos, cada qual referente a um item estudado. Um discurso, referente à Organização da festa, outro em relação à Socialização, a Motivações e Interesses, e finalmente um DSC referente à Festa do Divino e o Turismo.

LEFÈVRE (2000, p. 18) determina os seguintes passos, que foram seguidos para obtenção dos DSC:

- 1 Ler algumas vezes o conjunto de respostas a uma questão;
- 2 Ler cada resposta em particular, sublinhando as expressões-chave;
- 3 Analisar todas as expressões-chave, buscando agrupar as semelhantes em conjunto(s) homogêneo(s);
- 4 Identificar e nomear a idéia central do conjunto, com o objetivo de unir num só quadro as expressões-chave da mesma idéia central ou da mesma ancoragem;
- 5 Construir os Discursos do Sujeito Coletivo de cada quadro obtido na etapa quatro.

Baseando-nos nestas premissas procedemos da seguinte forma:

Primeiro transcrevemos a totalidade das entrevistas para um caderno, conservando o nome do informante no início do parágrafo. Todos os informantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido²; segundo sugestão de nossa orientadora e de normas éticas de proteção ao entrevistado. Em novo caderno, registramos somente as expressões-chave de cada entrevistado, individualmente, grifando as idéias centrais das frases, aqui já divididas

² A UNIVALI possui atualmente o Comitê de Ética em Pesquisa, solicitando que as pesquisas que exijam trabalho de campo com entrevistas, sigam as normas éticas do Comitê Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Neste sentido, os informantes puderam ter acesso as explicações sobre o estudo realizado e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido autorizando a citação de seus nomes.

em quatro categorias: Organização da festa, Socialização, Motivações e Interesses, Festa do Divino e o Turismo.

A seguir os resultados do estudo e discussão destas categorias.

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 A Festa do Divino: Descrição Histórica

As origens do culto ao Divino Espírito Santo remontam ao século XII, e nos transportam à Idade Média, às pregações religiosas dos Joaquitimitas, ou seja, seguidores de Joaquim de Flora, frei italiano que profetizava a Nova Idade na Terra, onde dominaria o Espírito Santo (LIMA, 1994).

A Europa encontrava-se na pós-vida do Primeiro Milênio, com transformações econômicas, sociais e políticas em processo e a crença em um provável apocalipse.

Segundo Lima (1994), os Franciscanos, seguidores de Francisco de Assis (1182-1226), contemporâneo de Joaquim de Flora, se encarregaram de transmitir a crença no Espírito Santo. Esta ordem notabilizou-se pela construção de conventos que possuíam hospitais, instalados em várias partes da Europa. A doutrina de Joaquim de Flora, baseada no culto ao Divino Espírito Santo, foi assim disseminada pelo continente europeu. “A ordem Franciscana em 1264 possuía oito mil casas entre conventos, hospícios e residências” (LIMA, 1984, p.125).

A tese de Joaquim de Flora, de que a última fase da história seria do Divino Espírito Santo, veio ao encontro da filosofia de São Francisco de Assis e assim a crença no Espírito Santo chegou a Portugal.

A Ordem Franciscana que se estabeleceu em Portugal em meados do século XIII e que se expandiu de uma forma rápida e notável, graças à nova ética onde avultavam novos valores no campo espiritual e social, que constituíam uma verdadeira reforma das formas arcaicas de uma Igreja corrupta e prepotente, deverá ter contribuído para a aceitação e desenvolvimento do culto do Divino Espírito Santo, voltado no campo social precisamente para o amparo e auxílio às classes mais desfavorecidas e seu tratamento na doença e auxílio na adversidade (LIMA, 1984, p.127).

Muitas histórias folclóricas cercam a edificação da primeira Igreja e Hospital de Alenquer em Portugal (CAMPOS, 1998), construídos pela rainha Isabel em honra ao Divino

Espírito Santo. O que se sabe é que no século XIV a Festa do Divino já se apresentava incorporada à Igreja como festividade religiosa (LIMA, 1998).

A rainha Isabel, conhecida como rainha Santa, chamava-se Isabel de Aragão e era filha de Pedro III de Aragão, que já seguia a doutrina espiritualista. Isabel de Aragão casou-se com Dom Dinis (1279-1325) e deste casamento nasceu o príncipe Dom Afonso.

“A cultura Portuguesa no tempo do Rei Dom Dinis caracterizava-se por uma forte tendência laica em que a soberania real e o poder civil procuravam libertar-se do poder da Igreja ou Papal, dominante em muitos aspectos da vida social da comunidade civil” (LIMA, 1984, p.126).

Diz-se que o Rei Dom Dinis, apesar de ser bom rei, possuía uma personalidade muito forte, era muito orgulhoso e custava a perdoar (CAMPOS, 1998). Por causa deste temperamento, vivia sempre em conflito consigo mesmo e com as pessoas da corte. A rainha, no desejo de tornar o rei mais humilde, prometeu coroar o súdito mais pobre que entrasse na capela, no dia de Pentecostes. Neste dia a corte assistiu com espanto ao espetáculo de um pobre velho descalço subir os degraus do trono real, tomar assento e ser coroado pelo Bispo. Esta é uma das versões que conta o folclore a respeito da instituição da primeira Festa do Divino pela rainha Santa Isabel (Ofício da Paróquia do Santíssimo Sacramento de Itajaí, 05/1995).

A segunda versão conta que a rainha teve um sonho, quando a corte pousava em Alenquer, Portugal, no ano de 1321. Isabel ouviu uma voz divina que lhe recomendava a construção do primeiro templo cristão em honra ao Divino Espírito Santo.

A terceira versão é que a rainha Santa prometeu ao Divino Espírito Santo a coroa real, em troca da paz entre o rei Dom Dinis e seu filho Dom Afonso (Ofício da Paróquia do Santíssimo Sacramento de Itajaí, 05/1995).

No século XVI, segundo Lima (1994), já existiam cerca de um milhar de igrejas, conventos e principalmente ermidas que possuíam, na sua maioria confrarias do Espírito Santo e que realizavam procissões, festas e romarias, alusivas ao Império e a coroação do Imperador.

Do continente português, o culto ao Divino passou às Ilhas de Açores e Madeira, quando da ocupação desses arquipélagos (LIMA, 1998).

A forma como funcionavam no século XV nos Açores as irmandades e confrarias do Santo Espírito que mantinham hospitais e da forma como em certos casos se deveria proceder quando da realização da Festa do Império do Espírito Santo (...) que constava dos cortejos e coroação dos Imperadores e dos bodos de pão e carne distribuídos pelas classes pobres” (LIMA, 1984, p.138).

Interessante ressaltar que a tradição do Divino sempre esteve ligada ao auxílio dos menos validos, pobres e doentes. Podemos comprovar este fato na literatura proveniente das Ilhas (Açores). Ao lado das Igrejas erguidas em louvor ao Divino, havia sempre um hospital para pobres. Os bodos de que se fala são comidas descritas como um grande cozido de carnes e verduras, servidas com pão aos pobres, geralmente depois da missa de coroação do Imperador. Tradição esta, introduzida pela rainha Dona Isabel desde a primeira celebração do Divino em Alenquer, Portugal (LIMA, 1998).

O fato deste culto ao Divino (e práticas decorrentes) quando de sua criação até hoje ser voltado para o amparo e auxílio às classes mais desfavorecidas pode ter sido razão de sua fácil aceitação por parte da população.

Esta crença especial na terceira pessoa da Santíssima Trindade foi intensificada nos Açores, onde ocorriam abalos sísmicos, erupções vulcânicas e peste. Estes fenômenos, ou seja, os problemas acarretados por eles, levaram os açorianos a intensificar a crença no Espírito Santo e seus milagres.

Desde a segunda metade do século XV, conhece-se a existência das Festas do Espírito Santo nos Açores, trazidas com os primeiros povoadores. No entanto, parece que a partir do destruidor terremoto de 1522, em Vila Franca do Campo, São Miguel, começou o verdadeiro e característico incremento entre os habitantes de todas as ilhas, alarmados e aterrados pela violência do “castigo”. Nestes cataclismos, dada a intervenção do Espírito Santo, são poupadas coisas e pessoas, segundo abundantes descrições, memórias e tradições que chegaram até nossos dias (SERPA, 1978, p. 90).

Tal qual nos Açores, no estado de Santa Catarina, a Festa do Divino foi introduzida a partir do século XVIII, entre os anos de 1748 – 1756, quando famílias de açorianos desembarcaram na Ilha de Santa Catarina e áreas vizinhas, aqui se estabelecendo. Vinham como parte de uma política de ocupação do sul do Brasil. Evidentemente encontraram

inúmeras dificuldades, como doenças sub-tropicais e a própria dificuldade de assentamento em terras ainda não povoadas (FARIA, 1998). Estes fatos podem ter contribuído para a continuidade do culto ao Divino Espírito Santo em nosso Estado.

“Os açorianos contribuíram para o aumento da insignificante população existente no estado então e porque emprestaram à terra os caracteres básicos da sua cultura” (Cabral,1994). O autor comenta, ainda, que no ano de 1746, o Conselho Ultramarino, para incentivar a imigração, determina transporte gratuito dos açorianos que queiram vir para o Sul do Brasil, obsequiando-os com terras para cultivo , ajuda de custo conforme o número de descendentes de cada casal , ferramentas , armas , animais e farinha necessária ao sustento de cada um , além de isentá-los do serviço militar.

Segundo Santos (1995), o arquipélago dos Açores, situa-se no meio do Oceano Atlântico, e desde o século XV, foi povoado pelos portugueses. Compõe-se de nove ilhas, sendo: São Jorge, Pico, Faial, Flores, Corvo , Terceira, São Miguel, Graciosa e Santa Maria. O Arquipélago estende-se por 2.400km quadrados.

O povo açoriano, junto com a esperança de uma vida nova e farta, trouxe na bagagem seus hábitos e costumes, enfim toda uma cultura que aqui foi introduzida e mantida através de gerações, chegando até nós em forma de canto, dança, festas populares, crenças, hábitos alimentares e artesanato (FARIA, 1998).

A Festa do Divino representa hoje a manifestação mais significativa da cultura popular catarinense, celebrada em aproximadamente cinquenta municípios do litoral e em treze comunidades de Florianópolis, Ilha de Santa Catarina. Ocorre nos meses de maio ou junho de acordo com o calendário litúrgico da Igreja Católica, cinquenta dias depois da Páscoa culminando no domingo de Pentecostes, data que celebra a descida do Espírito Santo aos apóstolos (NUNES, 2000).

A palavra Pentecostes significa cinquenta dias. A festa de pentecostes dos cristãos, realizada cinquenta dias depois da ressurreição de Cristo, celebra a descida do Espírito Santo, momento que sela a libertação trazida pela morte e ressurreição de Jesus (OLIVEIRA, 2002).

Segundo a Bíblia Sagrada, Livro dos Atos dos Apóstolos (AT2, 1-11), “Quando chegou o dia de Pentecostes, os discípulos estavam todos reunidos no mesmo lugar; de repente, veio do céu um barulho como se fosse uma forte ventania, que encheu a casa onde eles se encontravam. Então apareceram línguas de fogo que se repartiram e pousaram sobre a cabeça de cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo os inspirava” (*apud* OLIVEIRA, 2002, p. 04).

No município de Penha, a festa em homenagem ao Divino, objeto de nossa pesquisa, completa cento e sessenta e seis anos de realização no ano de 2002. Hoje, a festa cuja origem é açoriana, tem como organizadores e participantes, descendentes de açorianos e de outras etnias que povoaram a região.

5.2 A Festa do Divino em Penha: Relato Descritivo³

Este capítulo descreve o cenário da festa, e seu desenvolvimento durante os dias da preparação e realização, em Penha. A essência das Festas do Divino, que se realizam por todo o Estado, é comum; porém o desenvolvimento obedece à tradição particular da localidade onde é praticada.

Em Penha, existem alguns rituais, como por exemplo, o encontro da família, realizado na tarde do Domingo de Pentecostes, que é único em todo o Estado. Além dele, outras particularidades, como a denominação de “empregados” aos participantes que carregam as bandeiras, as velas e as varas, podem ser destacadas como exclusivas de Penha.

Festa é uma instituição histórica e cultural e não uma ordem; é um evento que deve ser compreendido no seu contexto econômico e social: a festa é um instituto no qual se trocam e se compartilham bens simbólicos de diversas origens e natureza e no qual são solenizados momentos específicos da vida individual e coletiva. Nela, o fato comunicativo se realiza ao máximo, concedendo um amplo espaço as expressões de um imaginário, que freqüentemente se canaliza nas formas do lúdico e do espetacular, e que por sua vez encontra espaço entre os termos de um “espaço” e de um tempo ideologizados como sagrados (GALLINI, *apud* GIACALONE, 1998, p.127).

³ Este tópico é fruto das observações que realizamos em Penha nas festas de 2000 a 2002. A descrição que fazemos é livre sem preocupações com relação a teorias ou enfoques explicativos do turismo ou da antropologia. Não faremos por enquanto uma análise sobre a importância destes rituais como produto turístico, nem como fator de integração intergeracional.

5.2.1 O Ritual da Festa

A Festa do Divino⁴, propriamente dita, ou seja, o Tríduo Festivo, se inicia no sábado que antecede ao domingo de Pentecostes. São três dias de festa, sábado, domingo e segunda, decretado feriado municipal por ocasião da festa. O Município de Penha se enfeita de bandeirinhas coloridas, barracas de artesanato, comidas típicas, lembranças do Divino, alto-falante tocando músicas e anunciando as atrações da festa. Esta movimentação acontece na praça da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha, coração da cidade.



Figura 3 – Vista da Igreja Matriz Nossa Senhora da Penha, e entorno onde realizam-se as comemorações.

Fonte: Schauffert, 2001.

Nos nove dias que antecedem a festa, são realizadas novenas, por isso nove dias, com a participação das paróquias vizinhas que estão envolvidas nos festejos. Normalmente, cada novena fica por conta de uma paróquia, grupo civil ou religioso. Instituições, como Prefeitura, escola e empresas representativas do município, se encarregam dos cânticos, celebrações e dramatizações ocorridas no desenvolvimento da festa. As novenas, portanto, missas acompanhadas de representações e orações especiais, acontecem sempre às dezenove e trinta

⁴ Quando me refiro as Festas do Divino de maneira geral, apresento festa com letra minúscula, e quando me refiro a Festa do Divino do município de Penha, tema de minha pesquisa, apresento Festa com letra maiúscula.

na Igreja Matriz de Penha. Depois da celebração, realizam-se eventos de confraternização social e cultural, como bailes, jantares e festival da canção.

Às 19 h do sábado, a missa é celebrada com a presença do Imperador, Imperatriz e familiares, empregados de vela, empregados de vara, empregados de bandeira, e comunidade local. A celebração é realizada na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha, localizada na praça central do município. A igreja está decorada com os estandartes do Divino, trono, adornado nas cores vermelho e branco, flores, velas, e fitas nas mesmas cores; a coroa, o cetro e a salva, dispostos em um pequeno altar, ao lado do altar principal. Outras vezes a coroa, o cetro e a salva são trazidos por Imperadores dos anos anteriores, que vêm em procissão com o atual Imperador e família.



Figura 4 – Procissão com o cortejo imperial, varas, velas e bandeiras.
Fonte: Schauffert, 2001.

Os primeiros bancos da igreja são reservados para a família imperial e empregados de bandeira, vela e vara, convidados pelo Imperador. Os demais assentos são ocupados por famílias de fiéis e empregados (vela, bandeira) em geral. Os empregados de vela comparecem com as velas vermelhas nas mãos, porém estas só são acesas por ordem dos foliões. Os empregados de bandeira trazem as bandeiras adornadas por fitas coloridas, muitas são heranças de família, outras, promessa e ainda presente do novo Imperador. Os empregados de

vara somente formarão com elas o quadro em torno da família imperial no domingo, porém, estão presentes na celebração. As varas são adornadas de vermelho e branco.

A missa estende-se por duas horas, os padres revezam-se nas orações e cânticos, há também um coral acompanhado por alguns instrumentos musicais. Grupos de jovens alternam-se durante a cerimônia em performances homenageando o Divino. Ao final da celebração, o casal imperial agradece ao público presente e são seguidos pelos foliões, que tomam à frente das comemorações.

Os foliões são um grupo masculino de cantadores e instrumentistas que ordenam os passos da festa. Com sua cantoria, vão anunciando quem deve se movimentar, em que ordem, para onde ir e o que devem fazer os participantes da família imperial e demais envolvidos nos rituais. Todos se vestem de terno branco, no domingo; nos outros dias, de terno escuro, com camisa e faixas vermelhas, saem da igreja tocando e cantando e são seguidos pela família imperial, empregados e devotos formando um cortejo da matriz até o altar imperial.



Figura 5 – Foliões do Divino, cantadores e tocadores, com seus instrumentos.
Fonte: Schauffert, 2002.

Os participantes seguem em procissão com as velas acesas, levando a coroa, o cetro e a salva até o altar do império, localizado a quinhentos metros da igreja.

Imperador e Imperatriz seguem à frente, com a coroa carregada pelo trinchante (pessoa normalmente parente do Imperador ou da Imperatriz que carrega a salva com a coroa) e o cetro, que serão depositados no altar imperial. Chegando em frente à casa onde está localizado o altar, todos param em fileiras com as velas acesas e recitam orações durante algum tempo. Em seguida, os foliões anunciam e coordenam a entrada da família imperial e de outras poucas pessoas, geralmente empregados de bandeira e vara, no altar imperial, onde acontecem outras orações, sempre acompanhadas pelas cantorias dos foliões. Lá, são depositados o cetro, a salva e a coroa, onde permanecerão até a manhã seguinte.

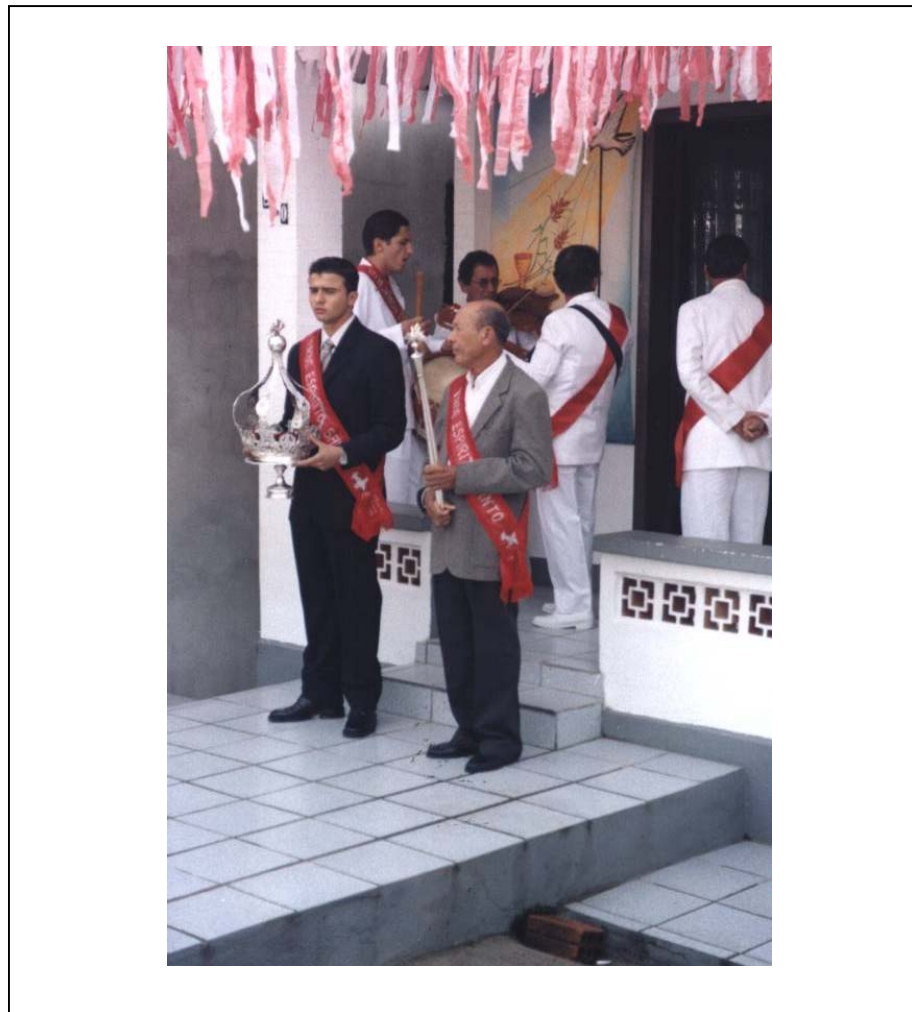


Figura 6 – Trinchantes do Imperador, ou seja quem carrega a coroa e cetro.
Fonte: Schauffert, 2002.

Depois disto, a festa é do povo, que se acumula no salão paroquial para o baile, churrasco, bingo, e barraquinhas montadas no entorno da praça central do município.

No Domingo de Pentecostes pela manhã, seis horas, alvorada festiva com foguetório inicia as comemorações do Divino. Às nove horas, encontram-se em frente ao altar imperial,

montado na casa de um dos participantes da festa, o Imperador, a Imperatriz, espadim, meninas dos sete dons, bandeira da Paz, bandeira do Divino e autoridades, que carregarão as bandeiras de Santa Catarina, dos municípios de Penha, Piçarras e Navegantes, empregados de vela, bandeira, vara e foliões. Estes últimos iniciam a cantoria e vão organizando a procissão que partirá do altar imperial para a igreja matriz de Penha. Orações rápidas são entoadas. O cortejo se forma: primeiro a bandeira branca da Paz, depois as bandeiras do Estado e dos Municípios, seguindo-se a bandeira vermelha do Divino, as meninas dos sete dons acompanhadas pela família imperial, com o trinchante carregando nas mãos a coroa pousada na salva e o cetro, carregado pelo filho ou irmão do Imperador ou Imperatriz; e os empregados de vara, que formam o quadro em volta da família imperial. Todos se dirigem em procissão com os empregados de vela e bandeira até a igreja matriz.



Figura 7 – Procissão no Domingo de Pentecostes com as meninas dos Sete Dons, carregando nas mãos os sete dons do Divino Espírito Santo.

Fonte: Schauffert, 2001.

Este é o ritual mais importante da festa, a coroação do Imperador. A igreja matriz está lotada de fiéis com suas bandeiras e velas nas mãos, o cortejo vem entrando na ordem da procissão, pela porta principal, enquanto as bandeiras e as pessoas do cortejo vão sendo acomodadas nos lugares já preparados. Nesse momento, há grande comoção. Muitas pessoas choram, o que se repetirá muitas vezes ao longo dos rituais seguintes. Em frente ao altar, tomam lugar o padre, que procederá à coroação, os foliões que acompanharão a cerimônia, o

Imperador e a Imperatriz, em frente à almofada vermelha, onde se ajoelharão para a coroação, e a família imperial com a salva, coroa e cetro.



Figura 8 – Imperador coroadado na missa de Domingo de Pentecostes, acompanhado pela corte.
Fonte: Schauffert, 2002.

Os fiéis entoam cânticos em homenagem ao Divino, a igreja é uma grande festa, de cores, fé, alegria e devoção. O padre procede à coroação do Imperador, que abençoa os presentes, com a coroa na cabeça e o cetro nas mãos; é aplaudido por longo tempo; depois, senta-se no trono, com a Imperatriz, ladeado pelos trinchantes. O padre então inicia a missa, acompanhada por coral e instrumentos musicais. O clima é de grande energia e confraternização, os cânticos são alegres e todos participam com prazer e grande emoção.

A celebração é longa, acompanhada por depoimentos de familiares do Imperador, orações em louvor ao Divino, distribuição de pães bentos para os participantes. Ao final da celebração, o Imperador discursa, agradecendo a participação de todos e convidando para o almoço patrocinado por ele, através dos donativos recebidos na peregrinação da bandeira (procedimento que será descrito com a conclusão da dissertação). São servidas cercas de três mil refeições no domingo da festa, estas simbolizam os bodos de pão e carne, servidos aos pobres pelos nobres nas celebrações do Divino durante a Idade Média.



Figura 9 – Empregados de bandeira, de vara e de vela em procissão.
Fonte: Schauffert, 2002.

Às dezesseis horas, realiza-se o encontro da família imperial. O Imperador, coroado, vem da igreja com seus seguidores, em procissão em direção à Imperatriz, que aguarda em frente à Prefeitura, com seus acompanhantes. No encontro, o Imperador tira a coroa da cabeça e passa a coroar a esposa (Imperatriz), filhos, mãe, familiares de ambos e amigos íntimos. É um momento de muita emoção para a comunidade, pois celebra a valorização dos laços familiares. As pessoas se aglomeram em torno da família para assistirem a este ritual.



Figura 10 – Ritual do encontro da Família Imperial. Imperador coroado seu neto.
Fonte: Schauffert, 2002.

Em seguida, dirigem-se à igreja em procissão, onde será rezada outra missa com a realização de sorteio do novo Imperador para o próximo ano. São doze os candidatos, representando os doze apóstolos. Ao final da missa, o padre sorteia os inscritos e a comunidade aguarda o resultado, que será comemorado com alegria. Os candidatos são chamados ao altar e depois disto, o padre procede ao sorteio, tirando um papel com o nome de um candidato e outro que estará em branco ou escrito Imperador. Durante este procedimento, faz-se silêncio total entre as centenas de fiéis, que acompanham atentamente cada movimento do padre. Quando coincide o nome do candidato com o papel escrito Imperador, a igreja vem abaixo, tamanha a exaltação popular ao novo Imperador, que é aclamado. Ao final, Imperador e Imperatriz (não os novos, mas o da festa em curso), acompanhados dos foliões, entregam lembranças aos colaboradores dos festejos.

À noite, acontece ainda o baile, acompanhado de bingo, no salão da paróquia.

Segunda feira pela manhã é realizada outra procissão, do altar imperial para a igreja, com o novo Imperador e esposa, trinchante com a coroa, a salva e o cetro dentro do quadro de varas e o Imperador vigente com a Imperatriz fora do quadro. Os foliões acompanham a procissão e, chegando na igreja, entoam suas cantorias, rituais e convidam o novo Imperador para sentar em frente ao altar. O Imperador vigente com a Imperatriz estão no trono e o novo casal, próximo. Ambos assistirão à missa e o atual Imperador passará a coroa (em mãos) para o novo eleito. Ao final da missa, os foliões, tocando seus instrumentos e cantando, agradecem ao Imperador vigente pela festa e trabalho de evangelização realizados. Em seguida chamam o novo Imperador e esposa que ficam ao lado do atual, o padre passa a coroa para o novo Imperador, que aguardará até o final da cerimônia com a coroa nas mãos. Os foliões, tocando, agradecem ao Divino pela festa, também aos presentes e se despedem, prometendo voltar no próximo ano. Durante as cantigas, os foliões falam das famílias que trabalharam para que a festa se realizasse e da importância da continuidade desta tradição.

Depois da missa, temos o último almoço financiado pelo Imperador vigente e, para finalizar, quando anoitece, o baile do Novo Imperador, encerrando a festa no salão Paroquial.

5.2.2 Simbologia do Divino

Aqui apresentamos os símbolos que são parte dos rituais e das crenças ligadas à Festa do Divino. Cada símbolo, seja um personagem ou um objeto, representa os valores e a fé de um grupo que tenta manter uma tradição nascida em um outro espaço cultural há mais de cento e sessenta anos.

Estes dados foram colhidos através da classificação de Faria (1998) e de informações de pessoas ligadas à organização da Festa do Divino de Penha, como o Sr. Vilmar (Carneiro) Adriano. São os seguintes:

1. A Pomba do Divino

Simboliza o Divino Espírito Santo e está presente em todos os momentos da festa. Pode ser confeccionada em madeira ou metal, colocada na ponta do mastro das bandeiras, no centro nos estandartes, no centro das bandeiras (em tecido), nas lembranças da festa distribuídas pelo Imperador ou vendidas nas barraquinhas, e na ponta do cetro(em prata).



Figura 11 – A Pomba do Divino.
Fonte: Schauffert, 2002.

2. A Bandeira do Divino

Representa o Estandarte da rainha Isabel de Aragão (Santa Isabel). É vermelha e têm em seu centro a pomba do Divino Espírito Santo com as asas abertas. Pode ser branca, chamada Bandeira da Paz, ou Bandeira Vermelha do Divino, bordadas em ouro ou prata, muitas vezes de veludo.



Figura 12 – Bandeiras do Divino.
Fonte: Schauffert, 2001.

3. Coroa

Símbolo do Reinado do Divino Espírito Santo é lavrada em prata e faz parte do Conjunto Império, juntamente com o cetro e a salva. Na maior parte das localidades onde se realiza a festa, a coroa foi trazida dos Açores em anos remotos.



Figura 13 – Coroa do Imperador do Divino.
Fonte: Schauffert, 2001.

4. Cetro

Bastão de prata lavrada com uma pomba alçada à ponta, em algumas localidades colocam-se fitas coloridas amarradas ao cetro. Simboliza o poder do rei escolhido pelo povo.



Figura 14 – Cetro do Imperador do Divino.
Fonte: Schauffert, 2002.

5. Salva

Bandeja de prata onde são colocados a coroa do Imperador e o cetro que serve de apoio ao conjunto.

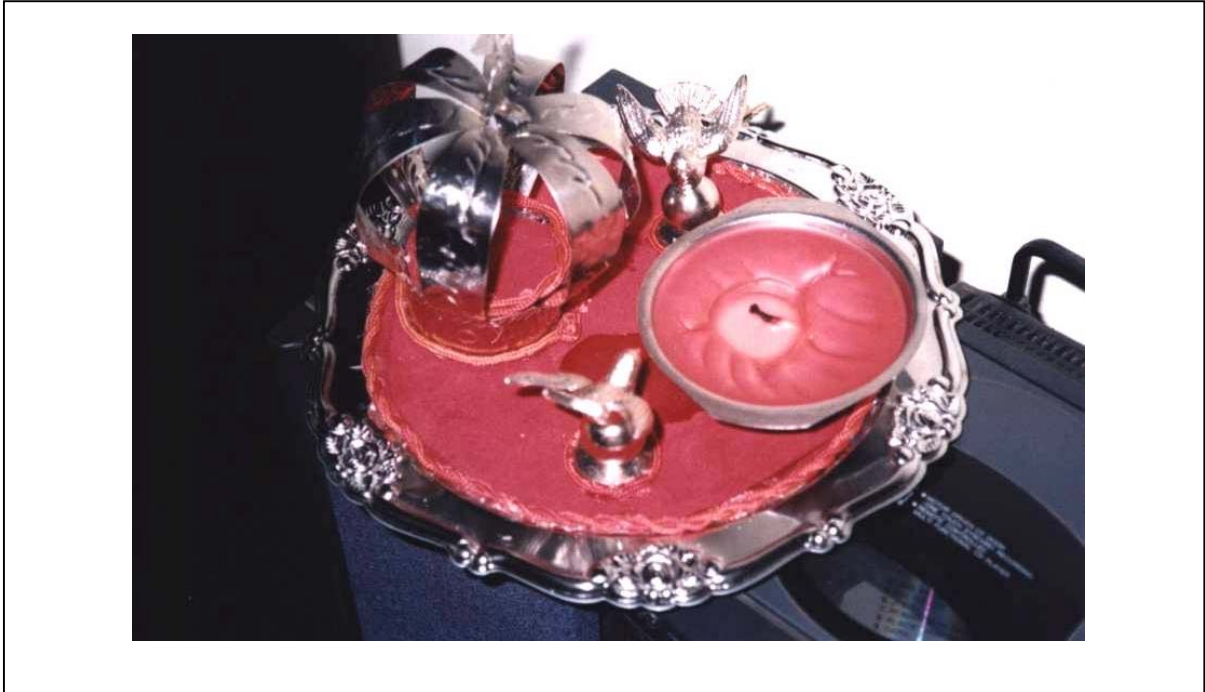


Figura 15 – Salva.
Fonte: Schauffert, 2002.

6. Fitas coloridas

Frutos de promessas de quem alcançou alguma graça ou cura. As fitas são colocadas nos mastros das bandeiras e possuem cores e tamanhos variados.



Figura 16 – Fitas coloridas.
Fonte: Schauffert, 2002.

7. Império do Divino

Também pode ser chamado de Teatro ou casa do Divino. É um altar onde ficam expostos o conjunto Império (coroa, cetro e salva), as bandeiras e estandartes do Divino, muitas vezes ladeados pelos tronos do Imperador e Imperatriz. No caso de Penha, o império fica em uma casa próxima à Prefeitura Municipal, antigamente, porém, estaria localizado na casa do Imperador.

8. Imperador e Imperatriz

Casal pertencente à comunidade onde se realiza a festa. Em algumas localidades, como em Penha, o Imperador é o vencedor do sorteio anual realizado na igreja durante a festa. O Imperador é sempre um adulto casado, ele e sua esposa representam o Imperador e a Imperatriz, que organizam a festa e são posteriormente coroados. Em outras localidades, é um casal de crianças ou adolescentes, normalmente filhos dos Festeiros ou bandeirinhas que são coroados durante a missa no domingo de Pentecostes.



Figura 17 – Imperador e Imperatriz 2001.
Fonte: Schauffert, 2001.

9. Corte

Formada pelo Imperador, Imperatriz, pajens e damas. Em Penha, formada pelo espadim, dama, meninas dos sete dons e filhos do casal imperial. O espadim, a dama e as meninas vestem roupas da época do Império, confeccionadas com tecidos finos e bordadas.



Figura 18 – A Corte.
Fonte: Schauffert, 2002.

10. Festeiros

Casal que financia e organiza a festa. Em alguns locais podem ser chamados de Juízes ou Imperador e Imperatriz (caso de Penha). Nos Açores são chamados de mordomos.

11. Peditório

Acontecem nos meses que antecedem as festas. São visitas feitas na comunidade para angariar fundos, prendas e convidar as pessoas para a festa. O Imperador é acompanhado dos foliões que tocam seus instrumentos e cantam músicas relativas ao Divino. O peditório também é chamado de peregrinação da bandeira ou visita. Conforme o nome indica, o

Imperador e comitiva pedem donativos para a organização da festa . As casas visitadas recebem a bandeira e seus acompanhantes com comida e bebida fartas.



Figura 19 – Peditório.
Fonte: Schauffert, 2002.

12. Foliões

Grupo de tocadores e cantores. Utilizam um tambor, violão, pandeiro e rabeca. Comandam todos os rituais, do peditório à coroação, sempre entoando um ritmo e melodia própria da tradição açoriana.



Figura 20 – Foliões.
Fonte: Schauffert, 2002.

13. Varas

Conjunto de varas de madeira enfeitadas que guardam o casal Imperial e sua família durante os cortejos nas procissões.



Figura 21 – Varas e empregados de vara, formando o quadro.
Fonte: Schauffert, 2001.

14. Banda Musical

Acompanham e animam o cortejo Imperial, entoando hinos e dobrados tradicionais. Em Penha não existe este acompanhamento, somente os Foliões é que tocam na procissão e nos rituais.

15. Irmandade do Divino Espírito Santo

Grupo de fiéis pertencentes à Igreja Católica, são responsáveis pelas ações assistenciais praticadas em benefício da comunidade, com os fundos do Divino Espírito Santo. Em alguns locais são também responsáveis pela organização da Festa do Divino. Em Penha não existe esta irmandade, porém o Apostolado da Oração exerce função semelhante.



Figura 22 – Apostolados da Paróquia Nossa Senhora da Penha.
Fonte: Schauffert, 2002.

16. Empregados

Convidados do casal Imperial para participar da festa. Eles podem ser empregados de vara (que levam o quadro de varas) protegendo a família imperial nas procissões, de vela (que levam as velas) e de bandeira (que levam as bandeiras nos cortejos durante a festa).



Figura 23 – Empregados de Bandeira e de Vela acompanhando os rituais no interior da Igreja Nossa Senhora da Penha.

Fonte: Schauffert, 2001.

17. Meninas dos Sete Dons

Sete meninas que levam nas mãos bolas e fitas onde estão escritos os sete dons do Espírito Santo: Sabedoria, Entendimento, Ciência, Conselho, Piedade, Fortaleza e Temor a Deus.



Figura 24 – Meninas dos Sete Dons, acompanhadas pelo Mestre Folião.

Fonte: Schauffert, 2001.

18. Espadim e dama

Menino que carrega uma pequena espada, possui roupas ricamente adornadas com capa e acompanha a dama e as meninas dos sete dons.



Figura 25 – Dama e Espadim.
Fonte: Schauffert, 2001.

19. Canção do Divino

Esta canção é projetada na parede da Igreja Nossa Senhora da Penha durante as missas para que todos os fiéis acompanhem. A numeração é simplesmente para que a pessoa localize seqüência dos versos. Ela também é utilizada em outros rituais porém de forma oral.

- 1- Os Devotos do Divino, vão abrir sua morada, pra bandeira do Menino, ser bem vinda ser louvada, ai, ai.
- 2- Deus nos salve esse Devoto, pela esmola em vosso nome, dando água a quem tem sede, dando pão a quem tem fome, ai, ai.
- 3- A Bandeira acredita, que a semente seja tanta, que esta mesa seja farta, que essa casa seja santa, ai, ai.
- 4- Que o perdão seja sagrado. Que a fé seja infinita, que o homem seja livre e que a justiça sobreviva , ai ,ai.

- 5- Assim como os três Reis Magos, que seguiram a estrela guia, a bandeira segue em frente, atrás de melhores dias, ai, ai.
- 6- -No estandarte vai escrito, que Ele voltará de novo, que o Rei será bendito, ele nascerá do povo, ai, ai.

5.3 Os Discursos da População Estudada

5.3.1 Organização da Festa do Divino e sua importância para o grupo

Neste estudo, os discursos demonstram as construções de uma lógica própria à comunidade, relatam os desejos das pessoas em relação à festa e a relação desta com a individualidade de cada entrevistado.

Todos os informantes são unânimes no sentimento de amor pela tradição e pela festa; concordando com a macro-organização e significação dos rituais e discordando em algumas ações produzidas pela organização, como veremos a seguir.

Constatamos uma percepção coletiva, construída culturalmente pela sedimentação e uma outra própria a cada indivíduo participante da organização da festa. Estas falas exteriorizam visões pessoais com relação à festa e como ela vem acontecendo. São colocadas sempre de maneira positiva, como críticas construtivas e ações que foram e devem ser tomadas para melhorar a Festa, no sentido estético e humanitário. Como exemplo temos:

Na visão das pessoas que representam os personagens da Festa, tais como o Imperador, do mestre folião e até mesmo a filha de um ex-Imperador, a Festa deve se aproximar dos mais humildes, muitas vezes excluídos das visitas pelo fato de os organizadores não investirem nestas pessoas quando as mesmas apresentam falta de recursos materiais.

“Fizemos modificações para trazer a festa para gente mais humildes” (Djalma Pereira, Imperador 2002).

Para o mestre folião a festa deve prosseguir conforme a tradição, porém ele mesmo modificou alguns detalhes “para modernizar” os rituais.

“A gente como folião inovou muita coisa, as meninas dos sete dons, as bandeiras dos municípios, do estado, isso não existia antes” (José Olavo Coelho, Mestre folião).

Muitas pessoas da comunidade, entre elas a filha de um Imperador, acredita que os donativos angariados nas visitas deveriam ser revertidos em benefícios dos menos válidos e não aplicados no almoço do Imperador no Domingo de Pentecostes.

“A festa como está agora visa a muito dinheiro e muita competição entre os Imperadores, muitas pessoas só vão para comer e estão preocupadas só com o almoço. Acho que o luxo esta desvirtuando o sentido da festa” (Suselli Anacleto).

As falas anteriores mostram que a preocupação com a Festa é uma realidade, sendo a organização um ponto vital para todo o processo.

A organização da Festa do Divino em Penha possui um sistema muito bem estruturado. O que impressiona é que todos sabem seus papéis, e como desempenhá-los, como se existissem códigos locais de ações regidas por princípios de direito-dever, o que pode esperar da Festa e o que deve fazer nela cada categoria de participante (BRANDÃO, 1978).

Existe no município de Penha um grupo central de organização da Festa do Divino que é fixo e formado por aproximadamente doze casais, todos provenientes de famílias tradicionais da cidade, incluindo os foliões e seu mestre, alguns ex-Imperadores e representantes da elite econômica e política do município, todos acompanhados de suas esposas. É um grupo coeso e organizado, podemos sentir a força de aglutinação entre as pessoas quando entrevistamos várias delas por ocasião de uma reunião realizada no início de fevereiro de 2003. Esta foi a primeira reunião, realizada entre os organizadores da Festa no início dos trabalhos, quando se faz um cronograma de visitas com a bandeira, levada pela família imperial, se escolhem as pessoas que farão parte grupo organizador e os foliões que visitarão as famílias da comunidade.

Alias, vale ressaltar a importância destas visitas para pedir donativos para a festa e ao mesmo tempo trabalhar na evangelização das famílias.

“Depois do carnaval começa a visita nas casas”; “a gente vai nas casas com a bandeira e leva o convite”. “Vai arrecadando donativos” (Djalma Pereira, Imperador 2002).

É curioso como funciona este procedimento, dada a importância, segundo os informantes, tanto das doações necessárias para a realização do almoço do Imperador no Domingo e para a organização geral da festa, bem como da necessidade dos preparativos religiosos, como as orações em famílias, bênçãos, promessas e agradecimentos ao Divino.

O grupo central de organização controla e assegura a continuidade dos festejos.

“A Festa do Divino são quatro esteios: O Imperador; o Sr. Udo Figueredo; o padre e o Sr. José Olavo Coelho, mestre folião” (José Olavo Coelho Mestre folião).

Existem dois agentes motivadores e núcleos de interesses na realização da Festa do Divino. Em um primeiro momento a questão religiosa. A comunidade de Penha – e dos municípios participantes, Navegantes e Piçarras - tem uma fé muito arraigada ao Divino Espírito Santo.

Durante as entrevistas sentimos a emoção e a seriedade com que tratam da crença no Divino, a necessidade de, durante a realização dos preparativos e nos três dias da Festa, “Tríduo Festivo”, estarem agradecendo ao Santo pelas dádivas alcançadas. Historicamente tem-se o registro de que a Festa na região tem cento e sessenta e sete anos.

Em uma das falas do Imperador 2002, o mesmo explicita a crença de que o Divino protege a comunidade de Penha e suas famílias e que a festa é um agradecimento coletivo por estes favores. Milagres são atribuídos ao Santo, a união entre os membros da mesma família que recebem a bandeira nos seus lares e fazem orações em conjunto, cantam canções em louvor e compartilham alimentos com a comitiva do Imperador. É, sem dúvida, motivação para que a festa e seus preparativos continuem se repetindo anualmente.

“É a maior festa da região, em 2002 teve vinte mil pessoas” (Maria da Graça, Imperatriz 2002).

É uma festa que celebra a família, e destaca seus membros como representantes do Divino. Este seria um segundo núcleo de interesse por parte da comunidade, com relação a manutenção da Festa do Divino. Neste sentido, o imperador e sua família são os representantes máximos. A primeira exigência para a escolha do Imperador é que ele seja “bem casado”, viva em harmonia com a sua esposa e filhos, “não tenha nome sujo na praça” e seja reconhecido na comunidade como um “homem bom e digno”.

“Não é qualquer pessoa que pode ser Imperador, tem que ser um homem de bem” (Djalma Pereira, Imperador 2002).

Nos relatos, esta fala foi repetida por todos os entrevistados, inclusive com exemplos de algumas escolhas equivocadas que resultaram na saída destas pessoas do sorteio dos doze candidatos anuais a Imperador.

A valorização da instituição família é também observada em todos os depoimentos.

“A Festa une a família”. “O apostolado da igreja também trabalha de graça com a família, esposa, marido e filhos”. “As famílias se unem para receber a bandeira” (Djalma Pereira, Imperador 2002).

A festa é organizada por gerações de famílias tradicionais das três cidades envolvidas, pais que foram Imperadores e colocaram os filhos, sobrinhos e genros na lista do sorteio. Famílias se alternam na organização da Festa, dependendo do resultado do Sorteio do Imperador, realizado no Domingo de Pentecostes, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha.

O grupo fixo de organização da Festa estará presente desde a primeira reunião e a partir daí, todos os sábados, nas visitas da bandeira nas casas, nas novenas, coroação, sorteio do novo Imperador, almoços e baile de encerramento da Festa. Somam-se a este grupo central os representantes dos bairros e dos municípios de Piçarras e Navegantes, que também são fixos e organizam as visitas do Imperador nas casas das famílias de seu bairro e seu

município. Estas pessoas, em torno de quarenta organizam os grupos que receberão a bandeira e oferecerão alimentos aos visitantes, e donativos para o almoço do Imperador.

“O pessoal da organização dá umas quarenta pessoas” (Maria da Graça, Imperatriz, 2002).

Todos os sábados, até o início da novena, são reservados para a visita da bandeira e comitiva imperial nas casas das famílias da comunidade. Apesar de a elite econômica e política da cidade estar presente no grupo central de organização, a festa possui uma tradição oral, que é respeitada. Nenhum registro escrito é mantido pelo grupo. As cantorias, as orações nas casas, muitas de improviso, a seqüência dos rituais e cânticos não estão registrados em papel, porém todos conhecem. Com exceção da canção do divino que é projetada na parede durante as missas da Igreja Nossa Senhora da Penha.

“É tudo de cabeça, tem verso que a gente repete sempre, tem verso de improviso, não tem nada escrito ...não tem regulamento escrito, nem livro, nem nada, a gente sabe” (José Olavo Coelho, Mestre folião).

A cultura popular tem na comunicação entre as gerações e na oralidade dois aspectos, entre outros possíveis, para a transmissão de sua lógica de pensamento e de suas práticas sociais (GOMES e PEREIRA, 2002, p. 46).

O poder do mestre folião e grupo central de organização é visível na comunidade. A Festa é gerida pelo grupo central e Imperador, que coordenam as ações de organização do evento. A autonomia do grupo para este fim é dada pelo poder atribuído a eles pela comunidade e também através de recursos angariados nas casas e empresas locais, que auxiliam no financiamento, divulgação, decoração, convites, transportes das pessoas, confecção de bandeiras e outras necessidades.

Não temos informação do movimento destes recursos, porém acreditamos que seja um montante elevado, considerando que somente o almoço, oferecido pelo Imperador no Domingo de Pentecostes, é consumido por quatro mil pessoas. Um serviço de *buffet* é contratado para este fim.

O mestre folião e o grupo central detêm o “conhecimento da festa”. Comandam porque conhecem, há um reconhecimento de poder através do conhecimento dos rituais e tempo de permanência da pessoa na organização da Festa. O mestre folião está no cargo “*há muitos anos*”, é respeitado na comunidade por isso, já foi Imperador, seu filho também e sua esposa é uma das encarregadas da evangelização durante os preparativos da festa.

“Os foliões tem peso muito forte, porque eles sempre acompanham a Festa, só muda o Imperador, eles que orientam” (Suselli Anacleto).

O sonho do mestre folião é ser prefeito de Penha para poder divulgar a Festa do Divino, fato que pode ocorrer, pois o mesmo é um empresário conhecido na região e respeitado na comunidade por comandar os rituais da Festa do Divino.

“Quem manda é o Imperador, mas o mestre folião é quem orienta” (Djalma Pereira, Imperador 2002).

O pároco e representantes da paróquia de Penha participam da organização da festa durante as novenas, nas missas, no ritual de coroação durante o Tríduo Festivo, quando o salão paroquial se abre para a venda de refeições, bebidas, bingo e conjuntos musicais. As irmandades religiosas, através de seus representantes e familiares, organizam estes eventos no salão paroquial. Toda a renda é revertida para a Igreja. As senhoras da irmandade confeccionam bolos, doces, pinhão, os maridos ficam no churrasco, espetinho e balcão de bebidas, cantam bingo e decoram o salão.

Os preparativos servem para unir as famílias e aproximar as pessoas que dividem as tarefas e são voluntárias nos trabalhos. O padre, pároco da Igreja Nossa Senhora da Penha, cargo que não é fixo, é ocupado segundo a política da instituição, comanda a parte religiosa da Festa quando a mesma ocorre na Igreja e nas procissões oficiais. O padre, como não é nascido em Penha, muitas vezes sugere modificações que não são acatadas pelos organizadores. Os párocos entusiasmados com a festa são bem aceitos pela comunidade, quando não, existem disputas pelo poder nas decisões relativas à organização dos rituais.

“O Imperador comanda tudo, dá a última palavra. O padre quer mudar, o Imperador não deixa” (José Olavo Coelho, Mestre folião).

Nas cerimônias oficiais, mesmo realizadas dentro da Igreja, existe uma alternância de comandos, ora o padre abençoa o Imperador e coroa sua cabeça, ora chama os foliões para dirigirem os rituais. Este é um processo curioso e particular da festa em Penha.

Segundo depoimentos, a Festa do Divino em anos anteriores era mais harmônica, e unificada, existia um só almoço do Imperador sediado no salão paroquial. Hoje, o almoço do Imperador acontece em dois locais: um clube da cidade e na paróquia. No clube vão os convidados do Imperador e na paróquia as pessoas da comunidade, que não foram convidadas pelo Imperador. Nesse sentido, podemos observar que não apenas a Festa cresceu mais tornou-se “dividida”, alguns autores poderiam afirmar que esta divisão demonstra a questão de classe social, poder econômico e político. Entretanto nas falas dos entrevistados, isso acontece porque a cidade e a Festa cresceram muito e não se pode convidar todos para o almoço do Imperador.

“A Igreja ajudava o Imperador, hoje não, o Imperador faz a Festa e a Igreja também”. “O almoço do Imperador é no clube e o da Igreja é no salão paroquial.” (Suselli Anacleto).

“A igreja está se tornando pequena para tanta gente” (Maria da Graça, Imperatriz 2002).

O ritual descrito como mais tocante pelas pessoas da comunidade é o encontro da família com os seus membros, momento emocionante onde o afeto entre os participantes da mesma família é celebrado e reconhecido.

“O encontro da família é o ritual mais bonito, quando o Imperador coroa os familiares. Pela tradição, antigamente o Imperador ia ser coroado sem a mulher e os filhos, que ficavam em casa (na roça) trabalhando para o almoço dos convidados, depois da missa vinha o Imperador com a comitiva e encontrava a família, daí tirava a coroa da cabeça e coroava a mulher e os filhos” (José de Deus Carvalho).

Este ritual é exclusivamente comandado pelos foliões e vivenciado em frente à Prefeitura, ao ar livre. Seguindo a seqüência dos rituais, após o encontro da família é rezada a missa do sorteio do novo Imperador. Este procedimento é realizado pelo padre, que interage

com a comunidade presente à missa e anseia por saber o nome do novo Imperador. Os foliões e seu mestre estão ao lado do padre, porém o sorteio é comandado por ele (padre) que tira do cálice os nomes dos doze inscritos e anuncia o nome do novo Imperador. Nesse momento, detectamos o poder compartilhado entre a instituição religiosa representada pelo padre, e o poder da comunidade representado pelos foliões.

Nos depoimentos dos informantes, sentimos o reconhecimento a algumas empresas, como a Costa Sul (Empresa de Pescados) citada como parceira constante na organização da Festa do Divino.

“A Costa Sul ajuda mais que a Prefeitura” (Maria da Graça, Imperatriz 2002).

Acreditamos que o grupo central de organização sente-se ressentido pela ajuda limitada prestada pela Prefeitura de Penha, que doa os fogos de artifício, empresta equipamentos e alguma mão-de-obra para a realização do Tríduo Festivo.

“A Prefeitura de Penha dá o que é de obrigação, dá os foguetes, empresta caminhão. Eles ajudam dentro do possível” (Maria da Graça, Imperatriz 2002).

Um informante ligado à Prefeitura esclarece que existe um decreto lei que regulamenta a ajuda da Prefeitura em três mil reais. Independente disto, o prefeito do município de Penha está sempre presente nas procissões do Domingo de Pentecostes, levando a bandeira de Penha. Outra pessoa citada que também está sempre presente nas procissões e missa da coroação é o ex-senador e ex-governador do Estado de Santa Catarina, Sr. Antônio Carlos Konder Reis. Figura destaque da comunidade, pois vive em Penha, e na procissão carrega a bandeira de Santa Catarina. Todos aguardam sua presença para o início dos rituais.

O empresário João Batista Sérgio Murad, o Beto Carrero, dono do parque temático com o mesmo nome, não participa efetivamente da Festa, foi citado como simpatizante, porém esteve presente em somente um jantar oferecido pelo Imperador 2002 no encerramento das visitas. Colaborou no mesmo ano com a produção dos folhetos de divulgação do calendário das festividades no Tríduo. Não temos informações de outro envolvimento do mesmo com os preparativos da Festa do Divino.

Na seqüência de nossa análise com relação à organização da Festa do Divino em Penha, apresentamos quadro demonstrativo das falas de alguns informantes agrupadas em expressões-chave e idéia central. Utilizamos o quadro somente para exemplo de procedimento metodológico utilizado para retirar das entrevistas o Discursos do Sujeito Coletivo destes informantes.

Quadro 1 – Exemplo de Discursos com Relação à Organização da Festa do Divino em Penha

Tema Organização da Festa Grupo I	Expressões – Chave	Idéia Central
<p>Informante Djalma Pereira (Imperador 2002) e Maria da Graça (Imperatriz 2002)</p>	<p>A maior festa da região <u>em 2002</u> teve <u>20.000</u> pessoas. <u>A igreja está-se tornando pequena</u> para tanta gente. Cada município tem uma pessoa responsável e em Penha cada bairro tem seu representante. <u>Tem um regulamento.</u> <u>Sr. José Olavo Coelho</u>, mestre folião é quem comanda a festa <u>há anos.</u> Quem manda é o <u>Imperador</u>, mas seu <u>Zé Olavo é quem orienta.</u> Depois do carnaval começa a visita nas casas. A bandeira vai para as casas, mas antes tem a missa do envio. A gente vai nas casas com a bandeira e leva o convite. E arrecada donativos. A gente come muito nas casas. O pessoal da organização em Penha dá umas 40 pessoas. As comidas a gente contrata um buffet e diz quantas pessoas vão comer (domingo, almoço do Imperador). O padre (Pároco da Igreja Nossa Senhora da Penha) e o pessoal do apostolado comandam a parte da festa na igreja e no salão paroquial.</p>	<p>A Festa do Divino é a maior Festa da região, a igreja esta se tornando pequena. Depois do carnaval começa a visita com a bandeira para arrecadar donativos. Existe um regulamento a ser seguido para organizar a Festa. O mestre folião é quem comanda a Festa, mas o Imperador organiza. O padre comanda a Festa na Igreja e no salão paroquial. A prefeitura e outras empresas ajudam na realização da Festa. O Sr. Figueredo (Ludgero Francisco Figueredo, o Udo), Konder Reis e os prefeitos de Navegantes e Piçarras também colaboram bastante.</p>

	<p>O Imperador é o organizador, é um maestro, mas a festa é do povo.</p> <p>A Prefeitura de Penha dá o que é de obrigação, dá os foguetes, empresta caminhão. Eles ajudam dentro do possível.</p> <p>A Costa Sul participa mais que a prefeitura. Ajuda mais.</p> <p>O Sr. Udo Figueredo ajuda bastante na organização.</p> <p>O Konder Reis também ajuda bastante com os políticos.</p> <p>Os prefeitos de Navegantes e Piçarras também colaboram.</p>	
Informante José Olavo Coelho (Mestre Folião)	<p>A gente como folião mudou muita coisa, as meninas dos sete dons, as bandeiras dos municípios, do Estado, isso não existia antes.</p> <p>Fomos inovando estandartes, as cantorias dos foliões foram modificadas, a gente cortou uns versos.</p> <p>É tudo de cabeça, tem verso que a gente repete sempre e tem verso de improviso. Não tem nada escrito. A gente sabe.</p> <p>O Imperador comanda tudo, dá a última palavra. O padre quer mudar, o Imperador não deixa.</p> <p>Não tem regulamento escrito, nem livro, nem nada. A gente sabe. A festa são quatro esteios: Sr. Udo Figueredo, o Imperador, o padre, o mestre folião. Tenho carta branca do Imperador.</p>	<p>A Festa possui uma tradição oral, daí porque todos conhecem os rituais e desempenham seus papéis.</p> <p>O mestre folião comanda por conhecer bem os rituais da festa.</p> <p>Tem carta branca do Imperador.</p> <p>Tem o poder de inovar segundo o raciocínio de que fica mais bonito.</p> <p>A organização da festa conta, além do mestre folião e do Imperador, com a colaboração do pároco e do Sr. Udo Figueredo.</p>

Quadro 2 – Exemplo de Discursos com Relação à Organização da Festa do Divino em Penha

Tema Organização da Festa Grupo II	Expressões – Chave	Idéia Central
Informante Albertina Roling	O departamento de cultura dá uma verba de mais ou menos R\$ 3.000,00 para ajudar a organização da Festa do Divino.	Existe um decreto da Prefeitura de Penha com relação à festa, determinando auxílio para o evento.

	<p>Nós pagamos os fogos de artifício.</p> <p>Foi feito um decreto pela Prefeitura para ajudar a Festa do Divino e a de São João Batista por serem as maiores festas do município.</p>	
<p>Informante Suselli Anacleto</p>	<p>A igreja ajudava o Imperador, hoje não, o Imperador faz a festa e a igreja também. Almoço do Imperador é no clube, o da igreja no salão paroquial.</p> <p><u>A elite é convidada sempre.</u></p> <p><u>Os foliões têm peso muito forte, porque eles sempre acompanham a festa, só muda o Imperador, eles que orientam.</u></p> <p>A Festa, como está agora, visa a muito dinheiro e muita competição entre os Imperadores (no sentido de status, lembrancinha, decoração, roupas mais bonitas).</p> <p>Acho que o luxo está desvirtuando o sentido da festa.</p> <p>A questão de espaço na igreja, que não é mais adequado.</p> <p>Muitas pessoas vão só para comer, estão preocupadas com o almoço.</p>	<p>A Festa está se tornando elitizada, antigamente o padre ajudava o Imperador, agora não, cada um faz a sua Festa.</p> <p>Os foliões tem peso muito forte na organização. Só muda o Imperador, eles é que orientam.</p>

O que emerge de tudo isso é o seguinte discurso:

Quadro 3 – Discurso do Sujeito Coletivo com Relação à Organização da Festa do Divino Espírito Santo em Penha.

A Festa do Divino são quatro esteios: o Imperador, o Sr. Udo Figueredo (fiel do Divino e dono de cartório), o padre e o Sr. José Olavo Coelho, mestre folião. O mestre folião comanda a festa há muitos anos. Quem manda é o Imperador, mas Sr. José Olavo Coelho é quem orienta porque conhece bem a festa. A Festa do Divino tem um regulamento que não é escrito, mas todos sabem. O padre comanda a parte religiosa da festa e o pessoal do apostolado da oração ajuda o padre na igreja, e no salão paroquial. O Sr. Figueredo ajuda bastante na organização. O Konder Reis ajuda com os políticos e os prefeitos de Piçarras e Navegantes também colaboram. Os foliões são importantes porque sem eles não existe festa. Eles são sempre os mesmos, só muda o Imperador, aí eles é que orientam (os foliões). Os foliões são todos nascidos em Penha, os pais já participaram da festa como empregados, imperadores e foliões também. Muitas pessoas ajudam na organização da festa por conta própria e porque gostam.

Cada município tem uma pessoa responsável e em Penha cada bairro tem um representante. O padre e o Imperador sempre chegam a um acordo. Não é qualquer pessoa que pode ser Imperador, tem que ser bem casado, bom pai de família, ter nome limpo, tem um ritual que deve ser respeitado. O Imperador é o maestro, mas a Festa é do povo. A prefeitura dá o que é de obrigação, dá os fogos, empresta o caminhão. Ajuda dentro do possível. A Costa Sul (empresa de pescado) participa mais que a prefeitura. A elite é convidada sempre. Fizemos modificações para trazer a festa para gente mais humilde.

5.3.2 A Festa do Divino e a Socialização

Segundo Boudon e Bourricaud (1993), socialização designa o processo de assimilação dos indivíduos aos grupos sociais. É o processo pelo qual ao longo da vida a pessoa humana aprende e interioriza os elementos socioculturais do seu meio, integrando-os à estrutura de sua personalidade, sobre a influência de experiências de agentes sociais significativos, adaptando-se assim ao ambiente social em que deve viver. Abrange os estudos relativos aos diferentes tipos de aprendizagem a que está submetido o indivíduo, especialmente na infância, pois a criança é introduzida na cultura à qual pertence logo no momento do seu nascimento.

No caso da Festa do Divino, as crianças são iniciadas nos rituais logo nos primeiros anos de vida. Informantes descrevem as lembranças das festas onde compareciam guiados por seus pais.

“Participo da festa desde criança, há 50 anos acompanho a festa” (José Olavo Coelho, Mestre Folião).

“Sempre fui na festa com meu pai e minha mãe, adora ver o espadim, o Imperador, aquelas roupas ...” (José Eduardo Pereira, filho do Imperador 2002).

A aprendizagem dos rituais se dá pela convivência entre as gerações de uma mesma família que participa ou organiza a festa e a convivência destas pessoas com os passos ritualísticos que são repetidos anualmente sempre na mesma seqüência. As gerações mais velhas levam os mais jovens para a festa ensinam as orações, como se comportar e o que fazer em certas ocasiões. Os valores afetivos e tradicionais relativos aos festejos são transmitidos pela prática educativa informal enfocada através do comportamento e ações praticadas pelos mais velhos e assimilados pelos mais jovens durante os preparativos e a realização da festa.

Nos preparativos, desde a visitação da bandeira nas casas, os familiares mais velhos exigem a presença dos mais jovens nas cerimônias. As famílias recebem a bandeira com todos os representantes que vivem na casa e outros parentes próximos, como avôs, tios e primos mais chegados. Os rituais e como se comportar diante deles são interiorizados pelas gerações mais jovens a partir de demonstrações e ensinamentos das gerações mais velhas.

Como a Festa é tradicionalmente da família e para as famílias, a transmissão dos valores relativos a ela e seus rituais são assimilados sem esforço pelos novos entrantes representados pelas crianças que nascem no interior das famílias de Penha, Piçarras e Navegantes. Segundo Boudon e Bourricaud (1993, p. 241), a família ainda é para muitos de nossos contemporâneos um lugar de contatos e de interações.

Em uma comunidade pequena geograficamente em termos de números de moradores e distâncias a percorrer, a proximidade das casas das famílias com os locais de trabalho, o tempo dedicado e de convivência entre gerações do mesmo grupo familiar é ainda bastante grande. Em Penha, o almoço e o jantar são compartilhados por todos os membros da família, pai, mãe e todos os filhos sentam-se juntos à mesa no horário das refeições. A aproximação intergeracional entre estes é notória, pois os mesmos dispõem de tempo para encontros e vivem próximos uns aos outros, fortalecendo vínculos e trocando informações. Os participantes das famílias são interlocutores privilegiados, avôs, avós, sogros, sogras, cunhados e primos são relações freqüentes e de convivência habitual.

Neste caso, a duração e a continuidade destes contatos intergeracionais devem ser levados em consideração, pois são eles os responsáveis pela transmissão de valores afetivos e tradicionais ligados a Festa do Divino em Penha.

“Os jovens vão à festa, muitos têm fé e todos têm respeito pela tradição, porque foram criados dentro da festa”... “Eles vêem os pais seguirem a tradição e se tem carinho pelo pai e pelo que ele faz...” “Vê o meu neto, quer ser Imperador e só tem cinco anos” (Djalma Pereira, Imperador 2002).

“Minha avó sempre coloca mais alguém da família para ser empregado de bandeira. Eu tenho uma bandeira, minha mãe e minha avó também” (Zilmara Cipriano).

Dos núcleos geracionais familiares, a aprendizagem, e em decorrência dela, o conhecimento adquirido em relação aos rituais da festa, se deslocam para a comunidade, que também funciona como uma grande família.

Pode-se considerar comunidade o oposto de sociedade, onde a individualidade está fundada em interesses que não são compartilhados por todos (BOUDON E BOURRICAUD, 1993, p. 41). A comunidade, ao contrário, estabelece uma identidade substancial de vontades comuns aos membros, consensos, formas de pensar e agir, um sistema de relações em que os participantes desempenham funções determinadas e em concordância com o grupo a que pertencem. Durante os preparativos e o desenvolvimento da Festa todos sabem seus papéis nos rituais e os demais esperam pelo comportamento apresentado. Estas relações entre os membros da comunidade de Penha, ou melhor dizendo, entre as famílias de penhenses que cultivam a Festa do Divino, constituem o reservatório da tradição que mantém viva a festa e seus rituais.

A Festa do Divino em Penha é uma tradição da cidade, que funciona como um culto coletivo dos moradores ao Divino Espírito Santo.

Segundo Brandão (1978, p.67)

A festa é um compromisso coletivo da cidade para com o Divino. Ela é ao mesmo tempo: a) uma coleção de rituais de prestação de homenagens coletivas ao santo; b) uma situação propiciadora de efetivas relações simbólicas (missas, novenas, procissões) de fieis, com o Divino; c) uma sucessão de momentos historicizados em que pela ordem em que se processam os acontecimentos festivos confirma-se a presença sobrenatural do Espírito Santo em favor da comunidade.

A questão da alimentação coletiva, ritual freqüente na preparação e realização da Festa podem ser considerados pontuais na socialização entre os membros da comunidade. As comidas servidas nas casas durante as visitas e almoços do Imperador, cumprem a função da tradição ritual que relembra os Bodos oferecidos nos Açores e ao mesmo tempo cumprem a função social de reunir e sustentar os indivíduos. Todos os rituais da festa são coletivos e dependem da presença das famílias, unindo as gerações em torno da fé no Divino Espírito Santo e do prazer em degustar alimentos coletivamente.

“A fartura de comida oferecida é demais. A gente come muito nas casas”. (Djalma Pereira, Imperador 2002).

“A festa é uma forma de ligação, de unir, de rezar é estar junto mesmo, participando das novenas, da organização da festa”. (Suselli Anacleto).

“Este ano (2002) teve 4.160 pessoas no almoço do Imperador” (Maria da Graça, Imperatriz 2002).

Segundo Durkheim (*apud* SEGALLEN, 2002, p.42)

Os cultos positivos estão ligados às festas: associam comunhão através da ingestão de alimentos sagrados e oblações (gestos e oferendas). Os cultos positivos são cultos periódicos, pois o ritmo que expressa a vida religiosa, expressa o ritmo da vida social.

Muitas das oferendas ao Divino também são em forma de alimentos, pães bentos que são oferecidos na missa. Em muitas localidades, as massas de pão são em formas de partes do corpo humano, ofertadas no pagamento de promessas.

A essência da Festa do Divino é ao mesmo tempo religiosa e social desde sua criação, os Bodos (almoços coletivos), oferecidos pela rainha Santa Isabel aos pobres como agradecimento pela graça alcançada, segundo a história, o fim das guerras entre o pai, Rei Dom Dinis, marido de Isabel, e seu filho, Dom Afonso, são uma prova disso (LIMA, 1984). Os alimentos compartilhados e oferecidos como pagamento de promessas tornam tangível a devoção ao Divino.

“É uma festa fraterna. Ela tem unido políticos brigados, irmãos, pais e filhos” (José Olavo Coelho, Mestre Folião).

A paz, citada por muitos informantes nas entrevistas, também reside no social. Pode ser considerada também a festa da democracia, muito embora exista a separação entre as comemorações do imperador e família com respectivo almoço no clube e o almoço no salão paroquial cumprindo a parte da igreja; a sociedade de Penha, independentemente de sua classe social, têm o direito respeitado de participar de todos os eventos sócio-religiosos sejam eles quais forem.

“A festa é onde o homem mais aristocrata senta na mesa com o gari, são todos iguais” (José Olavo Coelho, Mestre Folião).

Para Durkheim (*apud* SEGALLEN, 2002, p.24),

O essencial é que haja indivíduos reunidos, que sentimentos comuns sejam experimentados e expressos em atos comuns. Tudo nos leva então à mesma idéia: Os ritos são, antes de tudo, os meios pelos quais o grupo social se reafirma periodicamente.

As orações sempre coletivas e muitas vezes acompanhadas pelas músicas dos foliões, também tem o papel de unir as gerações em torno de um mesmo ideal. São momentos de reverência e agradecimento ao Divino, que funcionam como comunhão de pensamentos e ações que amalgamam as gerações e reforçam os laços familiares e comunitários.

O ritual de encontro da família, onde o Imperador coroa os parentes próximos, é uma demonstração pública do reconhecimento da instituição família e da importância dos laços familiares na construção de uma comunidade onde as pessoas querem demonstrar que vivem em sintonia uns com os outros.

A paz citada por muitos, considerada uma dádiva do Divino à localidade de Penha, é atribuída como resposta às orações e homenagens ao Santo, que têm sua verdadeira razão na questão social e comunitária. Tudo parece ser compartilhado, orações, alimentos, desejos, uns agem em função dos outros, dividem o trabalho dos preparativos e o prazer em desfrutar da Festa. Para eles, a paz citada como bênção é decorrente deste consenso geral, segundo o qual cabem a todos os participantes deveres e responsabilidades.

A Festa do Divino Espírito Santo vende a idéia de que sua essência é a fraternidade e igualdade entre todos.

A distribuição de comida, captada entre os mais abastados e distribuída para os menos validos, sempre foi prática durante a festa, desde sua criação. São os Bodos distribuídos entre a população carente. Nos rituais comemorativos, participam a elite e os menos privilegiados.

“O pobrezinho, o pescadorzinho, bota paletó porque ele é empregado da Festa do Divino Espírito Santo” (José Olavo Coelho, Mestre Folião).

Estes sentimentos de fraternidade e igualdade aparecem nos versos da Canção do Divino “**Deus nos salve esse devoto pela esmola em vosso nome, dando água a quem tem sede, dando pão a quem tem fome**”. Ainda: “**Que a fé seja infinita, que o homem seja livre e que a justiça sobreviva**”.

É uma festa que celebra o dividir, o compartilhar e o amor ao próximo.

“Perante Deus todos são iguais” (Djalma Pereira, Imperador 2002).

Finalmente, gostaríamos de ressaltar que a festa, sobretudo, une as gerações e é um canal de comunicação entre os membros da mesma família, onde os rituais funcionam valorizando os indivíduos e seu conjunto familiar. Neste sentido, a festa funciona também como construção e transmissão da tradição, que evolui com o passar dos anos, mas respeita os moldes já existentes de “como fazer a festa”, ou seja, as operações, gestos, palavras, objetos e cantorias estabelecidos anteriormente pelas gerações passadas.

Na seqüência, apresentamos o quadro demonstrativo das falas de alguns informantes agrupadas em: expressões-chave e idéia central.

Quadro 4 – Exemplo de Discursos com Relação à Festa do Divino e à Socialização

Tema Socialização Grupo I	Expressões – Chave	Idéia Central
<p>Djalma Pereira (Imperador 2002) e Maria da Graça (Imperatriz 2002)</p>	<p>A Festa <u>une bastante a família</u>.</p> <p>Este ano teve <u>4.160 pessoas almoçando no domingo</u> da festa. (Almoço oferecido pelo Imperador no dia de sua coroação).</p> <p>É uma festa cara e trabalhosa, mas <u>a gente ganha muitos amigos</u>.</p> <p><u>A gente come muito nas casas</u>. (Cada casa oferece uma refeição para a comitiva da festa que leva a bandeira e pede donativos)</p> <p>Cada mesa cheia que eles oferecem.</p> <p>Dona Carminha faz as bandeiras e não cobra, D. Rosana ajuda a</p>	<p>A Festa do Divino une as famílias de Penha, Piçarras e Navegantes em torno de seus preparativos e realização.</p> <p>As pessoas trabalham voluntariamente e auxiliam umas às outras.</p> <p>As gerações mais antigas e as mais jovens convivem com a tradição da Festa. Os jovens aprendem com os familiares mais velhos a seguirem a tradição.</p> <p>As refeições são feitas em conjunto nas casas que recebem a comitiva da bandeira, e nos dias do</p>

	<p>decorar o salão, arruma a procissão das crianças dos 7 dons, o espadim.</p> <p><u>O apostolado da igreja também trabalha de graça com a família, marido, filhos.</u></p> <p><u>O antigo Imperador e esposa ajudam o próximo Imperador.</u></p> <p><u>O pessoal da organização se divide, um pouco vai para a cozinha, outras para a decoração, recolher copo, limpar, lavar, trabalham de graça para a Festa do Divino.</u></p> <p><u>Os jovens começam de pequeno, são as meninas dos sete dons, espadim, mocinhas que levam as bandeiras.</u></p> <p>A participação do jovem nas novenas foi muito grande na nossa Festa.</p> <p>Os jovens vão a Festa muitos tem fé e todos têm respeito pela tradição porque foram criados dentro da festa.</p> <p><u>Eles vêem os pais seguirem a tradição e se tem carinho pelo pai, pelo que faz. Vê o meu neto, quer ser Imperador e só tem 5 anos.</u></p> <p><u>O filho do José Olavo Coelho já foi e o outro diz que é o sonho da vida dele.</u></p> <p>Muita gente sonha em <u>receber a bandeira em casa</u>, eles lembram do pai recebendo e querem também.</p> <p>A gente vai nas casas <u>levar o convite pessoalmente, de casa em casa</u>, pela lista.</p> <p><u>Às vezes junta famílias, amigos para receber a bandeira.</u> Em uma casa fazem café da manhã, lanche, almoço e todos comem juntos.</p> <p><u>O ritual de encontro da família é uma coisa que marca.</u> Meu tio veio de Pernambuco para a festa e eu coroei ele no encontro da</p>	<p>Tríduo Festivo, quando acontece o almoço do Imperador.</p>
--	--	---

	<p>família. Perante Deus somos todos iguais. <u>A Prefeitura, a Costa Sul, o pessoal de outras empresas, todos ajudam na festa.</u> Tem firmas que ligam querendo ajudar. A Festa do Divino <u>une as pessoas.</u> Muitas pessoas se <u>re encontram</u> durante a festa ou nas visitas nas casas e <u>fazem as pazes.</u></p>	
<p>Eduardo e Ingrid Pereira (filho do Imperador 2002)</p>	<p>As <u>famílias se unem para receber a bandeira.</u> As famílias de Penha, Piçarras e Navegantes abrem as portas de suas casas para receber a família imperial, os foliões e a bandeira.</p> <p>Eu acho que <u>a festa é uma comunhão,</u> é um evento que <u>une as pessoas da cidade.</u> Tu estás compartilhando com o pessoal e dividindo uma energia que só naquela época do ano é que tem. A visitação nas casas é lindo. A reação das pessoas é diferente. A fartura da comida é demais. Tem gente que não tem dinheiro e doa muito. Essa questão de ficar entre as famílias é garantia de que os moldes da festa serão mantidos.</p>	<p>As famílias se unem para receber a bandeira, a Festa é uma comunhão . Nesta época do ano existe uma energia própria , fraterna . Todos doam um pouco de si para homenagear o Divino.</p>
<p>O José Olavo Coelho (Mestre Folião)</p>	<p>A festa é da família, é da reconciliação. <u>A festa tem unido políticos brigados, irmãos, pais.</u> A festa é <u>onde o homem mais aristocrata senta na mesa com o gari, são todos iguais.</u> Os jovens <u>quando casam,</u> já alguém <u>leva para empregado</u> da festa. O pai pede para o coordenador das visitas para levar o filho junto, aí <u>começa a integração.</u> Vai <u>convidando um filho, depois outro,</u> quando o pai falta (morre) um ocupa o lugar deste, às vezes o genro substitui o pai da mulher. A senhora vai <u>nas</u></p>	<p>A Festa é da Família, da reconciliação, as classes sociais convivem igualmente durante os rituais da Festa. Os familiares participam, vão inserindo outras famílias nos rituais das Festas.</p>

	novenas, é cheio, vai na missa, é cheio, todos se preparam para ir à festa.	
--	---	--

Quadro 5 – Exemplo de Discursos com Relação à Festa do Divino e à Socialização

Tema Socialização Grupo II	Expressões – Chave	Idéia Central
<p>Zilmara Cipriano</p>	<p>Minha avó sempre coloca mais alguém da família para ser empregado de bandeira.</p> <p><u>Eu tenho uma bandeira, minha mãe e minha avó também.</u></p> <p>A família sempre vai colocando os filhos na Festa, eu acho que vai dar uma boa continuidade.</p> <p>Todo mundo espera, fica meio atacado quando a bandeira vai em casa. As famílias que moram perto se reúnem numa casa só, aí todo ano a gente decora a sala, com balão, com desenhos do Divino, bate foto, filma.</p> <p>Todo mundo ajuda a decorar, arrumar, a gente serve um café, depois um traz o bolo, outra traz outra coisa.</p> <p><u>Minha avó leva a bandeira até a outra casa.</u> (Quando acaba a cerimônia, a dona da casa leva a bandeira e a entrega na outra casa, para a outra moradora).</p> <p><u>Minha vizinha que trouxe a bandeira para nós.</u></p>	<p>As famílias mantêm a festa viva por sua participação na mesma, colocando novos representantes para fazerem parte dos rituais</p>
<p>José de Deus Carvalho e Rose Batista Bastos</p>	<p><u>O encontro da família</u> é o ritual mais bonito, quando o Imperador coroa os familiares (na tarde do domingo da festa). Pela tradição o Imperador ia ser coroado e a mulher e os filhos ficavam em casa trabalhando para o almoço dos convidados, depois da missa vinha o Imperador com a comitiva para casa e encontrava a família. Daí, tirava a coroa da cabeça e</p>	<p>A confraternização entre os componentes da mesma família é um dos elementos relevantes em termos de socialização.</p> <p>Os eventos, parte profana da festa, são indispensáveis. Tanto os rituais em honra, como o festar, tem peso igual na questão da tradição e da socialização.</p>

	coroava a família toda. O povo dizia que tinha que ter baile e todos tinham que dançar senão a coroa dançava sozinha.	
--	--	--

O que emerge de tudo isso é o seguinte discurso:

Quadro 6 – Discurso do Sujeito Coletivo com Relação à Socialização da Festa do Divino

A festa é uma comunhão, ela une bastante a família, é um evento que une as pessoas da cidade. As pessoas se reencontram durante a festa ou nas visitas nas casas e fazem as pazes. É uma Festa fraterna. Ela tem unido políticos brigados, irmãos, pais e filhos. As famílias se unem nas casas para receber a bandeira. A fartura e a comida oferecida são demais. A gente come muito nas casas. O pessoal do apostolado da igreja também trabalha de graça com a família, todos ajudam, marido, filhos. Todo mundo ajuda, ajuda na decoração, nos pratos de comida. A Festa é uma forma de ligação, de unir, de rezar, é estar junto mesmo, participando das novenas, da organização da festa. Os mais velhos vão colocando os filhos para participar da festa. Eu tenho uma bandeira que minha avó mandou fazer, minha mãe também tem. Os jovens começam de pequeno são as meninas dos sete dons, o espadim. Meu neto sonha em ser Imperador. Os filhos do José Olavo Coelho, um já foi Imperador e outro diz que é o sonho da vida dele. O encontro da família é o ritual mais bonito, quando o Imperador coroa os familiares. Minha família é muito devota, minha filha ajuda na confecção das faixas, me auxilia com as bandeiras, meu neto faz florzinhas, ele só tem oito anos. A festa é onde o homem mais aristocrata senta na mesma mesa com o gari, são todos iguais. A participação dos jovens nas novenas foi muito grande na nossa festa, eles têm respeito pela tradição, porque foram criados dentro da festa.

A Festa do Divino é a festa da fraternidade, da união familiar e comunitária. Ela une todas as gerações da mesma família, em torno de um só objetivo, o culto e o agradecimento ao Divino. Auxilia a reconciliar pessoas da mesma família, amigos e até políticos de partidos diferentes. É a festa da fartura, muita comida compartilhada nos rituais, roupas especiais bem cortadas, estandartes, flores.

As pessoas da comunidade são criadas dentro da tradição da festa desde pequenos, são as meninas dos sete dons, o espadim, que mais tarde ganham uma bandeira, são convidadas para serem empregadas da festa, o pai coloca o nome do filho entre os candidatos a Imperador e assim criam um amálgama que funciona unindo gerações em torno dos rituais, da espiritualidade e do poder na comunidade e na festa.

5.3.3 Motivações e Interesses para a Festa

O município de Penha SC, apesar de muito próximo à Itajaí e Joinville e inserido como localidade turística por excelência, por conta do parque temático *Beto Carrero World* e praias para veranistas, ainda conserva hábitos e costumes de cidade do interior. A cidade, com poucos habitantes, mantém um calendário festivo religioso que movimenta a comunidade, são as festas de Santos, a de Nossa Senhora da Penha, padroeira da cidade, a de São João, padroeiro da primeira igreja construída na localidade e a maior de todas, atraindo pessoas de outros municípios que é a Festa do Divino Espírito Santo.

O município se comporta como se ainda fosse uma área rural, ou periférica de Itajaí; possuindo grupos que mantêm contatos mais ou menos estreitos com áreas urbanas, mas, apesar disso, se organizam segundo possibilidades oferecidas por uma herança cultural, que é percebida como fator aglutinante e portanto definidora de uma identidade (GOMES e PEREIRA, 2002).

Neste capítulo, explicaremos as motivações e interesses que levam os moradores de Penha e região a realizarem a Festa anualmente, freqüentarem as visitas, novenas, assistirem aos rituais do Tríduo e ainda participarem dos festejos profanos. São pessoas da comunidade que não só participam das festividades, como também são voluntárias nos trabalhos anteriores à realização da festa.

A festa, conforme descrita anteriormente, é preparada desde o final do carnaval até sua realização, cinquenta dias depois da Páscoa. Neste período acontecem as visitas nas casas, a evangelização das famílias, a confecção das bandeiras, faixas e vestimentas especiais. São praticamente três a quatro meses de preparação intensa que culminam no Tríduo Festivo: sábado, Domingo de Pentecostes e segunda feira.

O que motiva estas pessoas a dedicarem seu tempo livre à preparação da festa?

A visita da bandeira com a comitiva do Imperador é realizada aos sábados, são praticamente dois meses de visitas durante todos os sábados, pela manhã e à tarde, estendendo-se pela noite.

A pessoa que confecciona as bandeiras e faixas “trabalha para o Divino”, é voluntária, costura de trinta a quarenta bandeiras, coloca fitas, reforma bandeiras antigas e faz faixas com os dizeres do Divino.

Os foliões tocam e cantam em todas as casas visitadas aos sábados; durante as novenas, e no Tríduo Festivo. São os mesmos “há anos”.

Nos depoimentos estas pessoas se emocionam quando falam no Divino, muitas mudam o tom de voz, se entusiasmam, acreditam na luz Divina, todas tem uma história particular de pedidos de ajuda, graças alcançadas, brigas desfeitas, como se o Divino mantivesse um contato pessoal com cada uma delas; e coletivo com a comunidade que o exalta.

“Não cobro pelo trabalho , ofereço ao Divino. Toda a minha família tem fé, milagres e graças já aconteceram. O importante é a parte espiritual, o povo tem aquela fé, as graças que pedem, alcançam” (Maria do Carmo de Souza).

É a fé no Espírito Santo, a crença e a certeza de que o Divino não vai falhar se a pessoa realmente acreditar e em contra partida, participar dos preparativos em sua homenagem e dedicar seu tempo livre aos trabalhos necessários para que a Festa aconteça. A motivação é saber que o Divino auxilia sempre, mas é necessário o agradecimento da comunidade pela festa. Segundo Brandão,

Confirma-se que as pessoas do lugar possuem uma acentuada crença “no poder do Espírito Santo”. Por esta razão ele é coletivamente festejado através de uma combinação de modos diversos de culto e homenagem – tanto religiosos, quanto profanos – através dos quais a população local comemora sua crença e “seu santo”: pagando votos feitos ao Divino e homenageando o Espírito Santo (1978, p. 65).

O interesse em manter a tradição da Festa é também percebido nas falas da população.

“A festa é um orgulho para o pessoal da cidade”. “É a cultura do povo de Penha” (José Olavo Coelho, Mestre Folião).

Existe um reconhecimento, por parte dos moradores locais, da importância da tradição. A festa faz parte da vida destas pessoas, que dependem dela e de seus preparativos para se reconhecerem.

São cento e sessenta e sete anos de Festa, gerações participaram e participam anualmente dos festejos. Muitos devotos têm em seu poder bandeiras que foram de seus pais, avós e guardam como relíquias preciosas. Nas casas, encontram-se também lembranças do Divino colocadas em lugares estratégicos para abençoar “o lar”.

A coroa e o cetro em prata, “muito antigos”, são venerados não só pelo valor e beleza que encerram, mas também pela própria história de tantos Imperadores que os usaram. A simbologia atribuída ao uso da coroa e cetro não só remetem ao poder, mas à escolha da pessoa que os usa pelo Divino. Quem usa a coroa foi o escolhido, é a vontade do Espírito Santo que investe de poder a pessoa do Imperador. Portanto, ser Imperador é motivo de grande alegria e honra para as famílias.

Todos os informantes descrevem a disputa entre os doze candidatos para saber quem será o escolhido.

“As pessoas brigam para ser Imperador” (Djalma Pereira, Imperador 2002).

O reconhecimento pela comunidade da pessoa escolhida como Imperador é notório.

“Pessoas me reconhecem na rua e vem falar comigo, dizem que estava linda a nossa Festa” (Djalma Pereira, Imperador 2002).

Tornar-se Imperador do Divino em Penha é ingressar no grupo de pessoas que são sempre reverenciadas e detêm o apreço e o respeito de toda a comunidade. O mesmo acontecendo com as pessoas que formam o grupo central de organização, lembrando que neste grupo estão os foliões, seu mestre, suas esposas e demais casais formados por ex-Imperadores e representantes da elite econômica e política da comunidade. Este grupo trabalha nos preparativos e realização da Festa, são os mais bem vestidos nos rituais e ocupam uma posição de destaque, cobiçada pelos demais.

Segundo Segalen (2002), a participação nos rituais se torna um guia para avaliar o grau de integração à comunidade .

Podemos ainda destacar como motivações e interesses a valorização dos indivíduos e famílias que participam dos rituais da festa .São pessoas bem vistas pela comunidade , porque têm fé no santo e a demonstram, assistindo aos rituais e participando das festividades no Tríduo.

As preces ao Divino e os rituais em sua honra servem tanto para curar doenças , como para trazer fartura de alimentos , recursos financeiros e harmonia familiar .Este encantamento do mundo persiste ainda nas festas populares, e é sentido no município pesquisado.

Outro aspecto interessante e também citado pelos entrevistados é a questão do encontro de gerações e de troca entre as pessoas da comunidade.

“A festa envolve o jovem , a criança, o adulto e pessoas de mais idade, seja ela pela fé, pela música, pelo encanto e beleza dos rituais” (Maria do Carmo de Souza).

Há também, nos discursos, uma forte motivação centrada na igualdade entre os indivíduos durante a festa.

“O pobrezinho , o pescadorzinho, bota paletó porque ele é empregado da Festa do Divino” (José Olavo Coelho, Mestre Folião).

Segundo Brandão (1998,p.85), “A festa atribui realidade mágica ao mundo, impregnando-a com seu MANÁ. Promove misturas entre EU e o OUTRO de maneira que a diferença seja ao mesmo tempo celebrada e abolida em nome de uma humanidade irreduzível”.

Confirmando esse pensamento, DaMata (1998,p.76) diz: “A visão festiva do mundo assegura também uma igualdade substantiva entre os homens. Pois afirmando uma esquecida equivalência moral entre as pessoas, ela diz que somos todos iguais, não perante as leis que inventamos, mas diante da morte, do desejo e das necessidades fisiológicas básicas que fazem parte da nossa natureza”.

Finalmente, detectamos a vontade de “festar” como centro de interesse na manutenção dos rituais sagrados e profanos. Os rituais sagrados devem ser mantidos para que todos possam, depois da obrigação cumprida com o Divino, entregar-se aos prazeres profanos.

A comida, a bebida, os bailes e jogos só devem ser desfrutados após a devoção.

“Antigamente diziam que se não houvesse baile a coroa dançava sozinha” (José de Deus Carvalho).

“A gente espera essa festa o ano todo , a cidade é muito pequena . A festa é bem interessante ela atrai bastante gente” (Zilmara Cipriano).

Os informantes mais jovens interessam-se pelo movimento que o evento proporciona, são em torno de vinte mil pessoas que participam das festividades. A festa é motivo para sair de casa, usar roupas novas, ver e ser visto.

“A festa é meio de diversão, em termos de lazer, as pessoas vão para se encontrar, se ver, compram roupas novas, se arrumam” (José Eduardo Pereira).

De acordo com as “falas”, percebemos que a motivação e os interesses da comunidade em relação aos preparativos e à realização da festa se interligam, não podemos isolá-los. Tanto a questão religiosa, quanto a tradição, a busca de reconhecimento e a vontade de “festar”, formam um conjunto de motivos e em decorrência deles advém o interesse na manutenção dos rituais religiosos e profanos que compõem a Festa do Divino Espírito Santo em Penha.

Na seqüência, apresentamos um quadro demonstrativo de como organizamos os depoimentos de alguns informantes.

Quadro 7– Exemplo dos Discursos com Relação a Motivações e Interesses para a Festa

Tema Motivação e Interesses Grupo I	Expressões – Chave	Idéia Central
José Olavo Coelho (Mestre Folião)	Participo da festa desde criança, há cinquenta anos acompanho a festa.	As pessoas da comunidade participam da Festa do Divino desde a infância.

	<p>A comunidade de Penha aguarda essa festa todo ano. Ela representa alegria.</p> <p><u>Ela é um orgulho para o pessoal da cidade.</u></p> <p>A Festa é onde o homem mais aristocrata senta na mesma mesa com o gari, são todos iguais.</p> <p><u>O pobrezinho, o pescadorzinho, bota paletó</u> porque ele é empregado da <u>Festa do Divino</u>.</p> <p>Na hora que a bandeira chega na casa deles, eles ficam a postos, escutando as folias e rezando.</p> <p>O importante da Festa é <u>a parte espiritual. O povo tem aquela fé, as graças que pede e alcança.</u></p> <p>Essa festa é a cultura do povo de Penha.</p>	<p>É uma festa que se mistura com o dia a dia das pessoas, representa alegria, fraternidade e ainda é tida como orgulho para o povo de Penha.</p>
<p>Maria do Carmo de Souza</p>	<p>Depois que eu casei, minha sogra é muito católica, foi fundadora do apostolado da oração, ela que me levou a participar da festa.</p> <p>Tenho uma devoção muito grande no Divino, a 1ª vez que trabalhei foi por promessa.</p> <p><u>Não cobro pelo trabalho, ofereço ao Divino.</u></p> <p>Meu pai também foi candidato a Imperador, não entrou porque não era casado com minha mãe.</p> <p>Toda minha família tem fé no Divino, milagres e graças já aconteceram.</p> <p>Mesmo as pessoas que não são devotas fervorosas participam <u>da Festa por status.</u></p>	<p>As pessoas têm fé no Divino, oferecem seu tempo livre para homenagear o santo. Agradecem as graças alcançadas e atribuem milagres e benefícios através da fé.</p>
<p>Djalma Pereira (Imperador 2002) e Maria da Graça (Imperatriz 2002)</p>	<p><u>As pessoas brigam para ser Imperador</u> e querem deixar a vaga para alguém da família.</p> <p>Há uma <u>disputa entre os bairros</u> e cidades que participam da festa.</p> <p>A Festa une a família.</p> <p>Parece que a gente fica mais aliviado espiritualmente.</p> <p><u>O Imperador é valorizado por toda a comunidade.</u> Todos me conhecem.</p>	<p>Ser Imperador motiva toda a comunidade. O Imperador e sua família são valorizados e reconhecidos por todos.</p> <p>A expectativa é grande em torno da Festa, os preparativos e a realização do Tríduo Festivo atraem e mobilizam toda a comunidade.</p>

	<p>As pessoas ficam esperando para ver a diferença das festas de um Imperador para outro.</p> <p>A festa te transforma, eu não sou mais o mesmo de antigamente (espiritual).</p> <p>Eu me realizei como Imperador, é como se fosse um governador, decidi, está decidido (status).</p> <p>A gente come muito nas casas.</p> <p>É uma festa de paz, nestes anos todos nunca vi uma briga.</p> <p>O Espírito Santo tem poder, tu conquistas outras pessoas através Dele.</p>	
Eduardo e Ingrid Pereira (filho do Imperador 2002)	<p>Sempre fui na festa com meu pai e mãe, adorava ver o espadim, o Imperador, aquelas roupas me divertia nas barraquinhas com brincadeira e outros coleguinhas.</p> <p>Ela é um meio de diversão, em termos de lazer, as pessoas vão para se encontrar, se ver, compram roupa, se arrumam.</p> <p>Todo mundo vai ver a festa, só tem uma vez no ano, a cidade fica vazia, todo mundo está na festa.</p> <p>Ela produz muita expectativa, é um grande evento para a cidade.</p>	<p>O interesse pela parte profana da festa está explícito. As pessoas compram roupas, se preparam para encontros, danças e diversão durante o Tríduo Festivo.</p>

Quadro 8 – Exemplo dos Discursos com Relação a Motivações e Interesses para a Festa

Tema Motivação e Interesses Grupo II	Expressões – Chave	Idéia Central
Suselli Anacleto	<p>As pessoas <u>compram roupas novas</u>.</p> <p>Se arrumam para participar da festa, do <u>almoço do Imperador</u>, das missas.</p> <p>A Festa <u>envolve</u> o jovem, a criança, o adolescente, o adulto, pessoas de mais idade, <u>seja pela fé, pela música, seja pelo encanto e beleza dos rituais</u>.</p>	<p>A festa envolve crianças, jovens, adultos e pessoas de mais idade, tanto nos preparativos quanto na realização.</p> <p>Os motivos são a própria tradição e o prazer em desfrutar da Festa.</p>
Zilmara Cipriano	<p>Eu acho que é a fé, é o agradecimento, a gente reza,</p>	<p>A motivação pela parte religiosa da festa convive</p>

	<p>pede bastante, mas também está sempre agradecendo e sempre pedindo...acho que é mais pela fé e pela emoção.</p> <p>A festa é bem interessante, <u>movimenta bastante</u> a cidade, atrai bastante gente, porque <u>a cidade é muito pequena</u>, parada, a gente espera essa <u>festa o ano todo</u>.</p> <p>Eu tive uma formação católica, estou desde bebê acostumada na igreja, agora tem gente que vai para festa não pelo que ela significa, <u>mais para se divertir</u>.</p>	<p>com a importância do evento como lazer para a comunidade.</p>
<p>Carla dos Santos</p>	<p>Participei da festa porque disseram para mim que era uma festa legal, <u>que tinha baile, janta e que a missa é muito bonita</u>.</p> <p>Acho que o pessoal fica emocionado em ver uma coroação, ver a coroa que é uma relíquia, porque já é bem velha, é carregada por uma pessoa, acho que tem um <u>significado bastante valioso na vida da pessoa que carrega a coroa, as bandeiras</u>. É um <u>orgulho</u> para essas pessoas.</p> <p>Acho que a Festa do Divino traz uma <u>certa paz para a cidade</u>.</p>	<p>A diversidade das atividades oferecidas pela Festa, desperta grande interesse da comunidade.</p> <p>O significado dos rituais e o peso da tradição podem ser considerados motivantes tanto para as pessoas de dentro quanto de fora da organização da Festa.</p>

O que emerge de tudo isso é o seguinte discurso:

Quadro 9 – Discurso do Sujeito Coletivo com Relação a Motivações e Interesses na Festa do Divino

A festa é um orgulho para o pessoal da cidade. A comunidade de Penha aguarda essa festa todo ano. Ela representa alegria. O pobrezinho o pescadorzinho bota paletó porque ele é empregado da Festa do Divino. O importante é a parte espiritual, o povo tem aquela fé, as graças que pedem e alcançam. Essa festa é a cultura do povo da Penha. As pessoas brigam para ser Imperador. Há uma disputa nos bairros. O Imperador é valorizado por toda a comunidade. As pessoas ficam esperando para ver a diferença das festas de um Imperador para o outro. A festa é um motivo para sair de casa, compram roupas novas, se arrumam para participar. Ela envolve o jovem, a criança, o adolescente, o adulto e pessoas de mais idade, seja pela fé, pela música, pelo encanto e beleza dos rituais. A cidade é muito pequena e a festa movimenta bastante, a gente espera a festa o ano todo para se divertir, tem baile, tem janta, tem missa, é muito bonita. Muitos participam da festa por status, outros são devotos fervorosos. Acho que tem um significado bastante valioso na vida da pessoa que carrega a coroa, as bandeiras, é um orgulho para essas pessoas. Acho que a Festa do Divino traz uma certa paz para a cidade.

A Festa do Divino em Penha desperta sentimentos carregados de simbologia. Para a comunidade religiosa, ela é expressão de fé, de conforto para os necessitados e de igualdade para os excluídos. Para outro grupo, participar dos rituais representa status, poder e inserção social.

Ou seja, a Festa é um misto de sagrado e profano em momentos que se alternam. É descrita por muitos como lazer e também como grande evento para o município.

5.3.4 A Festa do Divino como Produto Turístico

Para a comunidade de Penha SC a Festa do Divino Espírito Santo possui um significado amplo e abrangente para além de uma festa tradicionalmente popular, repetida todos os anos segundo o calendário. Já nos detivemos anteriormente nestes aspectos, porém temos que tê-los sempre presentes quando tratamos da questão do turismo em relação a festa.

As pessoas de Penha e região são afetivamente ligadas à tradição da festa, necessitam de todos os rituais preparativos para estabelecerem trocas sociais e se reconhecerem individualmente e na comunidade. Ela é parte da vida das pessoas e necessitará de todo o cuidado possível para que a “gente de fora” não interfira nestes acontecimentos.

O grande diferencial da Festa do Divino do município de Penha para o turismo é que ela é uma manifestação popular legítima, não é uma festa inventada, possui como matriz a tradição açoriana e a vontade da comunidade de reviver esta tradição ano após ano.

A festa acontece segundo a tradição, para homenagear e agradecer ao Divino, é vivenciada pela comunidade, que pretende não só mantê-la tradicionalmente, mas também divulgá-la como atrativo turístico.

A comunidade convive com dois desejos: mantê-la tradicionalmente e mostrá-la como produto cultural, esperando uma valorização deste evento pelos turistas.

“A Festa é uma riqueza que deve ser mostrada”... “Eu divulgaria chamando o Ministro da Cultura, Secretário da Cultura do Estado e pessoas ligadas à cultura para conhecer a nossa festa” (José Olavo Coelho, Mestre Folião).

Em Penha, o turismo ainda não é um agente moldador que atua nas práticas festivas da cidade, pelo menos nas tradicionais comunitárias como as do Divino, São João e São Sebastião.

“Acho que teria que ter um certo cuidado na divulgação. Também não dá para trazer todos para cá. A festa é muito significativa pra gente” (Carla dos Santos).

A Prefeitura e a Secretaria de Turismo tem criado eventos para divulgar a cidade com o apelo da tradição açoriana como por exemplo a Festa do Marisco e a Festa da Tradição Açoriana. O interessante é que, com o potencial legítimo e tradicional da Festa do Divino e outras, ainda exista a preocupação de se criar festas inventadas para divulgar o potencial turístico da localidade. Não que estas iniciativas não sejam válidas, pois segundo FANTIN, (2000 p. 151): “Neste sentido, tais iniciativas são tão válidas e justificadas como a reprodução das Festas tradicionais, pois dizem respeito à vivência do tempo urbano no mundo contemporâneo, às novas e múltiplas referências que podem se transformar em motivo de festa”.

“Nunca se pensou muito em divulgação porque ela é uma festa mais voltada para a comunidade”... “Acho que nada impede de se fazer uma divulgação em torno do turismo” (Albertina Roling).

O que falta ao governo de Penha é a participação da comunidade nas decisões e definições do calendário de eventos turísticos. Parece que a Prefeitura acredita que pelo fato de a festa ser tão tradicional e familiar, o grupo organizador e as famílias locais não gostariam de ver a Festa do Divino divulgada como atrativo turístico. No entanto o que acontece é exatamente o contrário, as pessoas da comunidade aguardam a iniciativa, por parte da Prefeitura, na divulgação do evento.

“Acho que falta empenho ou alguém do governo que se conscientize que a festa é um atrativo turístico que envolve jovem, criança, adulto, pessoas de mais idade, seja pela fé, pela música, pelo evento e beleza dos rituais” (Suselli Anacleto).

A transformação da cultura popular em espetáculo é assunto de discussões acaloradas entre antropólogos, historiadores, turismólogos e administradores regionais. O fato é que com o crescimento das áreas urbanas tomando o espaço do que era rural, a manutenção da tradição popular se vê ameaçada pela indústria cultural de massa. O interesse na continuidade da tradição, mesmo que seja através do turismo, pode ser visto como positivo na opinião de muitos estudiosos.

“Gostaria de ver a festa divulgada para o turista consciente, para valorizar a raiz da Festa, a tradição da população de Penha” (José Eduardo Pereira).

Em Penha, a vontade da população em transformar a Festa do Divino em atrativo turístico é fato, os mais velhos querem ver suas tradições culturais valorizadas e conhecidas, e os mais jovens querem a cidade com mais movimento de pessoas, querem aproveitar a vida e curtir os momentos de lazer e encontros propiciados pelas festas populares. Estas questões estão explicitadas nas falas a seguir:

“Gostaria de ver a festa divulgada como atrativo turístico. Depois de ver o Quarto Açor eu dei mais valor ainda a nossa festa, a importância da festa lá fora. É histórica essa festa” (Rose Batista Bastos).

“Eu tenho um sonho que é ser prefeito de Penha, por causa da Festa do Divino. Eu e todos os penhenses temos o sonho de ver a festa divulgada” (José Olavo Coelho, Mestre Folião).

A Festa do Divino movimenta a cidade, quem não participa diretamente é um espectador assíduo. Todos da comunidade possuem um parente ou amigo que fazem parte da organização da festa, já foram Imperadores, empregados, espadim, ou menina dos sete dons.

Em outro momento, sentimos a preocupação da comunidade com a precariedade da infra-estrutura oferecida pela cidade, em alguns depoimentos coexistem a vontade de divulgar

a festa e trazer turistas para conhecê-la e o reconhecimento de uma situação não favorável decorrente da falta de meios para abrigar e servir estes turistas.

“Se a cidade tivesse mais estrutura... antes de se pensar na divulgação da Festa como atrativo tem que melhorar a cidade para os moradores” (José Eduardo Pereira).

Por outro lado, existem pessoas da comunidade com elaboradas teorias a respeito de como trabalhar as crianças, moradoras de Penha, no sentido de conhecerem as origens e história da festa e das tradições açorianas, para valorização de sua identidade cultural e melhor compreensão dos rituais da Festa do Divino.

“Acho que deve ter um trabalho nas escolas daqui , a gente já fez um projeto sobre isso, assim as pessoas aprendem a valorizar a Festa do Divino e a compreender melhor” (Suselli Anacleto).

O que nos surpreendeu na pesquisa foi o entusiasmo dos informantes quando perguntados a respeito da possibilidade de investimento na Festa do Divino como atrativo turístico; os mesmos não só simpatizam com a idéia, como estão conscientes e preparados para esta escolha. Teorizam desde a preparação da cidade com criação de infra-estrutura própria para receber os turistas (conforme descrito anteriormente), e tem bem definido o tipo de público que apreciaria assistir aos rituais da Festa.

“Gostaria muito de ver a Festa divulgada como atrativo turístico, mas tem que ter uma reformulação na estrutura da Festa sem tirar as características” (Suselli Anacleto).

“O acesso é péssimo, os hotéis são poucos , falta água no verão e área de estacionamento não tem”... “O público alvo seria a terceira idade, famílias, casais com filhos” (José Eduardo Pereira).

“Turistas com preparo religioso dá certo” (Djalma Pereira).

“O público religioso tem fé e não vem bagunçar” (Maria da Graça Pereira).

“Acho que no caso da divulgação, só vai vir aqui pessoas que acreditam no Divino, historiadores e curiosos da Festa, então no meu entender está tudo bem” (Rose Batista Bastos).

Estão conscientes que devem ser cautelosos não só com o público alvo mas também no cuidado de como fazer a divulgação pela importância da festa na vida da comunidade.

“Teria que ser aquele turista que desse valor a nossa cidade que respeitasse os moradores”... “A divulgação da Festa seria uma responsabilidade bastante pesada” (Carla dos Santos).

Estão cientes do valor da tradição da festa para a comunidade e que a transformação da mesma também em atrativo turístico pode comprometer o significado e o andamento dos rituais.

“Tem que distribuir uma instrução no município de como é feita a Festa para as pessoas virem preparadas . Caderno de instrução , dizendo que a festa tem uma tradição que não pode ser quebrada”... “Com os turistas a festa não vai descaracterizar porque é feita pelo povo da Penha . Eles só vão observar (os turistas)” (Djalma Pereira).

Acreditam que a união de esforços em torno do planejamento da estrutura da cidade, divulgação da festa e organização de toda a comunidade para recepcionar estes turistas preparando-os para o que vão assistir; é uma tarefa que cabe a todos da comunidade e também às instituições governamentais locais, religiosas e culturais.

“Para isso acontecer, temos que unir de novo a igreja, o Imperado , a Prefeitura, com o departamento de cultura e turismo” (Suselli Anacleto).

Em termos de benefícios decorrentes da divulgação da festa como atrativo turístico, acreditam que para a economia do município haveria um estímulo interessante pelo fato da sazonalidade. Bem como a divulgação do município como um todo, oportunizando pessoas a conhecerem as praias, o entorno da cidade, havendo a possibilidade de retorno das mesmas em outras ocasiões e temporadas.

Um dos informantes acredita que, para a Igreja Católica e a Paróquia Nossa Senhora da Penha, seria uma forma de utilizar a festa como marketing religioso, atraindo mais devotos. Outro informante questiona o fato de que a cultura açoriana é tão rica em Santa Catarina e ao mesmo tempo tão pouco explorada pelo turismo. Exemplifica estabelecendo um paralelo entre o Nordeste do Brasil e a procura pelo turismo, e o turismo cultural em Santa Catarina, especialmente relacionado à cultura açoriana, questionando porque funcionam tão pouco estes atrativos em nosso Estado.

“Todo mundo conhece a cultura e o folclore do Nordeste e a nossa cultura açoriana! Todo mundo gosta de capoeira porque não gostar de uma festa de santo! Tem dança, tem música” (Suselli Anacleto).

Constatamos também nos discursos a exaltação da beleza dos rituais da festa e seus adereços. A questão estética tão importante; componente que dialoga perfeitamente com o turista, atraindo sua atenção, fazendo - o deleitar-se com as formas, cores e seqüências dos rituais acompanhadas de música, roupas especiais, procissões e cantorias. São quatro procissões, é a única festa de Santo com esta característica.

“A Festa do Divino tem quatro procissões, normalmente festa de igreja só tem uma” (José Olavo Coelho, Mestre Folião).

Segundo Giovannini Júnior (2001 p. 159 *apud* Banducci),

Diferentemente das Romarias, que também se referem a mitos bíblicos, por meio das quais esses mitos são reinventados, revestidos por histórias sobre as origens de santuários e das peregrinações, a procissão narra o mesmo fato mítico, mostrando-se original, não na seqüência de fatos, mas na forma como os apresenta. As procissões – em seus primórdios na Europa – tinham o caráter de grandes espetáculos de rua, incluindo pequenos autos dentro dos cortejos.

Nas entrevistas constatamos também a preocupação com a “preparação do turista” no sentido de dar a ele conhecimento prévio do significado dos rituais para que possam compreender e “respeitar a festa”. Acreditam que o turista com “preparo religioso”, ou seja, aquele que conhece a Religião Católica, os ensinamentos Bíblicos, é fiel à Santíssima Trindade, assistirá aos rituais sagrados com respeito.

Segundo a comunidade, o perfil de turista que teria interesse na Festa do Divino e não interferiria nos rituais seriam os “estudiosos da festa”, pesquisadores, antropólogos e turismólogos.

Emergem algumas idéias de como comunicar aos turistas o significado da festa e o desenvolvimento dos rituais, acreditando-se que, de posse dessas informações, ele “respeitaria a festa”.

A distribuição de cartilhas explicativas e a formação de guias turísticos especializados, que possam passar informações corretas para conscientizar o turista da importância da Festa do Divino em função da comunidade local, poderiam, conforme depoimentos dos informantes, resolver este problema. Segundo Barretto (2001, p.80):

Assim como acontece no turismo ecológico, no “turismo de tradição”, é fundamental trabalhar com guias. Do castelo de Kent, na Inglaterra, à Havana Velha, em Cuba, o guia desempenha papel fundamental entre o visitante e o patrimônio, pois, por um lado, presta informações, e por outro, cuida para que o patrimônio seja respeitado .

A Festa do Divino é um bem cultural produzido e desfrutado pela comunidade de Penha e região e deve ser compreendida pelo turista não como espetáculo, mas como um conjunto de ações que tem um significado profundo na vida social e afetiva da localidade.

A não interferência por parte dos turistas, respeitando a comunidade local, durante os procedimentos rituais, se fundamenta no valor da festa para a comunidade. Nada impede que o turista tome parte na parte profana da Festa. Afinal, um “bem cultural” pode ser desfrutado por locais e turistas que poderão estabelecer um bom relacionamento de trocas culturais, afetivas e econômicas.

Segundo Menezes (1999, p. 99) “No turismo, como em outras faixas da cultura, o que está em pauta, em última análise, não são bens, sentidos e valores. São relações entre os homens. O tipo de turismo que propusermos e praticarmos dependerá do tipo de relações que julgarmos aceitáveis e desejáveis pelos homens”.

Na seqüência, apresentamos um quadro demonstrativo de como organizamos os depoimentos dos informantes.

Quadro 10– Exemplo dos Discursos com Relação à Festa do Divino como Produto Turístico

<p>Tema A Festa do Divino como produto Turístico Grupo I</p>	<p>Expressões – Chave</p>	<p>Idéia Central</p>
<p>Djalma Pereira (Imperador 2002) e Maria da Graça (Imperatriz 2002)</p>	<p><u>Turistas com preparo religioso dá certo.</u> Quando se trata de religião e fé <u>não se pode impor limites.</u> <u>O público religioso tem fé e não vem bagunçar.</u> <u>Tem turista que vê a Festa pela primeira vez e chora de emoção.</u> Parece que o turista fica tão concentrado que já é fiel há muitos anos. <u>Tem que distribuir</u> uma instrução no município de como é feita a festa, <u>para as pessoas virem preparadas.</u> Caderno de <u>instrução</u>, dizendo que <u>a festa tem uma tradição</u> que não pode ser quebrada. A pessoa pode vir, <u>mas tem que respeitar.</u> Com os turistas a festa não vai descaracterizar porque é feita pelo povo da Penha. <u>Eles só vão observar (os turistas).</u></p>	<p>Existe uma preocupação (legítima) em relação aos turistas que vierem assistir à festa. Os mesmos terão que respeitar os rituais, e as pessoas que participam deles. O público religioso seria uma boa opção, porque já está preparado. Para outro tipo de turista uma cartilha explicativa seria necessária.</p>
<p>José Olavo Coelho (Mestre Folião)</p>	<p><u>Eu tenho um sonho, que é ser prefeito de Penha, por causa da Festa do Divino. Não é só eu, todos os Penhenses tem esse sonho de ver a Festa divulgada.</u> A festa é uma riqueza que <u>deve ser mostrada.</u> A Festa do Divino tem quatro procissões, normalmente festa de igreja só tem uma. A primeira coisa que eu faria era <u>chamar o Globo Rural para divulgar</u> a Festa. Depois eu botava ela no <u>cenário turístico nacional</u> como <u>festa religiosa e turística também.</u> Eu <u>divulgaria</u> chamando o Ministro da Cultura, Secretário da Educação e Cultura do Estado e <u>pessoas ligadas à cultura para</u></p>	<p>Toda a comunidade deseja ver a Festa divulgada. Ela deve ser mostrada, divulgada como produto turístico.</p>

<p style="text-align: center;">Suselli Anacleto</p>	<p><u>conhecer a nossa festa.</u></p> <p>Gostaria muito de ver a festa <u>divulgada como atrativo turístico, mas tem que ter uma reformulação na estrutura da Festa sem tirar as características.</u> Para isso acontecer <u>temos de unir de novo a igreja, o Imperador, a Prefeitura, com o departamento de cultura e turismo.</u></p> <p>Todo mundo conhece a cultura e o folclore do Nordeste e a nossa cultura açoriana?</p> <p>Todo mundo gosta de capoeira <u>porque não gostar de uma festa de Santo?</u> Tem dança, tem música.</p> <p><u>Acho que falta empenho</u> ou alguém do governo que se conscientize que <u>a festa é um atrativo turístico que envolve jovem, criança, adulto, pessoas de mais idade,</u> seja pela fé, pela música, pelo evento e beleza dos rituais.</p> <p><u>Acho que deve ter um trabalho nas escolas</u> sobre a festa, a gente já fez um projeto sobre isso, assim as pessoas daqui <u>aprendem a compreender e valorizar mais a Festa do Divino.</u></p> <p>Lá na Bahia não é vergonha as mulheres vestidas de baiana e fazendo aqueles rituais, aqui parece que o povo acha meio brega.</p>	<p>Para que a Festa seja divulgada como produto turístico tem-se que primeiramente unir esforços, grupo organizador da Festa, Prefeitura e seus departamentos, a paróquia de Penha e comunidade em geral. A festa representa um atrativo completo para todas as idades, tanto para o público religioso, quanto para o que gosta de tradição e cultura.</p>
<p style="text-align: center;">Eduardo e Ingrid Pereira (filho do Imperador 2002)</p>	<p>Gostaria de ver a festa divulgada para o <u>turista consciente, para valorizar a raiz da Festa, a tradição</u> da população de Penha.</p> <p>O público alvo seria a <u>terceira idade, famílias, casais com filhos.</u></p> <p>Se a cidade tivesse mais estrutura, antes de se pensar na <u>divulgação</u> da festa como atrativo, tem que <u>melhorar a cidade</u> para os moradores.</p> <p>O acesso é péssimo, os hotéis são</p>	<p>O turista tem que conhecer para valorizar a tradição, a raiz da Festa.</p> <p>A estrutura da cidade tem que ser melhorada à divulgação. É uma festa que poderá ser explorada tanto pelo turismo religioso, quanto pelo turismo cultural.</p>

	<p>poucos, falta água no verão, área de estacionamento.</p> <p>Não vai perder a raiz porque é a população local que organiza.</p> <p>Não é para qualquer turista, quem gosta de turismo cultural, sim.</p> <p>É uma festa histórica através da qual a própria igreja católica deveria resgatar os fiéis que está perdendo. Faz parte da história da religião católica.</p>	
Maria do Carmo de Souza	<p>Eu acho que teria que ser uma <u>coisa nossa e de religião</u>. Não adianta vir um monte de gente que não tenha fé.</p> <p><u>Só se tivesse alguém</u> que desse para atender esses visitantes, <u>como nos lugares turísticos</u>, gente que explique tudo, história.</p>	<p>Poderia ser divulgada como turismo religioso, porém, seriam necessários guias, pessoas que explicassem os rituais e sua história.</p>

Quadro 11– Exemplo dos Discursos com Relação à Festa do Divino como Produto Turístico

Tema A Festa do Divino como produto Turístico Grupo II	Expressões – Chave	Idéia Central
Albertina Roling	<p>Nunca se pensou muito em divulgação porque ela é uma festa mais voltada para a comunidade.</p> <p>Acho que <u>nada impede de se fazer uma divulgação em torno do turismo</u>.</p>	<p>Nunca se pensou na divulgação da festa porque ela é muito familiar e tradicional.</p>
Zilmara Cipriano	<p>É uma festa com bastante atrativos, que reúne bastante gente, mas <u>seria legal uma divulgação para fora</u>.</p> <p>Divulgação nas outras paróquias, nas outras comunidades, esse pessoal que faz grupos religiosos. Acho que o pessoal (turistas) iriam <u>conhecer melhor a cidade</u>.</p> <p>Para a igreja também seria um grande benefício, o baile, os comes e bebes, o pessoal fica ali a noite inteira.</p>	<p>A festa seria divulgada nas outras paróquias.</p> <p>Para a paróquia Nossa Senhora da Penha seria um benefício em termos de divulgação e lucro nos eventos.</p>
José de Deus Carvalho e Rose Batista Bastos	<p>Gostaria de ver divulgado como atrativo turístico. Depois de ver o</p>	<p>A festa é histórica e deve ser divulgada para quem</p>

	<p>4º Açor eu dei mais valor ainda a nossa festa, <u>a importância da festa lá fora. É histórica essa festa.</u></p> <p>Acho que no caso da divulgação só vão vir aqui <u>peessoas que acreditam no Divino Espírito Santo, historiadores e curiosos da festa</u>, então, no meu entender, está tudo bem.</p> <p><u>Vai ser melhor para o comércio, vão vender mais casas por aqui.</u></p>	<p>acredita no Divino, ou se interessa por história e cultura.</p>
<p>Carla dos Santos</p>	<p>Acho que teria que ter um certo cuidado na divulgação, <u>também não dá para trazer todos para cá.</u></p> <p>A festa é muito significativa para a gente.</p> <p>Teria que ser aquele turista que desse valor a nossa cidade, que <u>respeitasse os moradores.</u></p> <p>A divulgação da Festa seria uma responsabilidade bastante pesada.</p>	<p>A festa necessita de cuidados na divulgação pelo fato de ser muito significativa para a comunidade, isso demandaria uma enorme responsabilidade por parte dos envolvidos.</p>

O que emerge de tudo isso é o seguinte discurso:

Quadro 12 – Discurso do Sujeito Coletivo com Relação à Festa do Divino como produto turístico

Turistas com preparo religioso dá certo, não se pode impor limites quando se trata de fé. Esse público não vem para bagunçar. Tem turista que vê a festa e chora de emoção. As pessoas (turistas) têm que vir preparadas; tem que distribuir um caderno de instrução contando a tradição da festa. A pessoa tem que respeitar. Os turistas só vão observar a Festa do Divino, é o povo de Penha que organiza. Eu e todos os penhenses temos o sonho de ver a festa divulgada. Ela é uma riqueza que deve ser mostrada. Para divulgar a festa eu chamaria o Globo Rural, depois botava no cenário turístico nacional, chamava o Ministro da Cultura, Secretários e pessoas ligadas à Cultura para conhecer a nossa festa. Para a festa ser divulgada tem que ter uma reformulação na estrutura, sem tirar as características, temos que unir a igreja com o Imperador, a Prefeitura e o departamento de cultura e turismo. Porque as pessoas não vão gostar de uma festa de Santo? No Nordeste dá certo. Acho que falta empenho. A festa é um atrativo turístico que envolve jovens, crianças, adultos e pessoas de mais idade. Acho que deve ter um trabalho nas escolas daqui, assim as pessoas aprendem a valorizar a festa e compreender melhor. Acho que nada impede de se fazer uma divulgação turística da festa. Só se tivesse alguém que explique tudo da festa, história, como nos lugares turísticos que a gente vai. Seria legal uma divulgação para fora, nas outras paróquias. Para a igreja também seria um grande benefício. A festa é histórica, seria importante uma divulgação como turismo cultural. Vai ser melhor para o comércio. Só viriam pessoas que acreditam no Divino, historiadores e curiosos da festa. Também não dá para trazer todos para cá. O público alvo seria a terceira idade e famílias com filhos (casais). A cidade tem que ter mais estrutura, primeiro melhorar a cidade para os moradores depois divulgar a festa para os turistas.

A divulgação da Festa do Divino como atrativo turístico é desejada por todos. A comunidade de Penha anseia pela divulgação da festa, pensam quão positivo seria ter uma festa tradicional e religiosa com a participação de mais fiéis e, ao mesmo tempo, ter suas tradições culturais valorizadas pelos visitantes, turistas, e conhecidas em outras regiões do país.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que através desta pesquisa conseguimos captar, nos depoimentos, o conteúdo e a forma das representações sociais mais significativas da comunidade que compõe o imaginário da Festa.

A história da Festa do Divino do Divino Espírito Santo em Penha se confunde com a história da cidade, ela é patrimônio cultural do município e pertence a cada componente da comunidade em particular. É a produção das partes que integradas formam um todo. Os moradores, cada um deles, detêm uma parte deste patrimônio, têm consciência e responsabilidade sobre este fato.

Conforme Lefèvre, (2000 p.34) “no final da busca deste imaginário contudo se obtém o que está no horizonte do pensamento de uma determinada cultura”. Concluímos neste trabalho que o pensamento de um dado indivíduo pode incluir também aquilo que outros indivíduos socialmente equivalentes verbalizam por ele.

Segundo Brandão, (1978 p. 75) “A festa traduz o culto coletivo ao Divino Espírito Santo e possui hoje um valor em si mesma, como alguma coisa que a cidade produziu de seus próprios recursos e significados e que, atualmente, é dela de um modo especial”.

Aqui o autor se refere à Festa do Divino de Pirinópolis, Goiás, onde os festejos realizam-se ainda há mais tempo do que em Penha. Esta afirmação, porém, também é válida para nossa pesquisa. Nas entrevistas, os informantes tratam a festa como “Nossa festa”.

A festa é uma produção das famílias de Penha há 167 anos, possui uma história na vida da cidade, por sua própria repetição. As características essenciais da festa são repetidas tradicionalmente por gerações; os foliões, por exemplo, são filhos ou parentes de ex- foliões, que assumiram esta posição por falecimento do pai ou doença de um dos componentes. Como a comunidade é pouco numerosa, as famílias locais se entrelaçam, casam e têm filhos entre si, perpetuando as famílias tradicionais existentes. Os entrevistados todos se conhecem e alguns apresentam parentesco. Nada melhor para conservar e manter a tradição da festa.

O potencial turístico da Festa do Divino Espírito Santo em Penha/SC é indiscutível, haja vista seus rituais preservados, vestimentas especiais, estandartes e bandeiras coloridos, bailes, barraquinhas, jogos e almoços festivos. Atrativo perfeito para o turismo cultural e religioso. Com a vantagem de que se pode planejar, pois como atrativo turístico é pouco explorado.

Todos esses atributos positivos que traduzem a Festa do Divino em Penha podem ser aproveitados pelo turismo, mesmo porque a própria comunidade deseja e espera por essa iniciativa.

Acreditamos que esse empenho, segundo informantes, partiria da Prefeitura local, através da Secretaria de Turismo. Ao mesmo tempo, a Secretaria de Educação e Cultura acredita que a festa é muito familiar e tradicional e que as pessoas envolvidas não gostariam de vê-la divulgada para “fora”. Não nos cabe aqui alongar essa discussão, o que reiteramos é a vontade da comunidade, explicitada nas entrevistas, de “mostrar a festa” e transformá-la em produto turístico.

O parque temático *Beto Carrero World* não alavancou o turismo na região como era esperado. Ele funciona como uma ilha, onde os turistas aproveitam o dia, brincando, fazendo suas refeições, dentro do parque e voltando a seus lugares de origem sem conhecer a localidade sede do parque, portanto Penha. Geralmente compraram passaporte para mais de um dia, pernoitam em Balneário Camboriú, pela proximidade e qualidade da rede hoteleira ofertada.

Evidentemente, houve sim, algum desenvolvimento no município, decorrente da instalação do parque: pequenas pousadas foram construídas no entorno, porém, por serem poucas e pequenas, não abrigam a demanda do *BCW*. Empregos também foram gerados, contudo a cidade de Penha apresenta um crescimento inferior em relação à expectativa gerada pela instalação do Parque.

As praias de Penha, conforme dito anteriormente, propiciam ao turistas no verão atrativos formidáveis, com lugares para mergulho, surfe, e praias de águas calmas. Muitos veranistas possuem casas na localidade, fato que movimenta bastante a cidade nos meses de janeiro e fevereiro.

Analisando esta situação, percebemos a necessidade de elaboração e posterior implantação de planos para o desenvolvimento do turismo cultural e/ou religioso na localidade, legitimado pela vontade da comunidade e explicitado nas entrevistas realizadas no decorrer da pesquisa. Plano esse que aponte as diretrizes necessárias para um desenvolvimento turístico ordenado, apontando as necessidades em termos de estrutura do município e marketing adequado, levando em consideração o significado da Festa do Divino Espírito Santo para a comunidade e os elementos sócio-econômicos, ambientais e culturais envolvidos.

O presente trabalho de dissertação poderá ser utilizado como um dos recursos para embasar um plano turístico que divulgue o município de Penha, com o diferencial Festa do Divino Espírito Santo, agregando valor à região.

Acreditamos também que nossa pesquisa poderá auxiliar outros pesquisadores, cujo trabalho seja tanto a respeito da região de Penha, como também a própria festa como manifestação cultural. Pretendemos em futuro próximo aprofundar nossa análise, dando continuidade às pesquisas sobre a festa, em um programa de doutorado.

Esperamos que sejam observados sempre os anseios da comunidade, como indica a metodologia da Organização Mundial do Turismo - OMT, que reforça esta posição na elaboração de metas para o desenvolvimento dos destinos turísticos. Acreditamos que esse componente seja o mais eficaz para gerar um desenvolvimento turístico sustentável, neste caso, brindando aos turistas com um espetáculo de tradição e cores, esteticamente prazeroso, e proporcionando à comunidade de Penha a qualidade de vida que ela merece.

7 REFERÊNCIAS

7.1 Bibliográficas

AYALA, M. IGNEZ, M. AYALA, N. **Cultura Popular no Brasil**. São Paulo: Ática, 1987.

AVIGHI, C. M. **Turismo Globalização e Cultura**. In: LAGE B. H. G.; MILONE P. C. (orgs) **Turismo, Teoria e Prática**. São Paulo: Atlas, 2000.

AZZAN JR., C. **Antropologia e Interpretação, explicação e compreensão das antropologias**. De Levi-Strauss e Geertz. Campinas: UNICAMP, 1993.

BANDUCCI JR., A. & BARRETO, M. (orgs). **Turismo e Identidade Local**. Uma Visão Antropológica. Campinas: Papyrus, 2001.

BARRETO, M. **Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo**. Campinas: Papyrus, 1999.

_____. **Turismo e Legado Cultural**. Campinas: Papyrus, 2001.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução: Centro Bíblico Católico. 34. ed. rev. São Paulo: Ave Maria, 1982.

BOUDON, R.; BOURRICAUD, F. **Dicionário Crítico de Sociologia**. São Paulo: Atica, 1993.

BRANDÃO, C. **O Divino o Santo e a Senhora**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1978.

CABRAL, O. R. **História de Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 1994.

CAMPOS, A. **São Sebastião da Foz do Rio Tijucas Grande**. Tijucas: Edição Jornal do Povo, 1998.

DA MATTA, R. **Relativizando: uma introdução à antropologia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

_____. **De Outros Carnavais, in: Sexta Feira**, São Paulo: Pletora, abril, 1998.

DENCKER, A. de F. M. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo**. São Paulo: Futura, 1999.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões**. Lisboa: Livros do Brasil, s.d.

FANTIN, M. **Cidade Dividida**. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FARIA, V. F. **Dos Açores ao Brasil Meridional: Uma viagem no Tempo**. Florianópolis: UFSC, 1998.

FELIX, E. **Iconografia e Simbólica do Espírito Santo nos Açores.** Santa Casa de Misericórdia da Praia da Vitória: Açores, 1996.

FRANZINI, R. X. G.; BRUNO, P. L. **“Os Parques Temáticos e a Indústria do Entretenimento”**. In: ANSARAH, M. G. (org.) Turismo Segmentação de Mercado. 4 ed. São Paulo: Futura, 2001.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIACALONE, F. **Festas e Percursos de Educação Intercultural**. In: Fleuri, R.M.(org.). Intercultura e Movimentos Sociais. Florianópolis: UFSC, 1998.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GIOVANNINI JÚNIOR, O. **Cidade presépio em tempos de paixão**. Turismo e Religião: Tensão, negação e inversão na cidade histórica de Tiradentes. In: Banducci Jr. e Barreto M. (Orgs). Turismo e Identidade Local uma Visão Antropológica. Campinas: Papirus, 2001.

GOLDENBERG, M. **A Arte de Pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GOMES, N.; PEREIRA, E. **Flor do Não Esquecimento. Cultura Popular e Processos de Transformação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

KIDDER, L. H. **Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais**. São Paulo: EPU, 1987.

LA BURTHE, P. WARNIER J. P. **Etnologia Antropologia**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LAPLANTINE, F. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LAVILLE, C. DIONNE, J. **A Construção do Saber**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LEFÈVRE, F. LEFÈVRE, A. TEIXEIRA, J. **O Discurso do Sujeito Coletivo**. Caxias do Sul: EDUCS, 2000.

LIMA, M.C.B. **A Introdução do Culto do Espírito Santo no Açores e sua Influência na Simbólica e Arquitetura Religiosa dos Séculos XV e XVI** In: Colóquio Internacional de Simbologia: Os Impérios do Espírito Santo e a Simbologia do Império.(2) Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da Ilha Terceira. Açores, 1984.

MENEZES, U. B. **Os usos culturais da cultura in: Yazigi, E. et al (orgs.) Turismo Espaço Paisagem e Cultura**. São Paulo: Hucitec, 1999.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 2000.

_____. **Pesquisa Social. Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

NADEL, S. F. **Compreendendo os Povos Primitivos**. In: Bianco B. F. (org). Antropologia das Sociedades Contemporâneas. Métodos. São Paulo: Global, 1987.

NUNES, L. P.S. **Festa do Divino Espírito Santo 250 anos depois**. In: Alves, J.C. (org) Congresso Internacional das Festas do Divino Espírito. Florianópolis: UFSC, 2000.

OLIVEIRA, Pe.L.C.de. **Seminário Litúrgico-ano XXXII-Nº25-19/05/2002-Ano A.Aparecida**: Editora Santuário, 2002.

OFICIO DA PARÓQUIA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DE ITAJAÍ, 09/05/95. **O Espírito Santo na religiosidade popular**. Itajaí: Paróquia do Santíssimo Sacramento, 1995.

PEIRANO, M. **O Dito e o Feito**. Ensaios de Antropologia dos Rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

PELLEGRINI, F. A. **Ecologia, Cultura e Turismo**. Campinas: Papyrus, 1993.

PINHEIRO, A. **Fiéis festejam o Espírito Santo**. Jornal de Santa Catarina, Blumenau, 4 jun. 2001.5B.

RIBEIRO, L. S. **Etnografia Açoriana**. Obras I. Centenário Ribeirano. Angra do Heroísmo, Açores: Instituto Histórico da Ilha Terceira, Secretaria da Educação e Cultura, 1982.

RODRIGUES, M. **Preservar e consumir o patrimônio histórico e o turismo**. In: FUNARI, P.; PINSKY, J. (orgs) Turismo e Patrimônio Cultural. São Paulo: Contexto, 2003.

SANTOS, S. C. **Nova História de Santa Catarina**. Florianópolis: Terceiro Milênio, 1998.

SEGALEN, M. **Ritos e Rituais Contemporâneos**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SERPA, G. A., SOUZA, C. B. **Penha: A História para todos**. Florianópolis: Paralelo 27, 1995.

SERPA, C. V. **A Gente dos Açores, identificação, emigração e religiosidade séculos XVI-XX**. Lisboa, Portugal: Prelo, 1978.

SILVA J. F. **História do Município de Penha**. Curitiba: Imprensa, 1971.

TRIGO, L. G. G. **A Sociedade Pós-Industrial e o profissional do Turismo**. Campinas: Papyrus, 1995.

7.2 Eletrônicas

CARTAS DE GOIÁS-EMBRATUR, Instituto Brasileiro de Turismo. Matéria disponível em: <http://200.236.105.128/destaque/materia.htm>. Acesso em 22 jun. 2001.

CARVALHO, C. L. EMBRATUR, Instituto Brasileiro de Turismo. Turismo e Patrimônio Cultural. Artigo disponível em: <http://200.236.150.128/destaque/artigo.htm> Acesso em 22 jun. 2001.

EMBRATUR, Instituto Brasileiro de Turismo. Texto Disponível em: <http://200.236.105.128/>. Acesso em 21 de jun 2001.

HOTEL CONEXÃO. Mapa Disponível em: <http://www.hotelconexao.com.br> Acesso em 19 de jul. de 2003.

IBEGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Texto Disponível em: <http://www.ibege.gov.br>. Acesso em 26 de jul. de 2002.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Texto Disponível em: <http://www.iphan.gov.br>. Acesso em 24 de jun 2002.

OMT, Organização Mundial do Turismo. Texto Disponível em: <http://www.world-tourism.org/>. Acesso em 14 de jul. 2003.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PENHA. Texto Disponível em: www.penha.sc.com.br. Acesso em 20 jun. 2001.

SILSU TRAVEL. Mapa Disponível em: <http://www.silsutrael.com.ar>. Acesso em 20 de jul. de 2003.

7.3 Orais

ADRIANO, V. C. 42 anos. (jornalista) Entrevista concedida à Olinda Schaufert. Penha: 25/02/2000.

ANACLETO, S. B. 23 anos. (funcionaria da secretaria de educação) Entrevista concedida à Olinda Schaufert. Penha: 23/01/2003.

BASTOS, R. M. B. 47 anos. (comerciante) Entrevista concedida à Olinda Schaufert. Penha: 25/01/2003.

CARVALHO, J. D. 74 anos. (comerciante) Entrevista concedida à Olinda Schaufert. Penha: 25/01/2003.

COELHO, J. O. 59 anos. (armador) Entrevista concedida à Olinda Schaufert. Navegantes: 08/02/2003.

CIPRIANO, Z. G. 19 anos. (comerciante) Entrevista concedida à Olinda Schaufert. Penha: 22/01/2003.

LEITE, J. 42 anos. (pároco da Igreja Nossa Senhora da Penha) Entrevista concedida à Olinda Schaufert. Penha: 28/01/2003.

PEREIRA, J. E. 23 anos. (estudante) Entrevista concedida à Olinda Schaufert. Itajaí: 14/01/2003.

PEREIRA, I. A. 26 anos. (estudante) Entrevista concedida à Olinda Schaufert. Itajaí: 14/01/2003.

PEREIRA, M. G. 52 anos. (dona de casa) Entrevista concedida à Olinda Schauffert. Penha: 12/01/2003.

PEREIRA, D. J. 58 anos. (empresário) Entrevista concedida à Olinda Schauffert. Penha: 12/01/2003.

ROLING, A. 46 anos. (secretária de Educação de Penha) Entrevista concedida à Olinda Schauffert. Penha: 23/01/2003.

SOUZA, M. C. B. 58 anos. (dona de casa) Entrevista concedida à Olinda Schauffert. Penha: 26/01/2003.

SANTOS C. C. 17 anos. (funcionária da prefeitura) Entrevista concedida à Olinda Schauffert. Penha: 26/01/2003.

8 APÊNDICES

APÊNDICE 1 - ROTEIRO UTILIZADO NAS ENTREVISTAS

Nome:

Idade:

Atividade/ relação com festa:

- 1- Há quanto tempo participa da Festa do Divino Espírito Santo em Penha?
- 2- Que motivo ou motivos o levaram a participar da festa?
- 3- A festa é importante para sua família? Quantos membros participam ou já participaram da festa?
- 4- Para a comunidade de Penha o que representa a festa? Dê sua opinião.
- 5- De que maneira se organiza a Festa do D.E.S? Existe um grupo de pessoas que se responsabiliza por esta organização? Quem são e como fazem?
- 6- Em que momento os jovens pertencentes à comunidade de Penha participam da festa? Em sua opinião eles darão continuidade a tradição? Por quê?
- 7- Dentre os rituais qual o mais apreciado pela comunidade? Por quê? Fundamente sua opinião.
- 8- Você como morador de Penha gostaria de ver a festa divulgada como atrativo turístico do município?
- 9- Acredita que esta divulgação e em consequência disto o aumento de turistas durante as festividades traria benefícios para a localidade ou não?

APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Fui informado (a) que está sendo realizada uma pesquisa com o título: Festa do Divino Espírito Santo em Penha Importância para o Turismo Local. Sob a responsabilidade de Olinda Teresinha Fernandes Schauffert, aluna do curso de Mestrado em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI.

Analisei a possibilidade de participar de uma entrevista que durará no máximo uma hora, contendo perguntas relacionadas à Festa do Divino Espírito Santo, caso eu aceite participar desta como entrevistado (a) meu nome _____ aparecerá quando forem apresentados e divulgados os resultados da pesquisa.

Não receberei nenhum tipo de pagamento por participar deste estudo. Não sofrerei nenhum tipo de prejuízo ou punição se, mesmo depois que começar a entrevista, eu resolver parar ou não quiser responder algumas perguntas.

Estou de acordo em participar da pesquisa, no momento assino este termo de consentimento, junto ao pesquisador.

Cidade, _____ de _____ 2002.

Participante:

Pesquisador:

9 ANEXOS

ANEXO A

**PROGRAMAÇÃO DA FESTA DO DIVINO ESPIRÍTO SANTO DE PENHA
NO ANO 2000**

ANEXO B

**CARTAZ DA FESTA DO DIVINO ESPIRÍTO SANTO DE PENHA
NO ANO 2001**

ANEXO C

**PROGRAMAÇÃO DA FESTA DO DIVINO ESPIRÍTO SANTO EM PENHA
NO ANO 2002**

ANEXO D

FOLDER DE DIVULGAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PENHA 2003

ANEXO E

**FOLDER'S DE DIVULGAÇÃO DA CAPELA DE SÃO JOÃO BATISTA, ARMAÇÃO
DO ITAPOCORÓI E PRAIA GRANDE - PENHA 2003**

ANEXO F

FOLHETO DE DIVULGAÇÃO DA PRIMEIRA FESTA AÇORIANA

ANEXO G

FOLHETO DE DIVULGAÇÃO BETO CARRETO WORLD